



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZÔNAS - UEA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS - PPGICH
MESTRADO EM CIÊNCIAS HUMANAS

JEFERSON BASTOS DE SOUZA

O CAMINHO DA BRUXA COMO FRONTEIRA DA POSSIBILIDADE: Um estudo etnográfico sobre as experiências de vida nos grupos de bruxaria da cidade de Manaus - Clã Ixanaki, Ordem Mística Templo de Oríon (OMTO) e Tradição Trina Essência (TTE)

Manaus/AM
2023

JEFERSON BASTOS DE SOUZA

O CAMINHO DA BRUXA COMO FRONTEIRA DA POSSIBILIDADE: Um estudo etnográfico sobre as experiências de vida nos grupos de bruxaria da cidade de Manaus - Clã Ixanaki, Ordem Mística Templo de Oríon (OMTO) e Tradição Trina Essência (TTE)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – PPGICH/UEA, como requisito final para obtenção do título de mestre em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

Orientador: Prof. Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves.

Manaus/AM
2023

Catalogação na fonte

Bibliotecária responsável: Sásghala Maciel CRB11/673-AM

S729c Souza, Jeferson Bastos de

O caminho da bruxa como fronteira da possibilidade: um estudo etnográfico sobre as experiências de vida nos grupos de bruxaria da cidade de Manaus - Clã Ixanaki, Ordem Mística Templo de Oríon (OMTO) e Tradição Trina Essência (TTE) / Jeferson Bastos de Souza; orientador Luiz Davi Vieira Gonçalves. - - Manaus, AM: [s.n], 2023.

139p.; il. col.; 31cm.: Publicação digital (.pdf)

Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH). Universidade do Estado do Amazonas. Escola Superior de Artes e Turismo, 2023.

Inclui referências, p.134-139.

Publicação digital disponível em: <https://pos.uea.edu.br/cienciashumanas/>

1. Manaus 2. Bruxarias 3. Espiritualidades 4. Rituais 5. Corporalidades I.Gonçalves, Luiz Davi Vieira II. O caminho da bruxa como fronteira da possibilidade.

CDU 398.47(811.3)(043.3)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos Deuses por terem me conduzido até a realização desta pesquisa e aos espíritos das florestas dessa terra chamada Amazonas. Agradeço a minha mãe Edmeia Bastos que sempre me apoiou em todas as minhas decisões e me ajuda desde a minha graduação, assim como as minhas irmãs e irmãos. Agradeço as amigas queridas que o mestrado me deu de presente, em especial Lia Mandeslberg que me ajudou em todas as fases do curso e com quem tive uma troca honesta, generosa e muito produtiva.

Agradeço ao meu orientador Dr. Luiz Davi Vieira que me acompanha em orientações de TCC, Iniciações Científicas e projetos de extensão desde a minha graduação e também agradeço a banca composta pelas professoras Dr^a. Marina Vanzolini e Dr^a. Verônica Fabrini que muito me ajudaram com comentários e palavras inspiradoras sobre o meu trabalho que sem dúvidas ainda irão reverberar por muito tempo.

Agradeço as bruxas e as bruxarias que encontrei ao longo da minha caminhada sacerdotal e acadêmica. Em especial a Nailah Ethne, Sísi Rolim, Beth Guimel, Kaikala Naiá, Gaael Geburah, Viviane Costa, Karina Bezerra, Lilo Assenci, Brann Farrel, Rafael Nôleto e Verônica Fabrini. Agradeço muitíssimo aos grupos e os integrantes que aceitaram fazer parte desta pesquisa o Clã Ixanaki, a Ordem Mística Templo de Oríon e a Tradição Trina Essência e também agradeço aos outros dois grupos existentes em Manaus, a Tradição Farreliana de Manaus e o Coven Lua do Norte que no início desta pesquisa se mostraram favoráveis em fazerem parte deste estudo. Agradeço também ao meu querido amigo e colaborador Hakan Ethne sem o qual não teria sido possível elaborar as edições do Encontro Pagão Amazônico que foi uma produção muito importante que minha pesquisa proporcionou.

Agradeço a FAPEAM pela bolsa concedida para desenvolver a pesquisa e ao PPGICH pela oportunidade de realizar essa pesquisa em uma perspectiva interdisciplinar. Agradeço ao Diretório de Pesquisa Tabihuni e toda a equipe pela oportunidade de ter feito parte de trabalhos e projetos que ajudaram na construção da minha dissertação. Agradeço ao *Bahserikowi* - Centro de Medicina Indígena por serem tão abertos e solícitos a comunidade externa e a parceria estabelecida entre Tabihuni e *Bahserikowi*, sem qual não teria possível pensar partes da dissertação. Agradeço ao Centro de Umbanda Caboclo Ventania que também foi muito importante para que eu pensasse em partes relevantes da minha dissertação. E por fim, agradeço a magia que sempre esteve presente na minha vida!

Muito Obrigado!

RESUMO

Esta pesquisa é fruto de dez anos de experiências pessoais com o universo do Bruxaria e do Paganismo Contemporâneo na cidade de Manaus, vivências estas, que muito influenciaram no desenvolvimento e tessitura deste trabalho. Este estudo teve como objetivo investigar o movimento díspar das bruxarias existentes na cidade de Manaus, por meio das experiências de vida, mágicas, ritualísticas, espirituais, xamânicas e das expressões próprias dos integrantes e grupos pesquisados. Nos apoiamos na lente teórica e metodológica dos Estudos da Performance, em específico a Antropologia da Performance, por entendermos que essa pesquisa, por estar apoiada nas experiências, atravessa campos do saber, adentrando também a antropologia, por meio da etnografia; pelos estudos do corpo e das corporalidades; da Arte, através da Performance e do Teatro. Adotamos, para tanto, autores da história, das ciências da religião, da antropologia social e da própria bruxaria. Mediante a interdisciplinaridade desta pesquisa, que pleteia repensarmos os modos de aprender, conhecer e agir na sociedade contemporânea, em especial a crítica aos enquadramentos e legitimação do conhecimento herdado pelo modelo científico e suas instituições, esse estudo mobiliza e aponta pistas epistêmicas consideradas foras do eixo.

PALAVRAS-CHAVE: Manaus; Bruxarias; Espiritualidades; Rituais; Corporalidades

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Nailah Ethne em várias ocasiões, bebendo e se divertindo com os amigos; fazendo sua entrega ao seu Orixá; em um ritual com suas filhas e realizando uma apalestra no Dia do Orgulho Pagão	64
Foto 2 – Sísi Rolim caracterizada como a Deusa Fleidaes.....	78
Foto 3 – Minha iniciação ao Segundo Grau, ainda quando fazia parte da Tradição Fareeliana de Manaus	80
Foto 4 – Pentagrama de Folhas que eu confeccionava a cada apresentação da performance-Ritual Corpos Elementias.....	87
Foto 5 – Celebração do Solstício de Verão da Tradição Trina Essência (TTE) em um flutuante de Manaus em 2021.....	98
Foto 6 – Celebração do Sagrado Feminino no Cã Ixanki em 2019.....	102
Foto 7 – Celebração do Sagrado Feminino no Clão Ixanaki em 2019.....	102
Foto 8 – Primeira Celebração do Sagrado Queer no Clã Ixanaki em 2020.....	105
Foto 9 – Árvore onde foi amarrada a fita da Celebração de Beltane em 2021.....	108
Foto 10 – Povo Cigano no ritual do Chá Cigano da Ordem Mística Templo de Oríon.....	110
Foto 11 – Banquete do ritual do Chá Ciagano da Ordem Mística Templo de oríon.....	110
Foto 12 – Prática de Imersão no Escuro da Floresta em 2021.....	118
Foto 13 – Performance-ritual UKUSE no momento em que o seu Durvalino aplica <i>bahsesé</i> no Centro de Medicina Indígena em 2021.....	124

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

COVID-19 - Coronavírus
EPA - Encontro Pagão Amazônico
OMTO - Ordem Mística Templo de Oríon
TTE - Tradição Trina Essência
TFM – Tradição Farreliana de Manaus

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	17
1. O TEU CORPO É A TUA MAGIA E O TEU PORTAL: Afeto, magia e ritual nas experiências pessoais de três bruxas da cidade de Manaus	47
1.1. <i>A magia é o que torna a minha realidade a realidade que ela é: A dança afetiva de Nailah Ethne</i>	48
1.2. Flor que não se cheira: A música e a magia de Sísi Rolim.....	65
1.3. Meu nome é Evan Donnavan: Um relato de experiências de um artista de f(r)icção.....	79
2. EU SOU ABRUXARIA: Pertencimento, criatividade e autoexpressão nas experiências mágicas e ritualísticas dos grupos de bruxaria da cidade de Manaus	91
2.1 O oráculo da água: Magia e processo criativo no ritual Imersão com as Águas da Vida.....	92
2.2 A música é a oferenda: A presença da arte e da musicalidade no Banquete de Hekate da Tradição Trina Essência.....	96
2.3 Sagrado Queer: A identidade mágica e ritualística do Clã Ixanaki.	101
2.4 O ritual do Chá Cigano: Diálogos inter-religiosos na Ordem Mística Templo de Oríon.....	108
3. NO CALDEIRÃO DA MAGIA AMAZÔNICA: Corporalidades e inter-relações espirituais na cidade de Manaus	113
3.1. Quem tem medo do escuro da floresta: Por uma epistemologia da escuridão.....	116
3.2. UKUSE - bahse merise – DIÁLOGOS – arte e <i>bahsesé</i> : Experiência e formação junto ao Centro de Medicina Indígena.....	120
3.3. <i>Uma rosa na mão e um feitiço no olhar</i> : Conhecimentos e aprendizados com o Povo da Esquerda no Centro de Umbanda Caboclo Ventania.....	128
Considerações em processo	133
Referências Bibliográficas	134

APRESENTAÇÃO

Não adentrei ao universo do Paganismo Contemporâneo e da Bruxaria porque queria fazer pesquisa, adentrei porque queria aprender magia e conseqüentemente, depois de alguns anos e por conta de um acontecimento muito específico, acabei fazendo pesquisa. Ao acompanhar a apresentação de uma pesquisa de iniciação científica¹ do curso de teatro da Universidade do Estado do Amazonas (ESAT/UEA), com orientação do professor Dr. Luiz Davi, que tinha como tema “O ator como xamã” em que a atriz invocou os seres elementais da natureza logo no início, e esses se fizeram presentes, percebi então o chamado e a oportunidade para transformar em pesquisa o que estava vivenciando no meu treinamento dentro de um grupo de bruxaria da cidade de Manaus e assim foi feito. Como auxílio do meu orientador Dr. Luiz Davi, larguei o meu tema anterior, que tinha como objetivo realizar um estudo sobre a teatralidade nos espaços não-convencionais², e passei a dedicar a essa nova investigação que teve como tema “O corpo em estado alterado de consciência nos rituais da Tradição Farreliana de Manaus”.

A Tradição Farreliana é um grupo de bruxaria (neo) Pagão da cidade, ainda existente e atuante, do qual fui integrante entre os anos de 2013 a 2020. Nesse grupo, passei pelos graus de Neófito, Dedicante, Sacerdote de Primeiro e de Segundo Grau, graus esses que um membro é incentivado a galgar em sua trajetória sacerdotal dentro do grupo. A cada novo grau alcançado, realizava-se um rito de passagem para demarcar essa nova iniciação, assim, acabei passando por três ritos de passagem: o primeiro quando passei de Neófito para Dedicante; o segundo, quando passei de Dedicante a Sacerdote de Primeiro Grau e o terceiro, quando passei de Sacerdote para Elder, nomenclatura atribuída ao sacerdote de segundo grau. No mesmo período em que realizava meu treinamento dentro do grupo, exercia também o meu processo criativo como ator na minha graduação em teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Na segunda pesquisa de iniciação científica que realizei, citada anteriormente, constatei que o estado do corpo no ritual era muito semelhante com o estado do corpo do ator em cena. Esse estudo serviu como base também para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que teve como tema “Performance e(m) Bruxaria: A influência dos

¹ PAIC – Programa de Apoio a Iniciação Científica da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

² Pesquisa realizada em 2015 por meio do Programa de Apoio a Iniciação Científica da Universidade do Estado do Amazonas (ESAT-UEA) e com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

rituais da Tradição Farreliana de Manaus na construção da performance corpos elementais e o livre arbítrio do ser – experimentos ritualísticos sensórios/sinestésicos”. Por meio das práticas mágicas, ritualísticas e dos elementos constituintes dos rituais da Tradição Farreliana realizei, juntamente com outros atores³ da cidade, uma performance-ritual intitulada *Corpos Elementais* que abordava esse contexto ritualístico, tal como os rituais do grupo. Por este motivo obtive a oportunidade de experimentar e relacionar esses dois universos na prática, tanto como ator de teatro, quanto de sacerdote do grupo. Assim, essa prática que exercia de ambos os lados e que resultou em um espetáculo performativo, fez com que eu me debruçasse e explorasse a perspectiva dos estudos sobre performance, através do Diretório e Núcleo de Pesquisa e Experimentações das Teatralidades Contemporâneas e suas Interfaces Pedagógicas da UEA-ESAT que faço parte, como artista-pesquisador desde 2014.

Próximo do final da minha graduação em 2016 e por conta dessa pesquisa de iniciação científica que estava realizando, fui me aproximando cada vez mais da antropologia por meio das obras de Richard Shechener em sua relação com Victor Turner e seus estudos sobre rituais. Inclusive, foi lendo um dos textos de Turner *O processo ritual: Estrutura e antiestrutura* que tive acesso pela primeira vez a etnografia do Evans-Pritchard, que me despertou o interesse de imediato para conhecer e saber mais sobre sua obra *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Essa aproximação a antropologia foi se dando principalmente por conta das temáticas abordadas na minha pesquisa – rituais, bruxaria, magia etc – serem melhor exploradas nesse campo de estudo, pois pleiteava realizar um estudo de cunho antropológico com o grupo do qual fazia parte. Dessa forma, por meio do contato com estes e outros estudos antropológicos (GENNEP, 2013; TURNER, 2013; MAUSS, 2003; PRITCHARD, 2004) tive a oportunidade de conhecer e me inteirar, ainda de forma introdutória, sobre como e o que estava sendo estudado a respeito das temáticas que envolviam o grupo que pesquisava.

Foi nesse período então que fui embebido pela Antropologia da Performance, com os autores (DAWSEY, 2006); (SCHECHNER, 2012, 2013); (TAYLOR 2013, 2013); (TURNER, 2015). A conexão com essa categoria dos Estudos da Performance, naquele momento, se deu pelo fato de, por eu ser um artista da performance e estudar ritual, o diálogo com os estudos antropológicos era inevitável. Assim, com o fim da minha

³ Ismael Farias; Jôce Mendes e Robson Ney – A quem sou muito grato pela troca, pela paciência e pela abertura em viver essa experiência mágica, ritualística e artística.

pesquisa de iniciação científica e da minha graduação em teatro, fui aos poucos adentrando e buscando me familiarizar com os estudos antropológicos por meio de disciplinas que cursei em 2018 e 2019 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM). Em 2018 cursei as disciplinas de Antropologia da Religião ministrada pelo professor Dr. Sidney da Silva e a de Arte e Xamanismo na Antropologia ministrada pela professora Dra. Deise Lucy Montardo e em 2019 cursei a disciplina de Antropologia da Música e da Dança ministrada também pela professora Deise Lucy Montardo. Muito desse desejo de querer saber como que a antropologia trabalhava essas questões do ritual, da magia e da bruxaria se dá principalmente por eu ser um ritualista, sacerdote e bruxo. Um fato que irá ser um divisor de águas nessa minha imersão aos estudos antropológicos, foi quando soube, em uma das disciplinas que cursei no PPGAS/UFAM que já existia um debate na antropologia sobre a feitiçaria entre alguns povos ameríndios.

Esse fato foi um divisor de águas, primeiro pela surpresa de ficar sabendo da existência da feitiçaria em perspectivas indígenas, e segundo por ter sido esse o momento em que refleti sobre a questão das acusações de feitiçaria refletirem as relações sociais. Ao estudar as etnografias que versavam sobre as temáticas da bruxaria e da feitiçaria, em específico (PRITCHARD, 2004) e (VANZOLINI, 2010), logo percebi a semelhança das questões exploradas nesses estudos, no que concerne aos conflitos existentes em torno das acusações de feitiçaria, com as dinâmicas dos grupos com os quais mantive algum tipo de relação. Foi a partir dessas reflexões que passei a pensar não mais apenas na produção dos rituais, mas também nas relações sociais e afetivas que são construídas e estabelecidas entre os indivíduos e praticantes da bruxaria (neo) Pagã.

Afetado pelo campo

Ao ingressar no mestrado no primeiro semestre de 2021 pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH-UEA), minha pesquisa inicial era uma extensão do que havia feito na iniciação científica, porém agora, com dois diferentes grupos de bruxaria da cidade de Manaus, a Ordem Mística Templo de Oríon e a Tradição Trina Essência, mas ainda com o foco para o ritual. Em meio as inquietações provocadas pelos estudos que realizei na antropologia, principalmente sobre o complexo da feitiçaria, cada vez mais fui me afastando do foco inicial que era dado ao ritual, passando a me interessar pelas dinâmicas sociais desses grupos, sobretudo, pelas experiências pessoais de seus integrantes. Essas

inquietações surgiram também pela questão da constante exotização que são lançadas sobre as práticas e concepções dos sujeitos que trilham esse caminho mágico e espiritual da bruxaria. Dessa forma, ao dar enfoque único e exclusivamente para o ritual, estaria contribuindo de certa maneira com essa exotização.

O grande motivador que me guiou durante boa parte do primeiro semestre de 2021 no mestrado, foi a indagação de que essas pessoas, as bruxas e bruxos, têm uma vida repleta de experiências, que vão da magia a um problema comum do cotidiano. Estas pessoas são sacerdotisas e também são mães, pais, sacerdotes, são tarólogas e também são artistas, são cartomantes e também são terapeutas, são devotas de deusas/deuses e também são atendentes de balcão, são Pagãs e também são escritoras, algumas são cozinheiras, conhecem as propriedades mágicas de algumas plantas e ervas, gostam de se divertir e também são feiticeiras. Algumas fazem parte de grupos e outras não, mas todas são imbuídas de experiências que perpassam suas vidas e afetam seus espíritos e seus corações.

Dessa maneira, as perguntas que nortearam os objetivos dessa pesquisa, nesse primeiro semestre, estavam centradas nos integrantes, em conhecer quem são os indivíduos que compõem o corpo dos grupos de bruxaria da cidade de Manaus? Quais são os desejos, os medos, sonhos e outras questões que movem essas pessoas? De que modo a bruxaria influencia as concepções de mundo desses integrantes? E quais são as dinâmicas e relações sociais dos grupos que influenciam as suas experiências? No primeiro semestre de 2021, foram essas perguntas que mobilizaram grande parte desta pesquisa, tentando compreender os elementos afetivos que moldam a vida dessas pessoas.

Outro acontecimento que foi de suma importância nesse momento da pesquisa, foi o dia em que fui fazer a negociação, explicando do que se tratava a pesquisa, com a pessoa responsável pela Tradição Trina Essência, no primeiro semestre de 2021. Neste dia fui totalmente afetado pelo campo, tanto pela história dessa pessoa, Sísi Rolim, quanto pela música e a festa que embalaram a tarde de um almoço de domingo entre os familiares e amigos que esperavam ansiosos pela presença de Sísi, para que esta cantasse. Como mencionado anteriormente, além de não querer mais dar um enfoque para o ritual, também não queria mais tecer diálogos com a arte, em específico os Estudos da Performance, contudo, depois desse acontecimento, repensei novamente e assim voltei a acolher a performance no meus estudos e devaneios, pois concluí que essa pesquisa também fala sobre arte. Por este motivo que resolvi continuar com a base teórica e

metodológica dos Estudos da Performance, em específico a antropologia da performance, tendo em vista que o corpo é um lócus central para pensar as experiências objetivadas nessa pesquisa, pois, de acordo com essa abordagem da antropologia da performance experiência é corpo e corpo é experiência.

O giro ritual

O segundo semestre de 2021 marca a volta das celebrações do meu Clã de trabalho e família espiritual, o Ixanaki, depois de passarmos uma temporada sem nos encontramos devido a pandemia da COVID-19. Em meio aos rituais que foram sendo vivenciados ao longo desse período e que seguem sendo realizados enquanto escrevo essa dissertação, percebi que o ritual também era um aspecto muito importante das dinâmicas sociais dos grupos de bruxaria, pois como observa Cavalcanti (2020) o ritual possui uma dimensão processual e experiencial que funciona como operadores de transformações subjetivas e coletivas, nesse contexto, é o ritual que nos conduz efetivamente para o caminho da experiência humana. Por meio desse “giro ritual” no segundo semestre de 2021 voltei então a dar a devida atenção aos rituais, tendo em vista que cada grupo opera seus respectivos rituais de diferentes maneiras e/ou até mesmo criar seus próprios rituais com suas marcas e identidades, como veremos no segundo capítulo desta dissertação.

Essas confirmações, de que deveria voltar a dar o devido foco aos rituais, se efetivaram quando comecei a escrever os artigos e apresentar os meus trabalhos em eventos científicos e artísticos. Dentre os trabalhos apresentados e publicados, durante os períodos de 2021 e 2022, destaco cinco, dentre eles um de cunho artístico.

O primeiro, é um vídeo-performance, intitulado “Quem tem medo do escuro da floresta?” que foi apresentado na I Mostra⁴ do Colóquio Interinstitucional Performance como Área (2022) e na 3ª Edición do Festival Internacional de Performances Mínimas Urbanas en Vídeo – CUERPO [Rur]URBANO EM ACCIÓN (2022/2023). Essa performance versa sobre o recorte de uma experiência ritualística minha, vivenciada em 2019 e que atualmente compõe o meu repertório de práticas Pagãs e feiticeiras.

O segundo, intitulado “Entre o ritual e a experiência: O caminho da bruxa como fronteira da possibilidade” que apresentei no XI Seminário de Pesquisa em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEART/UDESC). Nesse artigo, busquei

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RKDQk76Da1M&t=20s>

discutir sobre as reflexões que são geradas por meio do ritual, apontando-os como aprendizados espirituais socialmente contextualizados e culturalmente situados. Por esses motivos, passei a aderir o nome desse ensaio como tema para essa dissertação.

O terceiro, intitulado “O ritual do Chá Cigano: Diálogos inter-religiosos na Ordem Mística Templo de Oríon da cidade de Manaus” que apresentei no I Simpósio Amazônico de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (PPGAS/UFGPA). Nesse resumo, reflito sobre o ritual do Chá Cigano que se tornou uma tradição da Ordem Mística Templo de Oríon, no sentido de que é realizado todos os anos e mobiliza questões importantes para pensar os diálogos inter-religiosos e as inter-relações espirituais.

O quarto, intitulado “A influência do pensamento ameríndio em sendas pagãs: um relato de experiências com o universo da bruxaria na cidade de Manaus” que apresentei no XI Congresso da ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (Unicamp). Nesse artigo, proponho que possamos refletir alguns aspectos da bruxaria e do (neo)Paganismo a partir da perspectiva indígena, além de relatar um pouco das minhas experiências ritualísticas nas florestas da cidade com dois grupos de bruxaria da cidade a Tradição Farreliana de Manaus e o Clã Ixanaki.

O quinto e último, intitulado “Autocomedimento, criatividade e autoexpressão: Um estudo sobre as experiências e a identidade mágica e ritualística do Clã Ixanaki” que foi apresentado na V Semana Infernal da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Nesse artigo, busquei identificar os elementos formadores da identidade mágica e ritualística do grupo, tendo como base as vivências dos membros que fazem ou fizeram parte do Clã.

Por meio desse conjunto de trabalhos realizados durante o desenvolvimento da pesquisa, a perspectiva do ritual se sobressaltou, pois, além de os rituais serem fundamentais para a minha formação artística, eles também compõem o meu repertório como ritualista. Durante esse percurso de apresentações, aprendi a tornar os conhecimentos, técnicas, ações, movimentos e exercícios que compõem um ritual mais pedagógico, por assim dizer.

Foi nesse momento de divulgação científica que notei que teríamos que colocar o meu grupo, também, como objeto de estudo e análises, pois sempre trazia exemplos das práticas ritualísticas do Ixanaki, além de ainda não ter ido nos rituais da Tradição Trina Essência, tendo em vista que os poucos rituais que o grupo realiza, são feitos apenas entre

os próprios membros da tradição. Dessa forma, o Clã Ixanaki entra, em um primeiro momento, para fazer parte desta pesquisa por suprir a ausência dos rituais da Tradição Trina Essência. Importante ressaltar que não tinha interesse e nem objetivo de trazer o meu grupo para fazer parte da pesquisa, pois não queria que essa pesquisa fosse sobre “as minhas experiências”, mas logo em seguida, percebi que essa pesquisa se trata de experiências coletivas.

Sendo assim, já em 2022, após algumas entrevistas, conversas e atividades que foram realizadas para que eu pudesse manter um tipo de contato com os integrantes dos grupos, fui percebendo o desenho do que poderia ser analisado em cada grupo, pois a ideia inicial de pesquisar as questões afetivas dos membros dos grupos não estava mais sendo possível de realizar, ou pelo menos não da forma que foi pleiteada no primeiro semestre de 2021.

Desse modo, ao concluir que os rituais também são experiências de vida. Decidi então dar o devido protagonismo a eles, porém, tendo em mente que as pessoas que concebem e vivenciam esses rituais possuem suas singularidades e corporalidades. Em um processo de retroalimentação, ao falar e refletir sobre experiências pessoais de sujeitos Pagãos, conseqüentemente, somos convocados a refletir sobre suas experiências mágicas e ritualísticas. No contexto das bruxas (neo) Pagãs, vida e magia são indissociáveis.

Apresentação do Campo

Em Manaus, existem no total cinco grupos de bruxaria (neo) Pagãos sendo eles, do mais antigo, ao mais atual: a Tradição Trina Essência; a Tradição Farreliana de Manaus; a Ordem Mística Templo de Oríon; o Coven Lua do Norte e o Clã Ixanaki. A ideia inicial desta pesquisa era poder fazer um mapeamento de todos os grupos de bruxaria existentes na cidade, porém, houve a necessidade de fazer um recorte para apenas dois grupos, tendo em vista o curto tempo que temos para desenvolver o estudo. Como citado anteriormente, inicialmente, o campo estava delimitado apenas a Tradição Trina Essência e a Ordem Mística Templo de Oríon e só posteriormente que o Clã Ixanaki veio fazer parte da pesquisa.

Os grupos que pesquisei no Mestrado, são grupos que mantenho uma certa relação de afeto e também por sentir o “dever” de falar sobre pessoas e coletivos cuja a trajetória são de suma importância para a cena (neo) Pagã da cidade de Manaus. Como é o caso da Tradição Trina Essência que é o grupo mais antigo da cidade tendo mais de 15 anos de

atuação. A Ordem Mística Templo de Oríon é um grupo cujo os antigos membros foram meus irmãos de coven e com quem partilhei boa parte do meu treinamento mágico e sacerdotal, em especial, a bruxa e sacerdotisa Nailah Ethne, a quem tenho muito apreço, admiração e cuja a história muito me inspira.

Atualmente sou líder e criador do Clã Ixanaki que é meu Clã de trabalho e família espiritual. É no Ixanaki que tenho tido a oportunidade de manejar os meus rituais e experimentar diferentes formas de concebe-los, além de poder partilhar com os membros que fazem parte do grupo, as reflexões e questionamentos do que consideramos importante para a formação mágica, sacerdotal e espiritual de uma bruxa.

Esses grupos estão situados em contexto urbano, onde cada um deles se reúne em um local específico da cidade, seja para realizar suas celebrações ou para fazer aulas práticas e teóricas. Os grupos se organizam de diferentes formas, embora todos sigam uma perspectiva hierárquica e iniciática, ou seja, a pessoa que deseja entrar para o grupo é incentivada a galgar os graus de Neófito, Dedicante e Sacerdote ao longo do tempo e esse deslocamento de grau em grau é marcado por um rito de passagem específico, que cada grupo vai desenvolver à sua maneira.

As nomenclaturas utilizadas pelos grupos variam. Na Tradição Trina Essência a pessoa que deseja entrar para o grupo é nomeado como *postulante*, na Ordem Mística Templo de Oríon essa pessoa é nomeada de *aluno*, apenas no Clã Ixanaki que a nomenclatura de *neófito* ainda é utilizada. Na Tradição Trina Essência e na Ordem Mística Templo de Oríon o sacerdote iniciado de 1º grau também pode vir a ser elevado ao 2º e 3º grau, sendo esse o último grau alcançado nesse sistema hierárquico, no 2º grau o sacerdote passa a ser chamado de Elder e no 3º grau de Sumo Sacerdote. Já no Clã Ixanaki, o iniciante (neófito) passa apenas pelo 1º grau tornando-se um Sacerdote, ficando a cargo do seu líder que em diálogo com o neófito, decidem qual seria momento certo para iniciá-lo. O postulante/aluno/neófito só é considerado membro efetivo do grupo após sua iniciação ao 1º grau quando este se torna um sacerdote do grupo e dos Deuses.

Para a realização da pesquisa, foram contatados, e com quem fiz entrevistas, 02 (dois) membros da Tradição Trina Essência: Sísi Rolim que é Sumo Sacerdote e Beth Ghimel que é a Matriarca da Tradição. 04 (quatro) membros da Ordem Mística Templo de Oríon: Nailah Ethne que é Suma Sacerdotisa; Hakan Ethne que é Sumo Sacerdote; Astrid que é Sacerdotisa e Adrielle que também é Sacerdotisa, além de outros 06 (seis)

alunos da Ordem. E 01 (um) membro do Clã Ixanaki: Gaael Geburah que é Elder do Clã e líder do Conluio Vípera.

Em um primeiro momento (Primeiro semestre de 2021) foi estabelecido uma conversa com Nailah Ethne da Ordem Mística Templo de Oríon e Sísi Rolim da Tradição Trina Essência para falar da proposta de fazer uma pesquisa sobre ambos os grupos. Na Ordem Mística Templo de Oríon fui logo convidado a participar dos rituais, sendo em maio de 2021 o primeiro ritual do grupo que participei, na Tradição Trina Essência fui convidado a participar de um único ritual apenas em agosto de 2022. No Clã Ixanaki celebrei e participei de vários rituais durante o ano de 2021 e 2022.

Os rituais que participei foram de suma importância para entender um pouco do contexto da Tradição Trina Essência e da Ordem Mística Templo de Oríon, bem como para observar a forma como os grupos operam seus rituais. Os rituais que não consegui participar, foi por conta das celebrações que estavam sendo realizadas no Cã Ixanaki que coincidiam com os rituais da Ordem Mística Templo de Oríon e nas celebrações do Ixanaki, hora eu era o Sacerdote celebrante do ritual, hora estava participando como membro do grupo. Além dos rituais, as entrevistas que foram realizadas com pessoas específicas, citadas anteriormente, foram fundamentais para pensar nos dados e corpo da dissertação e para conhecer melhor as pessoas que estavam sendo entrevistadas e os grupos aos quais fazem parte.

Ressaltamos, por conseguinte, se tratar de uma pesquisa pioneira, construindo o primeiro estudo de campo, no Amazonas, realizado em grupos de bruxaria (neo) Pagãos da cidade de Manaus. Importante dizer que os cinco grupos aqui mencionados, e que foram contatados para a possível realização desse estudo, a Tradição Trina Essência; a Tradição Farreliana; a Ordem Mística Templo de Oríon; o Coven Lua do Norte e o Clã Ixanaki, se mostraram abertos e receptivos a proposta da pesquisa desde o início. Por se tratar de um campo e um contexto que extrapola as perspectivas disciplinares institucionalizadas, buscamos então manter um diálogo com estudos de diversas outras áreas do conhecimento e cosmologias, sendo leal, principalmente, as experiências dos próprios integrantes e praticantes que em sua maioria são Pagãos e Bruxas Amazônidas. Como será visto no decorrer da dissertação, os três grupos aqui pesquisados, bem como o intenso movimento das práticas de alguns dos seus integrantes, dinamizam os diálogos inter-religiosos e as inter-relações espirituais que são próprias do contexto amazônico. Portanto, ao sublinhar práticas, corporalidades, experiências e afetos de um espaço

geográfico culturalmente negligenciado, em parte pelos próprios Pagãos de outras regiões do Brasil e outra, pelos projetos artísticos, intelectuais e políticos que inviabilizaram a existência de nossos contextos socioculturais. Estaremos assim, contrapondo a essa invisibilização e inexistência ao qual fomos e somos submetidos.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto dez anos vivendo nos ossos e no sangue esse caminho mágico e espiritual do (neo) Paganismo e da Bruxaria, um caminho tecido por muitas histórias, experiências e aprendizados. Sou formado sobretudo pelo ritual e pelos espíritos do caldeirão da magia Amazônica que me ajudam a entender no meu próprio corpo a minha identidade e força ancestral. Foi nas florestas encantadas do Amazonas que vivi grande parte das minhas experiências mágicas e ritualísticas. Essas vivências se deram, sobretudo, de forma coletiva, pois este caminho que tenho trilhado nesses dez anos, são experiências de grupo.

Em vista disso, ressaltamos então a pertinência de estudar três diferentes grupos e não apenas um, justamente para apontar a heterogeneidade dos grupos de bruxaria (neo) Pagãos da cidade de Manaus, realçando suas diferenças, semelhanças e singularidades. Por fazer parte desse movimento díspar de bruxarias existentes em Manaus, percebo o quanto os conceitos, significados e dinâmicas relacionadas a bruxaria e ao Paganismo, são mobilizados pelos próprios grupos e os integrantes que fazem parte dos mesmos, não se restringindo apenas a um único grupo ou a uma única pessoa e sim, pelos movimentos, ações e discursos dos praticantes e grupos existentes na cidade.

Foram os afetos e o corpo como *aprendizagem de ser afetado* (LATOUR, 1999, 47) que mediarão os percursos metodológicos desta investigação no mestrado, pois a bagagem que carreguei de todos esses anos vivenciando, estudando, ritualizando, influenciaram fortemente no desenvolvimento e amadurecimento desse trabalho, bem como permitiu também o acesso aos *conhecimentos corpóreos* de um Bruxo/Pagão/Sacerdote.

Por meio de uma relação de confiança, cumplicidade, respeito e admiração com os colaboradores e interlocutores dessa pesquisa que consegui tecer o desdobramento das minhas análises. As horas de conversas, as participações nos rituais, a troca, o diálogo simétrico e o intercâmbio que foram realizados através de eventos e oficinas, foram cruciais para o desenvolvimento desse trabalho. O afeto se dá por intermédio do corpo, então ser um pesquisador/iniciado e ter as experiências individuais e coletivas como base metodológica é o que torna esse estudo, uma pesquisa performática, pautada principalmente na perspectiva da Antropologia da Performance que é um campo teórico e também metodológico.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o movimento díspar das bruxarias existentes na cidade de Manaus. Foram as experiências dos praticantes dos grupos de bruxaria (neo) Pagãos, inclusive a minha, que delinearão o percurso dessa pesquisa, pois como bruxas e bruxos entendemos a importância do diálogo multicultural para pensar a construção e ressignificação da bruxaria, bem como, pensar também, nas inter-relações espirituais que constituem os nossos conhecimentos, enquanto bruxas e bruxos (neo) Pagãos. Falar de magia e bruxaria no contexto amazônico, especificamente em Manaus – AM, é falar de um caldeirão fértil de espiritualidades, visíveis e invisíveis, que dinamizam e promovem a manutenção das materialidades e imaterialidades. A bruxa enquanto ser liminar, caminha entre mundos e reconhece o que está além das fronteiras.

A performance como lente teórica e metodológica

Os Estudos da Performance abrangem uma diversidade de paradigmas analíticos: Performance-art; Performances Culturais; Antropologia da Performance e Performance-Ritual. Diante desse leque de possibilidades proporcionado por esses estudos que permitem ampliar o que entendemos por "produção de conhecimento", além de proporcionar cruzamentos multidisciplinares, unindo vários campos e saberes, a linha da antropologia da performance foi a vertente com a qual mantive mais relação durante o desenvolvimento desta pesquisa. Cabe ressaltar, que alguns temas explorados nesta pesquisa perpassam também pelas outras vertentes, é através da Performance-art, por exemplo, que busco “traduzir” as minhas imaterialidades. Por ter esse caráter interdisciplinar que esta pesquisa se pauta na perspectiva epistemológica dos Estudos da Performance.

Dito isso, é importante ressaltar que o termo “performance” se tornou um conceito genérico para definir tanto práticas artísticas que fogem dos moldes tradicionais de se produzir e pensar arte, quanto práticas culturais que excedem o fluxo cotidiano. Taylor (2013) utiliza o conceito de performance, como práxis e episteme incorporada, uma vez que, a teoria e a prática devem estar alinhadas, trabalho intelectual e prática política são indissociáveis quando se fala em performance, Taylor destaca que os debates sobre o caráter efêmero da performance são eminentemente políticos. Para a autora, a performance funciona como um modo de conhecer, e não apenas como um objeto de análise. Desse modo, ao sublinhar a performance como uma epistemologia de práticas incorporadas a autora nos ajuda a compreender que o conhecimento é, sobretudo,

corpóreo. Como ressalta Regina Muller (2000) *a performance é uma teoria incorporada no corpo* (p.17). Portanto, precisamos politizar o pensamento através do corpo.

Como mencionado na apresentação, o corpo foi lócus central para pensar as experiências objetivadas nesta pesquisa, visto que, tanto as corporalidades, os movimentos, as experiências, as vozes e os ruídos dos praticantes dos grupos de bruxaria, quanto as minhas, deram vida, consistência e estruturaram esta pesquisa no mestrado, desde o início.

No contexto desta pesquisa, o campo não é algo externo a mim, faz parte de mim. As liminaridades aqui são intensificadas, pois, a bruxaria transformou a minha vida de todas as formas possíveis. Ser um bruxo comprometido com o exercício da alteridade e com a procissão sazonal do meu espírito e do meu corpo, me faz repensar, constantemente, sobre o meu papel enquanto pesquisador e evidentemente sobre o sistema, os recursos e os arcabouços metodológicos que devo seguir. Langdon e Hartman (2020) ao refletirem sobre as encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil enfatizam “Tem um corpo nessa alma”, sugerindo, pensar pesquisas que lidam com a multissensorialidade, com qualidades poéticas, sensíveis, com a dinâmica do mundo invisível e os seres mais que humanos, através do corpo e com o corpo. O conhecimento aqui produzido é, sobretudo, corporal.

Nesse sentido, em 2022 percebi então a necessidade de explorar o leque que a própria Antropologia da Performance no Brasil proporciona, caminhando por duas direções. A primeira, de uma tradição dramaturgicista de Victor Turner e Richard Schechner com os autores (CAVALCANTI, 2014, 2020); (DAWSEY, 2005, 2006, 2007, 2014, 2013, 2016); (SCHECHNER, 2012, 2013); (LYRA, 2010, 2013, 2014, 2020) e (GONÇALVES, 2017, 2019, 2021). Inclusive, foi lendo uma das últimas obras de Turner *Do ritual ao teatro – A seriedade humana de brincar* que soube do seu deslocamento dos estudos sobre os ritos nas “sociedades simples” para os temas como *performance*, *experiência* e *subjetividade* nas sociedades complexas. Um caminho muito parecido com as inquietações e indagações que fui elaborando, como mencionado na minha apresentação. Vale ressaltar também que Victor Turner vai se interessar pelo teatro, por seu caráter reflexivo e terapêutico, bem como a experiência social que a própria linguagem teatral promove. A segunda, da tradição ligada a uma abordagem performática da linguagem, advinda de Richard Bauman e Charles Briggs com as autoras (LANGDON, 1996, 2007, 2016, 2020) e (HARTMAN, 2011, 2020).

Langdon e Hartman (2020) destacam que, nessa linha da antropologia da performance, as pesquisas, em solo brasileiro, têm buscado estabelecer outras formas de produção de conhecimento, mais horizontais, corporais e dialógicas. Os pesquisadores que se dedicam a essa categoria dos Estudos da Performance geralmente, não que seja uma regra, fazem parte dos universos em que pesquisam. Os nossos estudos são feitos, predominantemente, em coparticipação e, muitas vezes em coautoria com nossos interlocutores, pelo forte diálogo que estabelecemos com os mesmos. Sendo assim, os produtos de nossas pesquisas são resultados de processos assumidamente coletivos e colaborativos.

E assim também é a bruxaria, que tem em sua essência o impulso e compromisso comunitário pautado na transformação individual e coletiva. Todo o aprendizado experimentado e corporificado durante esses dez anos, foram aprendizados em grupo, com outras pessoas e outros seres, mais que humanos. Desse modo, as produções realizadas sobre e com esta pesquisa, foram todas em coautoria, parceria e colaboração, que já apontam dados relevantes para refletir sobre o contexto das bruxarias (neo) Pagãs, bem como propiciam o aprofundamento em futuras pesquisas e publicações de artigos.

EPA – Encontro Pagão Amazônico

O Encontro Pagão Amazônico (EPA) é um evento que busca reunir Pagãos e não-Pagãos para discutir e refletir sobre temas diversos, relacionados as bruxarias, a magia e ao (neo) Paganismo. O evento teve sua primeira edição em 2019 no Anfiteatro do Parque dos Bilhares na cidade de Manaus, tendo como tema *Astrologia; Livro das Sombras e Oráculos*. O EPA é um projeto que foi idealizado pelos Sacerdotes da Ordem Mística Templo o Hakan Ethne e Ardad Ethne.

Após essa primeira edição do Encontro Pagão Amazônico, o evento teve que dar uma pausa, por conta da pandemia do COVID-19 em 2020. Pelo fato de eu já ter feito parte da organização de um evento Pagão em Manaus, o Bolos e Vinhos⁵, de 2018 à 2020, no segundo semestre de 2021, Hakan Ethne, me convida para organizar juntamente com ele uma segunda edição do Encontro Pagão Amazônico, tendo em vista que o Sacerdote Ardad Ethne não tinha mais o desejo de seguir na organização do evento. Sendo assim, em acordo com o Hakan Ethne, propus que pudéssemos nos relacionar com as indagações e o repertório da minha pesquisa no mestrado, além de buscarmos tecer relações com

⁵ Evento que existe desde 2013 criado pela Tradição Farreliana de Manaus.

temas que perpassam esses universos da magia, bruxaria e (neo) Paganismo e não apenas os assuntos e temas que fazem parte, único e exclusivamente, dos nossos círculos e vivências Pagãs.

A segunda edição do Encontro Pagão Amazônico teve como tema *Arte e Bruxaria*⁶ tendo como convidadas a professora Dr^a Verônica Fabrini (Unicamp) e Sísi Rolim, integrante da Tradição Trina Essência. Nessa edição buscamos refletir sobre de que forma se dar essa relação entre arte e bruxaria por meio da exposição e colocações de ambas convidadas que são bruxas e artistas.

A terceira edição foi o Webinário⁷: *Bruxaria, Performance e Magia em Perspectiva*. Que foi dividido em três partes, entre os meses de outubro, novembro e dezembro. Em outubro o tema do encontro foi *Experiências em f(r)icção*, tendo como convidadas a professora Dra. Luciana Lyra (UERJ) e a bruxa e sacerdotisa Nailah Ethne, integrante da Ordem Mística Templo de Oríon. Em novembro o tema do encontro foi *Paganismo Contemporâneo*, tendo como convidada a historiadora e cientista da religião a Dra. Karina Bezerra e o sacerdote Rafael Nolêto, idealizador da Vila Pagã e da religião (neo)Pagã brasileira chamada Piaganismo do Estado de Piauí. No último encontro de dezembro, que teve como tema *Bruxaria e Espiritualidade* tendo como convidadas a psicóloga, cientista da religião e doutoranda Susan Tsugami (UFP) e a astróloga, terapeuta e taróloga Petrucia Finkler.

As conjunturas desses eventos já irão apontar dois dados relevantes. O primeiro é sobre a relação colaborativa que irei manter com os meus interlocutores, pois, eles fizeram parte desses diálogos, dessas trocas e encontros tão importantes para pensar o trânsito entre o âmbito acadêmico e o não-acadêmico, fomentando assim os três pilares de uma Universidade Pública *ensino-pesquisa-extensão*, além de ressaltar a acepção da Antropologia da Performance. O segundo dado é sobre o mapeamento que fui realizando para compor esses eventos do Encontro Pagão Amazônico, que tinha diálogo justamente com as questões que estava me debruçando no processo de investigação desta pesquisa, embora um tema tenha ficado de fora, que era sobre a prática da *feitiçaria*, então, por não termos tido tempo o suficiente decidimos por não incluir esse tema. Dessa forma, foram

⁶ Disponível no canal do YouTube do EPA – Encontro Pagão Amazônico:

<https://www.youtube.com/watch?v=OR-AMG7XH14>

⁷ O Webinário está disponível no canal do YouTube do EPA - Encontro Pagão Amazônico:

<https://www.youtube.com/channel/UCnlkBuUkQ4eYhMjXTckpUrw>

os Estudos Pagãos, a performance e o entendimento da bruxaria enquanto espiritualidade que irão compor o quadro esquemático desses eventos, bem como deram a base para o desenvolvimento desta pesquisa.

Por meio dessa relação simétrica que mantive com o Sacerdote Hakan Ethne, convidei este, para que déssemos uma aula juntos na disciplina de História do Teatro Mundial do curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (ESAT-UEA), por conta do estágio obrigatório que teria que cumprir na grade do Programa de Pós-Graduação que estou vinculado, o tema da aula foi "Os rituais de bruxaria: uma perspectiva decolonial para o teatro". Hakan Ethne, além de ter sido um grande colaborador desta pesquisa se tornou também um grande amigo, uma amizade que foi selada no primeiro ritual que participei da Ordem Mística Templo de Oríon, onde, após o ritual, bebemos muita cerveja, junto de outros sacerdotes do grupo. Entre conversas, risadas e brincadeiras, ali se formou uma irmandade e os primeiros indícios dos projetos que viríamos a desenvolver juntos.

Esse conjunto de produções que esta pesquisa proporcionou, fez deste estudo etnográfico um trabalho de confecção de projetos que pense a *produção material da cultura e da linguagem como um processo social e material* (CEVASCO, 2004, p. 68). Além do Encontro Pagão Amazônico também existem outros eventos em Manaus com essa mesma abordagem, como, o DOP - Dia do Orgulho Pagão de Manaus⁸ que acontece uma vez ao ano; o Bolos e Vinhos que tinha uma rotatividade nos meses de execução e a Feira Mística de Manaus⁹. Mesmo que alguns desses eventos tenham problemáticas quanto aos usos descontextualizados da essência e dos conceitos que são próprios dos praticantes da bruxaria (neo) Pagão, ainda assim, surgem como horizontes possíveis para pensar a produção material de uma cultura extremamente invisibilizada e negligenciada. Tanto as produções socioeducativas/científicas, quanto as artísticas, promovidas por meio desta pesquisa, foram geridas pelas plataformas virtuais, alcançando outros patamares geográficos, deslocando-se nos tempos e espaços multidimensionais.

Ao todo foram idealizados 07 (sete) projetos de cunho artístico e científico, sendo que 04 (quatro) deles já foram realizados e 03 (três) ainda serão desenvolvidos. Materializar essas ideias tem sido importante para pensar a relação dialética entre arte e

⁸ Organizado pelo Sacerdote Mario Kássio.

⁹ Organizado pela Legião da Magia Amazonas.

sociedade, projeto artístico e formação sócio histórica, uma vez que, *os projetos artísticos e intelectuais são constituídos pelos processos sociais, mas também constituem esses processos na medida em que lhes dão forma* (CEVASCO, 2004.p. 56). A interdisciplinaridade dinamizada nesta pesquisa, não está ligada unicamente as diferentes disciplinas institucionalizadas, mas também aos aspectos dos contextos socioculturais das pessoas.

Oficinas poéticas e criativas

Próximo do segundo semestre de 2022, realizamos duas oficinas voltadas para a arte, no intuito de oferecer um pouco do que vivenciamos sendo artistas e também na busca por tentar se aproximar cada vez mais dos integrantes que fazem parte desses grupos. A primeira oficina teve como tema “Seguir Sendo: criando um corpo entre histórias&palavras” ministrado por uma colega do mestrado – Mayra Zuluaga – com quem tive uma profunda relação de amizade e troca sincera e genuína. A segunda oficina teve como tema “A poesia do corpo em cena” ministrada pela atriz e preparadora corporal Viviane Palandi que também faz parte do Diretório de Pesquisa Tabihuni (UEA/CNPq).

Ambas as oficinas foram pensadas para acontecerem com os integrantes dos três grupos. Na oficina da Mayra Zuluaga, a maioria dos participantes eram da Ordem Mística Templo de Oríon, tendo apenas dois membros da Tradição Trina Essência, foi nesse dia inclusive que conheci e ouvi pela primeira vez, no contexto da pesquisa, a matriarca da Tradição Trina Essência, a bruxa e sacerdotisa, Beth Guimel. Nessa oficina experimentamos um estado de companheirismo, irmandade e intimidade, muito semelhante ao do próprio ritual. Por meio da poesia da palavra e das histórias narradas, criou-se um ambiente confortável e propício para a criatividade e a autoexpressão.

Na oficina da Viviane Palandi, só participaram alguns integrantes da Ordem Mística Templo de Oríon. A maioria dos participantes nunca tiveram nenhum contato com práticas teatrais, por isso, a dificuldade em se entregar, no início, para os exercícios propostos. Isso me fez refletir sobre alguns pontos: Será que o resultado não teria sido diferente se os exercícios, práticas e dinâmicas, fossem feitos e concebidos a partir do repertório ritualístico e mágico do próprio grupo? Como pensar uma prática artística, em específico do teatro e da performance, que leve em consideração, e que tenha como objetivo, o poder mágico do encontro de diferentes corporalidades e não necessariamente algo “pronto” para ser reproduzido? Não seria esse um caminho possível para pensar,

tanto nas pessoas que nunca tiveram um contato com a prática teatral, quanto na potência criativa e transformadora das artes? Sem respostas prontas, que possamos seguir investigando. Embora, no início tenha havido uma certa inibição e desconcentração, com o passar do desenvolvimento da oficina e por conta da proposta e facilitação da Viviane Palandi, as coisas foram fluindo e lindas partituras foram sendo criadas e compartilhadas ao final da oficina.

Realizar essas oficinas foram de suma importância para que eu pensasse na minha própria prática enquanto artista e ritualista, que vem sendo afetada pelas experiências vivenciadas nesse exercício do pensamento que a pesquisa proporciona. Um dado muito importante que irei identificar com a realização dessas oficinas, eventos, entrevistas e conversas realizadas é que, o que irá diferenciar as concepções que cada grupo e indivíduo tem a respeito da bruxaria é principalmente o discurso. Para os praticantes com os quais mantive contato, a bruxaria pode ser manejada como uma prática, ou seja, uma prática mágica, mas também pode ser compreendida como uma filosofia de vida, ou, até mesmo pode ser entendida por meio das manifestações mágicas de diferentes religiosidades existentes. Muitos desses discursos, advêm da própria prática, filosofia e repertório do grupo e/ou das pessoas que estão à frente destes. Os discursos não se limitam aos aqui elencados, são variados e estão em constante movimento, assim como as práticas e aprendizados dos bruxos.

Bruxarias: Um movimento díspar

O fenômeno da bruxaria há muito foi estudado e explorado em áreas como a Antropologia, a História e as Ciências da Religião. Investigar esse fenômeno é sempre um grande desafio, pois são muitas as camadas que envolvem essa temática, e ao adentrar nessa empreitada acadêmica na minha pesquisa de mestrado, percebi a necessidade de tentar entender de onde surge esse conceito de bruxaria e como ele foi ressignificado pelos próprios sujeitos, bruxas e bruxos, ao longo do tempo.

Breve história da bruxaria e feitiçaria

As camadas que circundam o universo da bruxaria estão atreladas aos mais diversos fatos e acontecimentos históricos e é por meio desse entendimento que se torna

possível compreender essas camadas de forma mais contextualizada e localizada. O historiador brasileiro e especialista em história medieval e estudos vikings e escandinavos Johnni Langer¹⁰ (2017), ao falar sobre a origem e o imaginário da bruxa no medievo europeu, destaca alguns fatos que foram importantes para a construção desse imaginário, como a transformação gradual da feiticeira em bruxa; a ideia do “vôo da bruxa” que vai marcar a passagem do folclore mágico ao diabolismo, ou bruxaria diabólica medieval, noção essa que vai influenciar fortemente as concepções sobre a própria bruxaria e a transformação das mulheres heréticas em bruxas. Todos esses fatos destacados pelo autor vão variar de acordo com o local e espaço geográfico, pois como afirma o também historiador Jeffery Russell (2019) em sua obra “História da bruxaria”, que mesmo havendo consideráveis diferenças entre as religiões do Mediterrâneo e as do Norte, ainda assim o cristianismo condensou-as todas como “pagãs”.

Langer chama atenção também para a historiografia das principais teorias que foram desenvolvidas sobre a bruxaria medieval europeia, destacando autores e suas respectivas obras: Michelet - A feiticeira de 1862, James Frazer – O ramo de ouro de 1890, Margaret Murray – O culto das bruxas na Europa ocidental, autores esses que no mapeamento dessa historiografia fazem parte da *tese romântica* sobre a bruxaria.

Na tese tida como *racionalista*, o autor traz Robert Mandrou – Magistrados e feiticeiros na França do séc. XVII, de 1968; Norman Cohn – Los demônios familiares de Europa, de 1975; Jean Delumeau – História do medo no Ocidente, de 1978; na *tese culturalista* o autor destaca Carlo Ginzburg – Os andarilhos do bem, de 1966 e História Noturna, de 1989; Alan MacFarlane Witchcraft in Tudor and Stuart England, de 1970; Keith Thomas – Religião e o declínio da magia, de 1971 e Walter Stephens – Demon Lovers: Witchcraft, sex, and the crisis of Belief, de 2022. Sobre essas três teses dessa historiografia, Langer ressalta:

A partir da primeira metade do século XX iniciaram-se diversas pesquisas nas mais variadas perspectivas das ciências humanas em torno da figura da feiticeira e da bruxa medieval, especialmente entre os historiadores (Klaniczak, 2010). Podemos sintetizar genericamente esta historiografia em torno de três vertentes principais: Teoria romântica (A bruxa foi uma resistência do paganismo em meio ao cristianismo medieval); Teoria racionalista (A bruxaria foi uma construção mental, uma fantasia); Teoria culturalista (A bruxaria foi tanto um imaginário criado pelos inquisidores, intelectuais e religiosos, como

¹⁰ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UFPB. Líder do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos – NEVE.

um reflexo de crenças, mitos e folclores populares ressignificados pelos valores da Idade Média Tardia). (LANGER, 2017, p. 249.)

Para Langer a bruxaria foi um fenômeno construído fundamentalmente no medievo e, por conseguinte sendo associado também as noções de diabolismo e heresia. Na esteira desse pensamento, Jeffrey Russell juntamente com o jornalista e cientista político Brooks Alexander, ao refletirem sobre a história da bruxaria, ressaltam vários pontos importantes que influenciaram a construção e constituição desse fenômeno. Com destaque para a bruxaria histórica europeia, cujo os elementos formadores segundo os autores foram a feitiçaria, a religião pagã, o folclore e a heresia cristã, que também foram destacados por Langer anteriormente. Não obstante, Jeffrey Russell & Brooks Alexander (2019) observam que um dos passos mais importantes na formação da bruxaria histórica europeia foi o encontro entre as religiões célticas, teutônicas e o cristianismo e que esse fato vai ser um ponto crucial na interpretação da bruxaria moderna. E por fim, afirmam ainda que as raízes dessa bruxaria histórica europeia residem, em parte, no pensamento greco-romano e hebraico, e em parte na feitiçaria, nas tradições populares e na religião da Europa setentrional.

Essa contextualização sobre os aspectos que compõem a história da bruxaria lançado por esses autores é de suma importância para perceber que os elementos constituidores desse fenômeno estão pautados por uma diversidade sociocultural, fazendo com que a bruxaria se torne um processo não linear e bastante heterogêneo. Não obstante, no prefácio do livro *Malleus Maleficarum* (2015), Carlos Amadeu chama atenção para o conteúdo dessa obra, que oscila entre o dinamismo *psicótico-paranoide-delirante* e o dinamismo *psicopático-perverso*, pois esse livro é uma extensão do que era realizado no período da inquisição e os padrões sociais e psicológicos que produziram e mantiveram essas crenças *psicopatológicas* vão influenciar o self cultural coletivo. Dessa maneira, todas as ideias equivocadas lançadas sobre as pessoas que seguem a bruxaria como uma filosofia de vida e como um caminho espiritual, seguem basicamente essa mesma lógica, que está impregnada no self cultural coletivo.

Embora a bruxaria, esteja atrelada predominantemente a perspectiva do diabolismo europeu, ou bruxaria diabólica, ainda nos dias de hoje, pois como sublinha Russell & Alexander (2019) “[...] *O que as pessoas acreditam ser verdadeiro influencia suas ações mais do aquilo que é objetivamente verdadeiro* [...]”. Ainda assim é possível associa-la, por meio do discernimento, a outras correntes que seguem esse universo

“místico” e espiritual, tendo em vista que a bruxaria enquanto arte da imanência não se limitou apenas a essa perspectiva estereotipada e pejorativa, ela foi ressignificada e reativada trazendo consigo antigos conceitos, como *feitiçaria*, *Paganismo*, *magia* e *religião*.

Esses conceitos citados anteriormente são pontos-chaves para refletir sobre as concepções dos grupos de bruxaria (neo)Pagãos, bem como sobre o que pensam os sujeitos que fazem parte dos mesmos, tendo em vista que a bruxaria sob seus pontos de vistas é atravessada por esses pontos, destacados anteriormente, além de se fazerem presentes também em outras vertentes religiosas e espirituais. Russell&Alexander (2019) enfatizam uma questão que muitos nos interessa refletir que é a ideia de uma *feitiçaria universal*. Para esses autores além da feitiçaria acontecer em quase todas as sociedades do mundo, existe uma semelhança universal entre as práticas e crenças desse fenômeno. Dessa forma, os autores elencam quatro opções que apontariam os enlaces dessas semelhanças, sendo elas a *coincidência*, a *difusão cultural*, a *herança arquetípica/estrutural* e a possível *existência de uma antiga e coerente religião universal de bruxaria*. Dentre essas opções os autores destacam a difusão cultural como um elemento constituidor dessas semelhanças e concluem:

As semelhanças universais nas crenças da feitiçaria excedem as que essas teorias foram capazes de predizer. A difusão cultural, o intercâmbio de ideias entre sociedades, é parte da resposta, sem dúvida. Mas o número e o detalhe das semelhanças através de abismos de tempo e geografia é algo assombroso. O quebra-cabeças permanece por resolver. (RUSSELL&ALEXANDER, 2019, p. 32)

Essa constatação é relevante pois o fenômeno da feitiçaria, “entendendo esta enquanto as práticas e representações envolvendo *procedimentos mágicos* considerados positivos ou negativos pela sociedade” (LANGER, 2017, p. 250. grifo nosso), está presente também em outras vertentes religiosas. Por esse motivo poderíamos dizer que é a feitiçaria, enquanto procedimentos mágicos, mas não somente isso, que suscita o entendimento e a conclusão por parte das bruxas e bruxos (neo)Pagãos em associar o fenômeno da bruxaria a outras vertentes religiosas ou espirituais.

Na segunda parte da obra de Russell&Alexander (2019) os autores apresentam a questão da bruxaria moderna, elencando a perspectiva da bruxaria (neo)Pagã destacando assim os aspectos, autores e movimentos importantes que influenciaram no ressurgimento do que segundo os autores havia sobrevivido dos elementos que moldaram a história da

bruxaria. E a Wicca nessa segunda parte é explorada como um desses movimentos (neo)Pagãos.

Dentre as problemáticas que essa obra suscita, uma delas se dá pelo fato do autor homogeneizar perspectivas que são bastante heterógenas. Ao refletir sobre as diversas práticas e agenciamentos sociais do (neo)Paganismo o autor utiliza exclusivamente a experiência e concepção das ditas *bruxas modernas* para pensar no todo, sobrepondo a visão desses sujeitos acima da concepção das *bruxas tradicionais* que foi traduzido equivocadamente como “bruxas históricas”. Esse não aprofundamento sobre outras vertentes de bruxarias existentes na contemporaneidade e seus respectivos grupos é o que torna, por vezes, muitos dos trabalhos que se debruçam sobre esses temas do (neo)Paganismo, da bruxaria etc, superficiais e exotizadores, dificultando o acesso e o entendimento da bruxaria como um movimento díspar e um caminho mágico, espiritual e afetivo.

Paganismo Contemporâneo

No que concerne aos estudos dedicados ao Paganismo Contemporâneo, usados aqui com “P” maiúsculo, pois concluímos que é essa a categoria de definição utilizada pelos próprios interlocutores e colaboradores dessa pesquisa, bem como o termo Pagão (também com “P” maiúsculo). Essa ressalva foi realizada por dois motivos. O primeiro é pelo fato de a ideia que se tem sobre os praticantes dessa religião geralmente serem tachados como “os não-cristãos”, ou apenas como “o povo do campo”, limitando e restringindo esses sujeitos a meros estereótipos. O segundo motivo é pelo fato de lembrar que o Paganismo é uma religião legítima e que seus praticantes, os Pagãos, são seres presentes e atuantes na contemporaneidade, possuem identificação, autopercepção e identidade, tal como aponta suas práticas socialmente contextualizadas e culturalmente situadas. A psicóloga e cientista da religião Susan Tsugami (2019) ao refletir sobre esses questionamentos em um diálogo com o historiador e pesquisador Michael Strmiska acentua que:

[...] o termo “paganismo”, segundo Strmiska (2005) está inserido em uma série de complexidades subjetivas, e seus adeptos se apropriam do termo para “combater” a opressão e a intolerância cristãs. Seguindo esse raciocínio, é possível afirmar que há uma identificação dos adeptos com episódios de violência religiosa do passado. O mesmo se aplica a importância que algumas vertentes do Paganismo Contemporâneo designam à utilização da palavra bruxa como forma de identidade, resgatando, através da palavra e de seu significado, aquilo em que acreditam que viviam por direito e que, no entanto, foi-lhes extirpado - a religião antiga e ancestral. Assim os integrantes

se consideram e se identificam enquanto “pagãos”, e suas crenças são consideradas, por eles, um resgate e uma continuação das religiões pré-cristãs. (TSUGAMI, 2019, p. 35-36)

O Paganismo Contemporâneo é um tema que já foi explorado pelas autoras e pesquisadoras brasileiras (TSUGAMI, 2019; BEZERRA, 2019; TERZETTI-FILHO, 2016;) que inclusive buscamos tecer relações e diálogos no Webinário que realizamos em 2021. Enquanto Tsugami analisa o contexto do Paganismo Nórdico Contemporâneo no Brasil, a historiadora e cientista da religião Karina Bezerra (2017, 2019) parte da tese de que o elo fundador e aglutinador do Paganismo é a magia, e não a natureza como até então era difundido. Ambas as pesquisas foram realizadas em solo brasileiro, demonstrando assim a permanência viável e plausível de um movimento cujo os frutos são profícuos. Como observa Bezerra (2019) “sendo o paganismo uma religião ortoprática, o que os diferenciam de outras pessoas que observam o sol é mais a honra, o ritual que é realizado, para o astro, do que uma ideia sobrenatural sobre ele, ou sua realidade física. É a magia que cria a vida.” (p.28). Cabe ressaltar que tanto Karina Bezerra quanto Susan Tsugami se consideram Pagãs.

Essa nomenclatura do Paganismo Contemporâneo que ambas as autoras utilizam nos títulos de suas pesquisas servem para lembrar também sobre os aspectos da contemporaneidade dessa religião, que se faz presente e movente de acordo com as ações de seus adeptos, *uma vez que os próprios praticantes delimitam os traços caracterizadores de suas práticas* (TSUGAMI, 2019, p. 39). A autora destaca também o fato da espiritualidade Pagã ser sobretudo corporal, incluindo a dimensão física, rompendo a dicotomia corpo/mente/espírito, apresentando a noção de “*corpoespiritualidade*” para abarcar a amplitude das experiências desses praticantes. Importante ressaltar, a nível de contextualização, que o Paganismo Contemporâneo é uma categoria que faz parte de um campo chamado de Novos Movimentos Religiosos que abriga diversos outros movimentos e categorias tais como o Druidismo Contemporâneo, o Ásatrú, as Religiões Ayahuasqueiras (Santo Daime, Barquinha e União do Vegtal), Stregeheria, Romuva, Forn Sird, Religião da Deusa, a Bruxaria Moderna, a Wicca e dentre outras. Como afirma Bezerra (2019, p. 356) “O paganismo contemporâneo, no ocidente e no Brasil, desenvolve-se no meio urbano e adaptou, copiou, criou, idealizou, fusionou e transformou a antiga realidade Pagã para a realidade urbana contemporânea.”

Importante ressaltar que esse estudo não é uma pesquisa voltada para as questões sobre o (neo) Paganismo, tendo em vista que não estou vinculado a um programa de

ciências da religião. A abordagem dessa pesquisa é de cunho interdisciplinar, porém, pelo fato dos grupos que estou pesquisando e os seus integrantes estarem relacionados ao universo (neo) Pagão e por já existirem pesquisas sobre essa perspectiva religiosa, precisamos então fazer essa ponte e tecer esse diálogo, para um melhor entendimento e compreensão desse universo ao qual os Pagãos de Manaus estão inseridos.

Paganismo Contemporâneo é o termo utilizado cientificamente pelos pesquisadores dos Estudos Pagãos, que em comum acordo, enfatizam a importância de legitimar práticas e experiências autênticas, vivas e atuantes. Dessa maneira, para evitar problemas linguísticos usaremos no decorrer do texto da dissertação Pagão/Pagãos, pois é assim que os meus colaboradores e interlocutores se referem a si mesmo. Da mesma forma que usaremos o “P” maiúsculo para se referir ao Paganismo, mesmo que venha acompanhado do prefixo “neo”, pois, entendemos esses movimentos como manifestações culturais e produto de aspirações pessoais de esforço, trabalho e resistência.

Bruxarias

Ao voltar para aquela indagação inicial, quando falamos sobre o desejo de tentar entender mais sobre outras vertentes de bruxaria existentes, pensamos então no que havia engendrado essa indagação. Esse engendramento recai no fato de termos constatado que a grande maioria dos Pagãos com quem convivi esses anos na cidade de Manaus e também durante essa pesquisa, não se considerarem Wiccanianos¹¹, ou seja, não são adeptos da religião Wicca. Essa questão pode ser bastante difusa devido alguns fatores. O primeiro fator que podemos elencar, é a questão de alguns grupos não se considerarem seguidores da Wicca, ainda assim em seu cerne ritualístico e organizacional reproduzem esse *sistema mágico e religioso* (TERZETTI-FILHO, 2016). O Segundo fator é porque, mesmo havendo uma certa “defasagem” nessa categoria por parte dos Pagãos de Manaus, as poucas pesquisas voltadas para o universo do (neo)Paganismo são direcionadas principalmente a Wicca, como observa Bezerra (2019), Sendo assim, podemos concluir que existe uma disparidade entre o discurso êmico e ético do Paganismo em relação a essa vertente de bruxaria, tendo em vista que em Manaus dificilmente algum Pagão vai se autodenominar Wiccaniano ou adepto da Wicca no sentido stricto sensu.

¹¹ Termo usado pelos pesquisadores do Estudos Pagãos e pelos próprios adeptos da Wicca.

No capítulo cinco de sua tese que tem como título “(Neo)Paganismo Brasileiro” Bezerra (2019) elenca vários tipos de (Neo)Paganismos brasileiros que vai do Xamanismo ao Piaganismo¹², e em uma parte específica desse capítulo a autora propõe a ideia de *bruxarias Pagãs* dividindo-a em três tipos: *bruxaria natural*, *bruxaria tradicional* e *bruxaria contemporânea*. Fazendo uma ressalva sobre a bruxaria natural a autora diz que ela não é necessariamente Pagã, mas inclui o discurso da wicca em seus corpos. Ao separar essas três categorias dos outros tipos de (Neo)Paganismos brasileiros (sendo a Ayahuasca; o Xamanismo matricial, universal, e o tradicional moderno; a Espiritualidade da Deusa; e o Sagrado feminino e a natureza) Bezerra (2019) não chega a afirmar que essas outras categorias não são ou não fazem bruxaria no sentido geral do termo, pois como veremos no próximo capítulo desta dissertação, algumas dessas categorias vão fazer parte das práticas de alguns grupos aqui destacados.

Optamos pela ideia de *bruxarias* e não de *bruxarias Pagãs* que a autora propõe para compor o subcapítulo dessa dissertação, por dois motivos. O primeiro motivo se dá pelo fato de entendermos *bruxarias* como um termo “genérico” que vai abrigar vários tipos de práticas e possibilidades de concepções, como as destacadas anteriormente, além de ser recorrente o uso do termo *bruxaria* no discurso êmico, pois entendemos esse fenômeno como um movimento díspar que mobiliza e articula várias questões sociais, culturais e políticas que são inerentes a vida das próprias Bruxas e Bruxos de Manaus. O segundo motivo se dá pelo fato de verificarmos que nem todos as categorias e vertentes de bruxaria elencados por Bezerra vão se considerar, Pagãos. São muitos os grupos existentes de cada vertente, obviamente que os discursos, práticas e concepções são diversos e divergentes em alguns pontos. Seria necessário um estudo minucioso em diferentes grupos, dessas diferentes vertentes para uma melhor conclusão desses fatos, pois homogeneizar grupos e sujeitos que são tão heterogêneos não parece ser o melhor caminho.

Até o momento, os termos que trazem em seu vocábulo semântico a noção de bruxaria são a *bruxaria moderna* – entenderemos aqui como a Wicca e suas ramificações¹³ – a *bruxaria natural*, a *bruxaria contemporânea* e a *bruxaria tradicional*, que foram mencionadas ao longo do texto. Essas classificações são importantes para

¹² Piaganismo além de ser uma religião, é um termo que faz referência ao Estado do Piauí e que busca reverenciar a magia e a ancestralidade do Nordeste Brasileiro. Criação do Sacerdote Rafael Nolêto com quem tivemos a oportunidade de conversar no Webinário que realizamos em 2021.

¹³ Wicca Tradicional (Wicca Gardneriana e Alexandrina); Wicca Diânica; Wicca Écletica.

entender o contexto, a amplitude e a heterogeneidade de tais categorias, bem como ajuda a situar tanto os Pagãos como as pessoas que não são pagãs na compreensão do aspecto movente e vívido da bruxaria que *é um termo extremamente complicado a se tratar* (BEZERRA, 2019, p. 330)

Bruxarias em Manaus

A complexidade que envolve esses movimentos é característica da própria essência da bruxaria que não segue uma lógica linear. Em Manaus, além de os praticantes usarem os termos “Paganismo”, “Magia”, “Bruxaria”, “Pagão”, “Bruxa ou Bruxo” para se referirem a si mesmo e as suas práticas, eles também, por meio do termo *bruxaria* – que vai resumir as suas práticas e concepções; e reunir todos os termos mencionados anteriormente – ativam dinâmicas bastante paradoxais. Um desses paradoxos se refere a questão dos grupos pesquisados, em específico a Ordem Mística Templo de Oríon, enfatizarem que a Wicca é usada em seus *modus operandi* apenas como base filosófica, fonte de estudo e ensino da grade curricular, bem como os ritos de passagem e protocolo ritualístico dos outros rituais seguem a perspectiva da Wicca enquanto sistema mágico e religioso, porém o grupo enfatiza que *“a nossa prática é a bruxaria”*. Esse processo de identificação e identidade serão marcadores importante nos três grupos pesquisados. E algumas diferenciações serão pautadas pela noção individual e coletiva, pois enquanto os rituais – entendido como uma ação coletiva - da Ordem Mística Templo de Oríon segue uma perspectiva “wiccaniana”, por assim dizer, as práticas individuais da bruxa ou bruxo do grupo, que são realizados no âmbito privado, segue uma lógica diferente do viés coletivo, portanto, fora dos ditames wiccanianos.

Enquanto a Ordem Mística Templo de Oríon não segue uma vertente de bruxaria em específico, pois se consideram um grupo *eclético*. “Ecléticos são grupos de pessoas que não seguem nenhuma tradição específica, mas sentem-se livres para tomar emprestados aspectos de muitas tradições e culturas (Gori, 2012, p. 23)”. Segundo Terzetti-Filho (2019, p. 16) o ecletismo tornou-se uma das diferentes correntes wiccaninas. Dentre as vertentes ressaltadas aqui, a Ordem Mística Templo de Oríon poderia se “encaixar” na perspectiva da bruxaria moderna e na bruxaria natural que “se caracteriza pela alegação de hereditariedade por parte de seus praticantes” (BEZERRA, 2019, p. 323), pois um fator predominante e que se tornou uma identidade do grupo é a questão do legado familiar *“a mãe que traz o filho, a filha que traz a mãe, o irmão que traz a irmã... uma formação de família enquanto filosofia de vida.”*. A Tradição Trina Essência e o Clã Ixanaki podem estar inseridos na vertente da bruxaria tradicional com

alguns pontos diferentes entre si. A Tradição Trina Essência propõe a ideia de uma “bruxaria tradicional evolutiva” para lembrar e reverenciar a própria tradição Pagã, reativando e trazendo toda essa concepção antiga para a contemporaneidade, “*se você quiser ter um caldeirão para ter aquele símbolo mítico da bruxaria, ótimo! Mas, nada vai tirar a possibilidade de você fazer magia na sua panela de pressão. Héstia vai estar tanto na sua fogueira de madeira colhida na floresta como no seu fogão de última geração.*” O Clã Ixanaki opta pela abordagem da “bruxaria tradicional moderna” pois, além de não termos afeição pelo cerimonialismo, preferindo uma perspectiva mais orgânica, criativa e fluída na forma de operar ritualisticamente, também temos como base a reverência pelos espíritos locais e prezamos pela autonomia individual e a experiência e o regozijo espiritual.

Wicca

Pelo fato de a Wicca ser a religião (neo)Pagã mais popular no Brasil e a mais difundida, o que acaba acontecendo é a associação - por parte das pessoas que não conhecem a realidade desses movimentos - de todos os sujeitos que se consideram Bruxas e Bruxos à Wicca. Alguns poucos estudos, a nível de mestrado e doutorado, dedicados a essa religião (OSÓRIO 2001; DUARTE 2008, 2013; TERZETTI-FILHO 2012, 2016; BEZERRA, 2012, 2019) já destacaram e mapearam a história dessa vertente altamente legítima e que inclusive tem uma lei de Nº 16.309, de 13 de setembro de 2016 do Estado de São Paulo que institui o “Dia Estadual dos Wiccanianos, Cultuadores do Sagrado Feminino, Pagãos, e Praticantes das Artes Mágicas” que é comemorado anualmente em 31 de outubro.

Segundo a União Wicca do Brasil existem cerca de 300 mil seguidores da Wicca no Brasil, dados de 2018, isso sem mencionar as pessoas que se consideram Pagãs, Bruxas e Bruxos, mas não se intitulam Wiccaninas, que também têm um número bastante expressivo. Como observa (BEZERRA, 2017, p. 71) “a Wicca no Brasil é uma religião sólida, com muitas pessoas acima dos quarenta anos e que vem buscando legitimidade.” Esse trecho é do primeiro livro de cunho científico publicado no Brasil sobre a Wicca que tem como título “*Wicca no Brasil: Magia, Adesão e Permanência*” da historiadora e cientista da religião Karina Bezerra, com quem tivemos a oportunidade de conversar no Webinário que organizamos em 2021. A autora divide o livro em dois capítulos, o primeiro é sobre o “Histórico da Wicca na Inglaterra, Estados Unidos e Brasil” e o segundo trata do “Movimento NeoPagão e Wiccano na região Metropolitana do Recife”.

Ainda no primeiro capítulo Bezerra elenca os dez princípios e diretrizes básicas que regulam e caracterizam a Wicca, bem como conectivos que unem os Wiccanianos, sendo eles: Culto à Deusa Tríplice e ao Seu Consorte, ou seja, aos Deuses antigos; Iniciação; Respeito ao conselho Wiccaniano: “Faça o que quiser, se a ninguém prejudicar”; Submissão à lei tríplice; Respeito absoluto à vida; Crença na Reencarnação; Crença na Grande Teia Universal; Celebração dos Ciclos da Natureza; Prática de magia natural e a Proibição completa de proselitismo.

Muitas dessas características vão também estar presentes em outras vertentes de bruxarias e religiões (neo)Pagãs, apontando assim as semelhanças existentes entre essas variações, contudo a ideia do “Faça o que quiser, sem a ninguém prejudicar” e a “Submissão à lei tríplice” é veemente criticada por Bruxas e Bruxos não Wiccanianos, esses sujeitos alegam que essas ideias se aplicam única e exclusivamente a Wicca, tendo em vista que foi ela quem criou essas diretrizes, portanto não se aplica as pessoas que não são adeptas dessa religião. Duarte (2017) verifica que a Wicca no Brasil vai se formar originalmente a partir de um processo de invenção de *tradições* e suas ressignificações, seguindo a lente do autor:

a palavra “tradição”, no jargão popular da Wicca, foi ressignificada para representar um grupo de *covens* com uma linhagem comum, que compartilham particularidades a respeito de suas crenças e práticas. Nos EUA, as Tradições surgem geralmente de um *coven* ou grupo original, que postula uma prática específica, e se ramifica conforme seus membros adquirem o grau de iniciação ou mesmo a vivência necessária para formarem seus próprios grupos. No Brasil, no entanto, esse processo de criação de “Tradições” wiccanas se deu e se dá de forma relativamente diversa. Nos últimos anos, uma grande quantidade de “Tradições” vem sendo criada aqui, de maneira que a palavra vem paulatinamente substituindo as designações até então mais comuns de *coven* ou *círculo* para grupos específicos de praticantes. São dois os fatores a serem considerados nessa dinâmica: o *reconhecimento* e o *pertencimento*. (DUARTE, 2013, p. 146 grifo nosso)

O autor vai indicar dois fatores predominantes no processo de dinamicidade da criação de “Tradições” no Brasil, que é o *reconhecimento*, pois a Wicca é uma religião, sobretudo sacerdotal e iniciática que exige o reconhecimento de iniciações realizadas, por isso a importância da ideia de *linhagens*. O segundo fator é o *pertencimento*, uma vez que, fazer parte de um grupo (*coven*) traz o sentido de diferenciação, e o fato de pertencer a uma tradição amplia o sentido de coletividade, de partilhar um conjunto de valores específicos e diferenciados que definem a identidade da tradição em questão. (DUARTE, 2013, p. 149). Essa ideia de pertencimento destacada pelo autor poderia ser explorada no sentido mais amplo, pois, existe também uma questão afetiva envolvida nesse processo

de pertencer a um grupo de pessoas que compartilham ideias em comum e isso será um dado relevante na escolha por parte dos integrantes pelo respectivo *coven*, ou *tradição* que virão a fazer parte. Duarte destaca ainda que:

Compreender o processo de formação de identidades na Wicca no Brasil passa, portanto, preliminarmente por compreender a ressignificação pela qual passou (e passa) a própria estrutura da religião, levando em consideração que os conceitos de *coven*, tradição, sacerdócio e ancianidade são fundamentais nessa estrutura. (DUARTE, 2013, p. 150)

Esses conceitos de *coven*, *tradição*, *sacerdócio* e *ancianidade* também serão trabalhados e explorados pelos grupos existentes em Manaus, pois a Wicca enquanto *sistema mágico e religioso* irá influenciar a forma como os grupos irão se organizar internamente, que geralmente se dá por meio de um processo hierárquico de iniciações e elevações de grau, levando em consideração a perspectiva da *linhagem*, ou seja o integrante que é iniciado, no 1º grau, recebe um *sobrenome mágico* que faz parte da linhagem do grupo ao qual ele pertence. Todas essas questões são bem mais complexas e extensas, pois cada grupo vai operar isso de uma forma diferente, esses meandros de *tradição-linhagem*, *iniciação* e *autoiniciação*, *sistematização*, *formação* e *organização*, foram melhor explorados e trabalhados pelos autores já citados. Para (Bezerra 2019, p. 323) “toda bruxaria Pagã no Brasil ou é fruto da wicca, ou a utilizou para compor sua forma de bruxaria [...] nenhum discurso se sustenta sem a Wicca, ou seja, sem ter incorporado a wicca ou aderido à wicca para seu desenvolvimento.”

Condamos em partes com essas afirmações, pois, a Wicca será a porta de entrada para muitas pessoas aderirem ao Paganismo no Brasil, bem como, uma das bases que sustenta muitos grupos (covens, tradições etc), porém, o discurso não será o principal marcador do processo de identidade e identificação dos grupos e sim as práticas e as experiências, tanto as individuais quanto as coletivas. O discurso vai ser o marcador de diferenças entre as concepções que cada grupo e indivíduo tem sobre o universo da bruxaria, que podem divergir entre si. São esses elementos, dentre outros, que vão dinamizar essa diferenciação de grupos wiccanianos e grupos que não são wiccanianos, bem como vão agenciar o rompimento com essa Tradição, a Wicca.

Ainda sobre essa perspectiva da Wicca, Duarte (2013) observa que é a *sensibilidade* ou *emotividade* que irá influenciar a dinâmica das adesões, de pessoas aderirem ou não a essa religião e o autor destaca que é o impacto simbólico da religião – por seu apelo à ancestralidade, à fantasia, à magia e à integração com a natureza - que

assume papel predominante. O cientista da religião Terzetti-Filho (2016) segue o mesmo pensamento ao propor sua tese de que é a valorização do feminino e a valorização da natureza, enquanto *identidades de projeto* que vão reorientar a Wicca para um contexto global, pois antes ela estava limitada a uma interpretação nacionalista. Como salienta Bezerra (2017, p. 94) “Em quase sessenta anos, a Wicca nasceu, desenvolveu-se, modificou-se e vem se transformando a cada dia.”

Uma das críticas que podemos lançar a Wicca é justamente o excesso de sistematização que vai acabar interferindo na forma de operar ritualisticamente, limitando inclusive o processo de criatividade tão caro para pensar os procedimentos mágicos e ritualísticos, além de pautar sua abordagem em uma regra generalizante e totalizante e também relacionar o processo hierárquico a uma noção arbitrária. Karina Bezerra (2019) observa que ainda há muito o que investigar sobre essa vertente, pois são vários os caminhos e categorias passíveis de análise. Ressaltamos que entender todo esse contexto de como essa vertente foi trabalhada, desenvolvida, desterritorializada, adaptada e os elementos que compõem o seu cerne, é primordial para uma melhor compreensão dos fatos que mobilizaram essa perspectiva religiosa.

A literatura sobre essa vertente, que vai ficar conhecida como a bruxaria moderna, é vasta (GARDNER, 2003, 2004; VALIENTE, 2009; CUNNINGHAM, 2006, BUCKLAND, 2019) apenas para citar alguns. Ao contrário da bruxaria tradicional que dificilmente encontraremos textos em português sobre essa abordagem, com algumas exceções (JONES&VALIENTE, 1992; ORAPELLO&MAGUIRE, 2019). Karina Bezerra (2019) em uma parte de um capítulo de sua tese de doutorado fala brevemente sobre algumas experiências de um bruxo¹⁴ brasileiro que se considera adepto dessa vertente da bruxaria tradicional, porém ressaltamos o perigo de refletir demandas que são coletivas a partir de um aspecto unicamente individual, como observa (HOWARD, 2011, p. 33) duas bruxas não têm o mesmo grimório, mesmo que tenham sido treinadas e até mesmo iniciadas pela mesma pessoa. O grimório seria uma espécie de diário onde o bruxo realiza anotações de feitiços e rituais etc. Não encontramos no processo de mapeamento e catalogação de materiais no início deste trabalho, pesquisas que versassem especificamente sobre outras abordagens de bruxarias, sobretudo, a bruxaria tradicional em solo brasileiro.

¹⁴ O paulistano Wagner Perico, idealizador do Via Paganus juntamente com Cris Morgan.

Bruxaria Tradicional

Na tentativa de enveredar pelos estudos dessa vertente, ainda de forma introdutória, buscamos refletir sobre alguns elementos da bruxaria tradicional a partir da obra “A arte dos indomados” do antropólogo e psicólogo Nicholaj de Mattos Frisvold de 2017, complementando também com o autor Michael Howard em sua obra *Children of Cain* de 2011, e com a astróloga, taróloga e bruxa brasileira, adepta da Bruxaria Tradicional Moderna Petrucia Finkler.

Por meio de temas como a *terra*, a *encruzilhada*, o *diabo*, a *morte* e a *noite*, Frisvold (2017) abre uma série de discussões e reflexões para pensar no fenômeno da bruxaria, trazendo consigo rituais, mitos, feitiços, ensinamentos poéticos atemporais e simbolismos circunscritos no corpo espiritual da bruxa. Logo na orelha do livro o autor destaca:

Ao contrário do que diz o senso comum, a Bruxaria não é um fenômeno exclusivamente europeu. Diversas manifestações dessa tradição surgiram em todas as partes do mundo, ao longo das eras. Mas mesmo com toda essa distância no espaço e no tempo, é possível discernir alguns temas em comum, como a terra, a encruzilhada, o diabo, a morte e a noite. Enquanto a maioria dos livros aborda apenas os lados leves e confortáveis da bruxaria. A arte dos Indomados trata dos seus elementos mais controversos, não se limitando a uma tradição específica de cada vez. É uma jornada pelo poder de cura da escuridão, apresentando uma visão holística do sagrado e do profano. (FRISVOLD, 2017, p. 219)

Nesse postulado o autor já chama atenção para a conotação ambivalente que sua obra enfatiza, ao propor a ressignificação da ideia do diabo como fronteira da possibilidade e da bruxa como uma presença ambígua na sociedade, Frisvold demarca assim os elementos constituidores do próprio paradigma da bruxaria, que se torna um espelho e uma crítica viva ao progresso e a lei, que desafia, transita e transcende os conhecimentos dicotômicos do bem e do mal, do sagrado e do profano. Nesse sentido Frisvold nos convoca a repensar o próprio repertório ao qual o fenômeno da bruxaria foi indexado, pois é nesse liminar que encontraremos sua essência.

A terra para o autor é entendida como o lugar *que descansam o sangue e ossos de nossos ancestrais* (FRISVOLD, 2017, p 72), em relação a essa reverência à ancestralidade no caminho mágico, a bruxa brasileira Petrucia Finkler, com quem tivemos a oportunidade de conversar no Webinário que realizamos em 2021, fala sobre três tipos diferentes de ancestrais que seriam os *ancestrais de sangue* – os espíritos dos nossos entes

queridos, familiares que já fizeram a passagem -, os *ancestrais da arte* - aqui poderiam entrar tanto os deuses com os quais o bruxo mantém relação, como também os espíritos de pessoas (da bruxaria) que deixaram um legado, uma linhagem e etc – e os *ancestrais da terra* – nessa categoria entram os espíritos locais que fazem da árvore, das plantas, do jardim, da horta, do bosque, a sua morada, bem como todos os espíritos da natureza e forças elementais da terra. Essa ideia de *espírito do local* ou *genni loci* será primordial para essa vertente de bruxaria, pois será levado em conta tanto o espírito humano, enquanto entidade desencarnada, como o não humano, os seres féricos, e ambos os espíritos se referem ao próprio local e o espaço geográfico que estão localizados, como observa Howard (2011, p. 42) se alguém perguntar sobre a Arte Tradicional, a resposta está em sua terra natal. Frisvold também fala da terra como o lugar da queda de seres míticos que em seus contatos com os humanos sucedeu o mito do *sangue bruxo*, noção essa que também é explorada na vertente da bruxaria tradicional.

O autor propõe outra concepção para pensar as “artes negras”, atrelando essa prática a arte do uso da terra, das plantas, dos animais e de tudo que é terrestre. Ao enfatizar o poder agenciador dos *véus da noite* enquanto guia e impulsionador da magia do bruxo e da sagacidade dos espíritos e divindades noturnas, Frisvold aponta assim a potência criativa e curativa da escuridão.

O simbolismo da lua que segundo o autor tem uma profunda associação com o mistério da noite, é na lua cheia que os seres se transformam em suas formas selvagens e é também a lua cheia que influencia a todos os seres vivos com êxtase e luxúria. O autor traz também as fases crescente e minguante da lua, considerando-as de grande importância para o fluxo e refluxo de todos os fluidos em *terra, água* ou *sangue*, isso sem mencionar as outras suas fases. “A lua está relacionada com o poder de atravessar entre os reinos e qualquer anormalidade relacionada com *água* e o *sangue* está sob seu poder” (FRISVOLD, 2017, p. 155, grifo nosso).

Outra associação a esse aspecto da noite que o autor propõe é a *morte* e a *Deusa Negra*. A morte como anúncio do invisível e responsável pela dinamicidade dos processos iniciáticos, bem como um lembrete do próprio movimento cíclico da vida, e a Deusa Negra como a provedora da sabedoria, aquela que desafia o peregrino em seu caminho e jornada espiritual, é também aquela que exige o *enegrecimento* do sol como

pressuposto para a extinção daquela identidade a qual tanto nos prendemos. Ainda sobre o aspecto agenciador da noite Frisvold sublinha:

A noite é quando as formas mudam e a ordem solar descansa. É quando as cobras venenosas gostam de deslizar na terra e os pássaros, sapos e insetos noturnos, se engajam em uma sinfonia noturna que consola e assusta. A noite é o reino dos sonhos, e aqui os familiares e ninfas, o bom povo e os outros espíritos da terra se unem, para comungar com o sonhador da noite. A noite pertence a *Hécate*, tanto quanto a *Lilith*. Este é o momento em que espíritos voam na noite para se alimentarem do sangue e sêmen, em seus misteriosos trabalhos de restauração nas terras noturnas. (FRISVOLD, 2017, p. 148, grifonosso)

Frisvold (2017) fala da encruzilhada como o local de *Arte e Ofício das Bruxas* e o ponto de entrada para a convenção sabática. A encruzilhada é o local da escolha e de moradia de espíritos e também é o local onde encontramos o Diabo, cujo o caminho é o da noite, do enigma e do desafio e é na encruzilhada que é feito o pacto e negociação com ele, o Diabo. “É na encruzilhada que seguimos para tomar decisões. É na encruzilhada que fazemos escolhas que determinam o curso da jornada. É na encruzilhada que nos confrontamos com nós mesmos e percebemos o nosso poder” (FRISVOLD, 2017, p. 24). Dessa forma, o autor ressalta que a bruxa representa, assim como o Diabo uma escolha.

Como uma peregrina da noite, a bruxa, se sujeita aos sonhos, visões e arrebatamentos proféticos. A meta para a arte das bruxas é entender como os poderes invisíveis regem e regulam a matéria, e então a matéria poder ser compreensível e sujeita à manipulação. Isto significa que a bruxa é a mediadora entre o branco – outras artes sacerdotais – e as artes negras, que dizem respeito à terra. E é a partir desta conexão que a ambiguidade é concebida e onde a bruxa se ergue. A bruxa percebe que Deus tem dois olhos, o Sol e a Lua. O olhar vigilante de Deus, à noite apresenta uma ordem diferente daquela do dia. Isto convida o infame Diabo a entrar no jogo, porque ele define os limites e fronteiras pela virtude da escolha. A bruxa se equilibrará neste limiar, compreendendo o mundo solar, mas florescerá nas águas lunares enquanto estas fluem sobre a Terra e anunciam o mistério. (FRISVOLD, 2017, p. 174)

O que tanto o wiccaniano como o não wiccaniano têm em comum é o cognativo “bruxo”, porém, diferentemente da bruxaria moderna que vai dizer que o diabo na verdade não existe e que foi uma criação unicamente e exclusivamente cristã, a bruxaria tradicional vai ressignificar a ideia do diabo, reverenciando e enxergando nele uma *fronteira da possibilidade*. Muitos elementos levantados pelo autor, se não todos, são bastante recorrentes na vida de muitas bruxas contemporâneas, nada do que o autor fala é “fictício”, ou mera fantasia. É a bruxaria tradicional que irá firmar o pacto e o compromisso com tais elementos. Ainda hoje, no ano de 2022 no Amazonas, existem

sacerdotes e sacerdotisas da Deusa *Hécate*, de *Lilith* e de muitas outras deusas e deuses que por meio de seus mitos sempre se fizeram presentes no véu escuro do tempo. Os grupos aqui destacados nessa dissertação também terão relação com muitos dos elementos que Frisvold ressaltou, tanto no âmbito coletivo como no âmbito individual, como veremos nos próximos capítulos.

Para Petrucia Finkler (2020) a bruxaria tradicional vai resgatar as práticas e crenças dos povos nativos do período da Europa pré-cristã, como os *rituais extáticos de transe*, o *voou xamânico* que posteriormente será conhecido como o “voou da bruxa”, enfatizando essas práticas de estados alterados de consciência. Ainda segundo Finkler¹⁵ os adeptos da bruxaria tradicional se consideram *animistas*, bem como realizam uma profunda imersão ao *psiquismo*, valorizando e reverenciando os *espíritos locais*, *espíritos férlicos* e *anjos decaídos*, que também foram destacados por Frisvold anteriormente. A autora também fala que a bruxaria tradicional é totalmente *herege e anarquista*, não possuindo dogmas e nem fundamentos, pois, não se tem a intenção de se organizar sistematicamente, por esse motivo também que é difícil encontrar grupos que tem como base essa vertente de bruxaria, já que essa categoria não possui uma estrutura hierárquica fixa e permanente.

Em relação a perspectiva do animismo ao qual Finkler traz como um elemento constituidor da identidade de um bruxo tradicional, Michael Howard (2011) salienta que os *praticantes tradicionais* não se autodenominam como “adoradores da natureza”, o autor ainda diz que, alguns deles até relutam em classificar o que fazem e acreditam como uma religião, pois segundo o autor, ser um adorador da natureza sugere que os humanos são separados dela, por isso a importância de uma visão animista do mundo natural. “No contato diário com seu ambiente local e suas realidades, eles reconhecem que a natureza é “vermelha nos dentes e nas garras” e baseada na lei da sobrevivência do mais apto..” (HOWARD, 2011, p. 27). Ainda nessa esteira tem o fato de muitos dos adeptos dessa vertente mais tradicional, não se considerarem, Pagãos. No fim da obra de Frisvold (2017) em conexão com o poeta grego Kostas Palamas, o autor destaca “Não somos nem cristãos, nem pagãos, com cruces e símbolos pagãos, estamos tentando construir a nova vida cujo o nome ainda não é conhecido.” (FRISVOLD, 2017, p. 175)

¹⁵ As descrições foram retiradas da fala de Petrucia Finkler em entrevistas disponíveis na plataforma do YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q6CiIuy2Qc> e <https://www.youtube.com/watch?v=v8aixWUPZYk&t=600s>

Muitas ideias lançadas pelos bruxos que se consideram mais tradicionalistas serão repensadas e criticadas pelos bruxos que se consideram adeptos da bruxaria tradicional, mas não são tradicionalistas, que são os bruxos tradicionais modernos. Alguns conceitos permanecerão e serão trabalhados e desenvolvidos em ambas as correntes – bruxaria tradicional e bruxaria tradicional moderna – como os *espíritos locais* da terra e as *forças elementais*; a ideia de *paisagem sagrada* e o uso de 'energias terrestres' em locais sagrados; a comunhão com o *mundo espiritual* e o *reino das fadas*. Howard (2011) vai elencar também no que concerne a magia operativa dessas correntes, os seguintes elementos:

[...] o uso de *sonhos mágicos*, *viagem astral*, *visão psíquica*, *transe*, *mediunidade* e *adivinhação*, um relacionamento pessoal com *familiares* e *guias espirituais*, o conhecimento de *folclore vegetal* e *fitoterapia*. Além disso, em alguns grupos como a *Old Craft* e outras tradições, há a prática da observância de dupla fé, como o uso de *salmos* e *charme latino* em trabalhos mágicos, *adoração de santos*, *simbolismo cristão herético*, *imagens demonológicas* e a prática de *magia angelical*. (HOWARD, 2011, p. 34, grifonosso.)

O mito do *sangue bruxo*, *sangue de elfo* ou ainda *marca de Caim*, consiste na crença em casamentos entre humanos e fadas, entre humanos e seres féricos, dessa forma algumas bruxas possuem uma herança mágica e espiritual que foi herdada, “descendo através de encarnações físicas do passado antigo. (HOWARD, 2011, p. 38)”, assim, de acordo com esse mito, são essas bruxas que são as possuidoras da “Marca de Caim”, pois o Caim em sua peregrinação dos “exilados”, assim como Lúcifer, se tornou um bruxo e grande conhecedor do mistérios da Arte Tradicional. Essa noção será criticada por alguns bruxos não tradicionalistas, tendo em vista que não é o sangue bruxo que irá da legitimidade para alguém se autodenominar bruxa. As discussões a respeito desse mito e dos outros elementos importantes para essas correntes de bruxaria, são vastas. Não temos a pretensão de esgotar o tema e nem de explorar a fundo essas questões.

Bruxaria Tradicional Moderna

Petrucia Finkler recorrentemente fala que se entende como uma *bruxa tradicional moderna*, pois dentro da própria bruxaria tradicional existe também essa subdivisão denominada “Bruxaria Tradicional Moderna”. Pois, como destaca Finkler (2021) “*Eu faço uma bruxaria baseada no tradicionalismo, mas ela tem pitadas de coisas modernas*”. Nesse sentido, dentro da bruxaria tradicional moderna o praticante que não necessariamente pretende se ater apenas a perspectiva tradicionalista, encontra nessa subdivisão um lugar para expressar seus desejos e suas práticas mágicas em

diálogo com outras perspectivas espirituais que permeiam a nossa contemporaneidade.

Nos sete capítulos que seguem na obra de Michael Howard (2011) o autor vai trazer um grupo de bruxaria tradicional para ser explorado em cada um dos sete capítulos, buscando verificar e descrever como cada grupo trabalha e desenvolve essa vertente. Os grupos sinalizados por Howard são: *The Clan of Tubal Cain*; *The Regency*; *The Pickingill Craft*; *The Horse Whisprers*; *American Traditional Witches*; *The Sabbatic Craft* e o *The Old Craft Today*. Grupos esses que serão importantes para a disseminação da bruxaria tradicional como uma corrente legítima e que irão influenciar muitos outros grupos que virão a se formar posteriormente. Vale ressaltar que todos esses sete grupos operam de formas distintas e tem concepções distintas, por isso a importância de se estudar cada grupo para entender suas especificidades, bem como para compreender também a heterogeneidade das bruxarias existentes.

De modo algum pretendemos restringir os conhecimentos a respeito dessa vertente de bruxaria aos autores aqui elencados, pois muitos dos pensamentos dos autores que seguem essa vertente divergem em alguns pontos. Já existe uma vasta e excelente literatura sobre essa corrente, mas todas ainda em inglês, isso é um dos fatores que prejudica o não conhecimento dessa vertente por parte das pessoas de um modo geral e até mesmo dos próprios Pagãos, em específico os da cidade de Manaus.

Tradição Feri

Passado algum tempo do rompimento com o grupo do qual fazia parte - citado na apresentação - sonhei com o nome de uma tradição de bruxaria, após o sonho não lembrei o nome exato da tradição, e ao conhecer a Bruxa Feri Lilo Assenci¹⁶ que foi quem nos ajudou no entendimento da bruxaria para além da wicca, em específico a bruxaria tradicional. A partir desse contato, conversa e relação de amizade e afeto mútuo, tomamos conhecimento da existência dos grupos ao qual a bruxa ecofeminista e ativista Starhawk havia sido iniciada e um deles foi a *Tradição Feri* e assim lembrei o nome da tradição que havia sonhado. É a Tradição Feri¹⁷ que irá influenciar Starhawk na criação da sua própria tradição de bruxaria a *Reclaiming Tradition Witchcraft*¹⁸ fundada em 1980 por Starhawk e Diana Baker. Starhawk irá passar então pela experiência de viver e ser iniciada

¹⁶ Residente do Rio de Janeiro, Bruxo, Sacerdote, Mentor, Coelho da Lua, Tradutor, Professor. Iniciado na Tradição Feri e Membro da Tradição Reclaiming.

¹⁷ Site da Feri Brasil nacional: <https://feribrasil.com/>

¹⁸ Site da Reclaiming Internacional: <https://reclaimingcollective.wordpress.com/>

em grupos de ambas as vertentes, a bruxaria moderna, em específico a Wicca Diânica, e a bruxaria tradicional moderna, com a Tradição Feri.

Um acontecimento que merece atenção é quando Starhawk pela primeira vez toma conhecimento do texto-poesia da bruxa e sacerdotisa Doreen Valiente. Essa sacerdotisa será uma figura de suma importância para o desenvolvimento do movimento (neo)Pagão, Doreen Valiente também teve passagem por ambas as vertentes, a bruxaria moderna por meio do grupo *New Forest Coven* do fundador da Wicca, o britânico, bruxo e antropólogo amador Gerald Gardner, e a bruxaria tradicional por meio do *The Clan of Tubal Cain* do bruxo Robert Cochrane. O nome do texto-poesia de autoria da Doreen Valiente, que criará em sua estadia no *New Forest Coven*, ao qual afetará profundamente Starhawk e a forma como ela irá dinamizar o seu ativismo mágico é a *Carga da Deusa*, em que ela ressalta:

Enquanto ouvia aquelas palavras, fui tomada por uma forte sensação, não a de estar entrando em contato com algo novo, mas a de estar descobrindo nomes a uma estrutura para compreender as experiências que eu já havia tido. (STARHAWK, 2007 apud TERZETTI-FILHO 2016, p. 123).

O não conhecimento desses intercâmbios que muitas bruxas e bruxos irão realizar, passando de um grupo ao outro, é o que faz, por vezes, pesquisadores e demais pessoas, associarem toda e qualquer pessoa que se intitula bruxa à Wicca, como está em uma passagem do texto do antropólogo Renato Stuzman (2018) chamado *Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – Pensando com Isabele Stengers*, em que ele traz a seguinte constatação “Em suma, Stengers leva a sério a operação da Reclaiming Tradition Witchcraft, indo além do *contexto de atuação de Starhawk e da tradição europeia (wicca) por ela reativada.*” (STUZMAN, 2018, p. 341, grifo nosso). Ao ler alguns textos que está no site da Reclaiming Tradition Witchcraft a impressão que se tem, se você não conhece o contexto e as experiências de grupos da Starhawk, é de que a Reclaiming Tradition Witchcraft é uma tradição de Wicca. O contexto de atuação de Starhawk, inclui a Wicca, mas não se limita a ela.

A Reclaiming Tradition Witchcraft irá mesclar em sua abordagem elementos da bruxaria moderna, em específico a ramificação a qual ela estava imersa – a Wicca Diânica - juntamente com elementos da bruxaria tradicional, em específico da Tradição Feri, pois esta tradição, a *Feri Tradition*¹⁹, tem como base a liberdade espiritual e religiosa e a

¹⁹ Site da Feri Tradition internacional: <http://www.feritradition.org/>

autonomia sacerdotal. Em um texto do site da Reclaiming Brasil²⁰ intitulado “A *palavra “B”, ou porque nos chamamos de Bruxas*”, de autoria da Bruxa Reclaiming Macha NightMare e tradução de Lilo Assenci, a autora faz referência a uma outra bruxa chamada Oreithyia quando esta diz:

“Eu não sou um pagão. Eu sou uma bruxa. E para muitos, muitos de nós, Tio Gerald e Tia Doreen não têm nada a ver com o quê ou porque somos bruxas. Nos últimos dez anos, houve mulheres que lançaram o círculo, uivaram na lua, dançaram a espiral... Nenhuma dessas mulheres já considerou o que elas fizeram como decorrentes de qualquer coisa além da sabedoria que elas encontram na alma da própria mulher. Elas, nós, encontramos nossas raízes na grande Mãe Árvore, olhando para trás através de nossa própria herança de mulher... E é daquele lugar que nos definimos como Bruxas. Pagão é uma palavra que alguns dos nossos parentes, por uma variedade de excelentes razões, optaram por usar. Não é a palavra que escolhemos. Neste contexto, Tio Gerald e Tia Doreen podem ser percebidos como familiares distantes. Algum de nós vão os visitar. Algumas de nós nunca o fazem. Às vezes, aqueles que visitam retornam para casa com histórias sobre o que nossos primos estão fazendo; como às vezes é tão familiar e às vezes tão estranho. Muitas vezes voltamos aprendendo algo. Muitas vezes ensinamos algo. Eu continuo desfrutando a confiança aprimorada e a comunicação entre grupos de nós, pagãos, bruxas, xamãs, Wicce. Eu continuo saboreando o que nos torna diferentes. Aprecio as visitas e honro as lições. Mas não há dúvida de que chegamos a alguns dos mesmos lugares ao longo de rotas diferentes. E para muitos de nós, a palavra “Bruxa” fala menos sobre como fazemos o que fazemos e sobre o fogo dentro.” (OREITHYIA, S/A, s/p. apud NIGHTMARE, 2017, s/p.).

A experiência pela qual Starhawk irá passar é a experiência de grupos e as experiências dos grupos precisam ser levadas em consideração. Esses intercâmbios que muitas bruxas e bruxos realizam é resultado do movimento fértil e profícuo da própria bruxaria que não se limitou aos meandros da modernidade e nem de um passado nostálgico. Como observa Pritchard (2005, p. 40) ”*o conceito se expande junto com a experiência social de cada indivíduo* (PRITCHARD, 2005, p. 40). As *bruxarias* como propomos aqui, são dinâmicas, moventes e vivas, produzem agenciamentos e moldam identidades, *a bruxaria é um acontecimento normal, e não anormal* (PRITCHARD, 2005, p. 58). Uma bruxa pode ter em seu repertório tanto os elementos concernentes a Wicca, quanto elementos advindos dos *chifres do diabo*, porém, como ressalta Marcio Goldam (2014) “bruxos só podem existir como os antropólogos os concebem. ” (GOLDMAN, 2014, p. 13) ”.

²⁰ Site da Reclaiming Brasil: <https://reclaimingbrasil.com/>

É o feitiço que liga as linhas soltas

No fim da primeira parte do livro História da bruxaria, os autores Jeffrey Russell & Brooks Alexander (2019) destacam as virtudes e as limitações dos estudos sobre a história social da bruxaria. A principal virtude segundo os autores, foi o reconhecimento de que as ideias não se desenvolveram em um vácuo, e que as relações sociais contribuem muito para modelar as percepções da realidade. E no que concerne as principais limitações, os autores ressaltam que essa abordagem, da história social da bruxaria, se mostrou inclinada ao dogmatismo, bloqueando ou repelindo outras abordagens, e, em sua busca pelos mecanismos sociais, ter desprezado o mais amplo significado ético, intelectual e *espiritual da bruxaria*. (RUSSEL & ALEXANDER, 2019, p. 136, grifo nosso). A bruxaria é sobretudo um fenômeno que fala sobre espiritualidade e essa afirmação é recorrente no discurso e na própria prática diária das bruxas e bruxos de Manaus. No próximo primeiro capítulo desta dissertação iremos nos ater com mais vigor sobre essa noção, tão caro para os interlocutores e colaboradores que fizeram parte desta pesquisa.

Por fim, longe de sobrepor uma vertente a outra, a nossa proposta é justamente poder apontar através da realidade (neo)Pagã Manauara, a pluralidade e o caráter polivalente da bruxaria. O que todas as vertentes e linhas de bruxaria que aqui foram destacadas têm em comum, é o fato de fazerem *feitiço* e de algum modo trabalharem com a feitiçaria, dessa forma é o *fazer* que irá ligar todas essas linhas soltas. E assim voltamos para aquela afirmação dos historiadores Jeffrey Russell & Brooks Alexander (2019) de que existe uma semelhança universal nas práticas feitiçarias. Constatamos então, como observado no início deste capítulo, que é a feitiçaria, entendida como procedimentos mágicos, que suscita o entendimento e a conclusão por parte das bruxas e bruxos da cidade de Manaus em associar o fenômeno da bruxaria a outras vertentes religiosas.

Estrutura da dissertação

Depois de muitas idas e vindas sobre a composição dos capítulos da dissertação, decidimos então concentrar nos aspectos expressivos dos próprios grupos e nas experiências de pessoas específicas, além de refletir sobre os aspectos díspares de espiritualidades existentes na cidade de Manaus que foram experienciadas por meio da perspectiva da bruxaria.

No primeiro capítulo intitulado “*Teu corpo é a tua magia e o teu portal*”, que parte da fala de uma bruxa, amiga e irmã do Clã Ixanaki, Gaael Geburah, quando este, relata a importância do corpo para o nosso desenvolvimento mágico e criativo, principalmente quando se fala de uma Bruxa Queer. Nesse capítulo, busco destacar as experiências pessoais de três bruxas da cidade de Manaus, uma de cada grupo pesquisado. Nailah Ethne da Ordem Mística Templo de Oríon (OMTO); Sísi Rolim da Tradição Trina Essência (TTE), para essas duas pessoas foi feito uma espécie de diário, ou como conhecemos na bruxaria o “livro das sombras” para que, essas mesmas pessoas, pudessem narrar suas próprias histórias. E na terceira e última parte, desse capítulo é o momento que falo da minha experiência com um rito de passagem que vivenciei em 2018 e que marcou uma mudança de ciclo muito importante na minha vida mágica e scaerdotal, além de falar sobre algumas práticas que desenvolvi nessa inter-relação entre magia e teatro/performance e ritual.

No segundo capítulo intitulado “*Eu sou a bruxaria*”, que parte de uma fala da bruxa e sacerdotisa Nailah Ethne, quando esta relata, em uma das entrevistas que realizei com seu grupo, que a bruxaria somos nós, que corporificamos a sua essência em vida. Nesse capítulo, busco destacar três rituais, um de cada grupo, e também refletir sobre o ritual que realizei, onde relaciono magia e processo criativo.

E por fim, no capítulo três intitulado “No caldeirão da magia Amazônica”, que é o tema do último evento organizado pelo Encontro Pagão Amazônico, busco refletir sobre diferentes vertentes espirituais a partir do meu olhar como bruxo, a saber, no *Bahserikowi* - Centro de Medicina Indígena; no Centro de Umbanda Caboclo Ventania e na escuridão das florestas da cidade de Manaus.

1. TEU CORPO É A TUA MAGIA E O TEU PORTAL: Afeto, magia e ritual nas experiências pessoais de três bruxas da cidade de Manaus

Um indivíduo, ao se tornar Pagão e iniciar seu treinamento mágico como bruxo é incentivado, provocado e “forçado” a desenvolver um lado mais sensível que vai, desde a percepção dos próprios sentidos à conexão com o espaço, o tempo e as imaterialidades presentes no repertório e território das pessoas cuja a vida é mediada pela magia. Esse desenvolvimento ocorre paulatinamente, através das práticas e experiências ritualísticas, do contato com o reino vegetal e com os seres míticos que dinamizam as intencionalidades das *vozes vegetais*, dos elementos da natureza e que são extensões dos próprios deuses, entendidos como imanentes e acessíveis, pelas constantes práticas mágicas e feiticeiras que acessam aspectos imagéticos, inconscientes e simbólicos. Tais experiências se configuram como treinamento mágico, que promove o exercício da reflexividade, da autoexpressão e do compromisso com mundos outros que permeiam a presença do invisível na vida cotidiana.

Estas abordagens recrutam uma nova forma de olhar para o mundo que nos cerca, exige silêncio, troca e cumplicidade para com os espaços sagrados, como jardins, plantas, bosque, rio, tronco de árvores, horta, quintal – onde espíritos fazem morada – sejam percebidos. Ao caminhar pela trilha de uma floresta, o Pagão/Bruxo sabe que existe uma diversidade de seres agenciando e dinamizando aquele ambiente. Com os ouvidos atentos ao que sopra o vento e a chuva, o Pagão/Bruxo acolhe e compreende a mensagem que atravessa seu corpo e comunica sua alma. Esses modos próprios de ser, conhecer e agir convoca esses sujeitos a sentirem à magia da noite em suas próprias entranhas e a emergirem o pulsar de seus corações sob o compasso e o sangue da terra que corre em suas veias.

As práticas e experiências ritualísticas do Pagão/Bruxo emergem como ações efetivas dessa estratégia, que tem como cerne o exercício da transformação do pensamento por meio da vida vegetal. Ao tornar constante a prática do ritual que celebra as fases da lua, as celebrações dos festivais sazonais que marcam as mudanças das estações ou os rituais de culto à alguma divindade ou espírito, o corpo do praticante se dilata, mobilizando seus sentidos e alterando suas percepções. Os rituais de bruxaria são um convite à celebração da vida em toda a sua plenitude e comunhão com cada ser que

coabita as materialidades do plano terrestre. Cavalcanti (2018), ao reunir em sua obra quatro estudos clássicos de rituais Edward Evan Evans-Pritchard; Meyr Fortes; Hilda Kuper; Monica Wilson –, chama atenção para o que essas quatro etnografias têm em comum: o fato de lembrarem que o ritual nos conduz efetivamente para o caminho da experiência humana que, segundo a autora, é feita de *cores, sabores, cheiros, visualidades, danças, gestos, conflitos e tensões, sentimentos, emoções e afeições*. Assim, Cavalcanti nos auxilia na compreensão dos processos de constituição das identidades sociais, da construção de subjetividades e da dinamicidade tensional da experiência social. Como sublinha (CAVALCANTI, 2020, p.15) “O ritual é um lugar em que sujeitos e coletividades se forjam em seu desejo de seguir vivendo”. Quando eu olho para esse rituais, o que eu vejo, é uma necessidade de tornar-se uno com os outros, humanos e mais que humanos, formando uma irmandade alinhada com o seu lado mais íntimo, onde as subjetividades são compartilhadas em corpo, mente e espírito por meio da magia.

1.2 A magia é o que torna a minha realidade a realidade que ela é: A dança afetiva de Nailah Ethne

Eu digo que a minha experiência, a minha busca, ela se deu por volta mesmo dos meus 29 anos. Porque. Se eu fosse dizer. “Ah, mas você não é uma bruxa familiar, uma bruxa hereditária?” Sim, eu sou. Mas quando você nasce na religião, você não está na religião por opção. Você está porque é o seu meio. Então eu cresci ali dentro, aprendi as coisas de forma até muito regional. Eu sempre digo isso, é muito legal, que hoje eu me arrependo amargamente de não ter aprendido a benzer, sabe? Essas coisas todas que a benzedeadas fazem. Porque na época, para mim, tipo, eu com 12, 13 anos, eu dizia que isso era coisa de gente velha, eu não queria isso para minha vida. Mas tipo, aí teve um período que eu me revoltava porque tinha coisas que eu não concordava, tinha situações que eu não queria para minha vida. E eu me desliguei totalmente disso, tanto que eu digo que há um período entre os 23 e os 28 anos que eu perei o cabeça. Fiz tudo o que eu tinha que fazer, fiz tudo o que eu não deveria fazer. Aprendi a fumar, aprendi a beber, só não usei drogas porque pelo fato de ser cardíaco eu sentia medo. Mas, muitas coisas eu experimentei nesse período.

Tipo, eu tive meu primeiro contato com comidas industrializadas.

Que todo mundo acha super engraçado, mas tipo assim, minha avó, jamais comia de um dia pro outro, nunca. Tudo feito na hora, sabe? Porque era a cultura dela, né? E dizer que comida, apesar do animal está morto, querendo ou não, ele passa a energia dele pra gente. Então ela não gostava muito dessa coisa de guardar muitos dias, de fazer. Tipo, hoje eu preparo arroz e a gente, enquanto estiver na geladeira e estiver bom, a gente vai comendo. Mas porque o cotidiano não dá, então minha avó não tinha isso.

Quando eu me encaralhei no mundo, que eu me desliguei, essas coisas foram as primeiras coisas que eu fiz. Tipo assim, experimentar miojo, comida empanada, essas coisas eu comia todo dia. Todo dia, todo dia, acabando com o meu corpo, intoxicando. Mas por quê? Para mim era uma novidade. E era o tempo da rebeldia. Só que é aquela coisa, né? Quando você nasce no coletivo, você pode até se desligar do coletivo por um tempo. Mas mais cedo ou mais tarde, aquilo vai chamar você. Você vai sentir falta daquilo, você vai querer aquilo de volta na sua vida. E às vezes pode ser muito tarde, diante das decisões que você tomou, da forma como você agiu no passado. Às vezes não tem volta. E eu tinha plena consciência disso.

Quando deu lá para os 27, 28 anos, aquilo começou a fazer falta na minha vida. Muita, muita, muita mesmo, sabe? De eu sair do trabalho e eu olhar o céu e eu ver a lua cheia e aquilo pulsar dentro de mim. Eu ficar louca, querer, sabe? Cultuar, cultuar, cultuar. E eu não tinha onde. Por quê? Era uma coisa muito louca, que até então, para mim, aquilo era uma coisa familiar. Nunca foi discutido que existiam outras pessoas, que tinham covens, que até então não sabia o nome. Coven, existência, né? De tudo isso. Então era muito, muito, muito difícil. Aí eu lembro que eu estava já com os 28 e aí eu fui para a internet e eu digitei lá assim. Paganismo, bruxaria. Aí a primeira coisa que apareceu foi um grupo de discussão do UOL, que era do Claudinei Prieto, sobre o Wicca, sobre bruxaria. E a Wicca era uma denominação que até então eu não sabia nem que existia, dentro da nossa cultura era Deusa mãe, Deus pai. Não existiam os deuses em si. Mas porque não era do culto familiar. Era Deusa mãe, Deus pai. Então eu comecei a entrar naquilo assim e aquela coisa. Sabe cachorro quando cai da mudança e está perdido na rua? Tudo quanto é lugar buraco, ele vai se metendo. Então eu fui assim e feito um cachorro que caiu da mudança. Era discussão sobre o Paganismo, eu ia lá. Ah, vai ter uma roda de discussão no Orkut, eu ia lá. E eu não via manifestação dentro da cidade. Por mais que eu procurasse, Pagãos na cidade. Não existia. Para mim não

existia. Lógico que já existia, mas eu não tinha o acesso.

E aí eu lembro que eu fui assim, pera lá, estou procurando, procurando. Aí comecei a ler muitos livros e a entender sobre toda a didática. Tudo aquilo que eu ouvia de boca, eu comecei a ver no papel algumas coisas, outras realmente, o boca a boca, ele fala de uma cultura que tá perdida, que nem todos os historiadores tiveram acesso. E aí a minha sede de conhecimento era muito grande dentro disso. Por quê? Querendo ou não, o que você aprende familiarmente é hermético. É aquilo que você aprendeu da sua mãe, que aprendeu com a mãe, que aprendeu com a mãe, que aprendeu com a mãe. E tipo, minha avó, que foi a minha grande mentora, ela era analfabeta. Mas ela me ensinou coisas que nenhuma faculdade no mundo vai me ensinar hoje.

Então, o conhecimento que eu tinha era aquele oral. Então quando eu comecei a abrir, me abrir assim e ver livros falando de bruxaria, livros falando de wicca, de práticas, eu fiquei assim deslumbrada, sabe, aquilo foi me entusiasmando, entusiasmando. Então eu saía assim, se tivesse uma biblioteca inteira sobre o tema, eu devoraria tudo numa semana. Porque eu sempre li muito rápido, então, sabe, uma coisa vai puxando a outra, vai puxando a outra, e eu sempre gosto de ler dois, três livros ao mesmo tempo. Então sempre foi muito assim, essa sede de conhecimento é muito grande.

Aí eu comecei a ver a redundância. Todo autor fala da sua experiência pessoal colocada dentro de uma visão geral. Então, querendo ou não, os livros, os grandes autores, os antigos autores, eles têm a mesma experiência, mudam uma coisa ou outra, um ponto de vista, um ponto cultural, porque a minha educação não foi igual à sua, então a gente encara de forma diferente, essas coisas. E aí eu comecei, quando eu comecei a estudar sobre a bruxaria na Europa, porque até então, naquela época, o “boom” era a bruxaria nos Estados Unidos, então os autores estadunidenses eram os mais, assim, tipo, Scott Cunningham, Starhawk, eram os mais conhecidos, que a gente chamava na época de bruxaria pop.

Quando eu comecei a ler os autores europeus, eu comecei a me identificar com aquela experiência, porque era muito parecida com a experiência que eu vivia. Aí eu lembrei, não, mas a linhagem, querendo ou não, familiar, ela é de origem europeia, então, lógico que eu vou acabar me identificando. E aí eu fui começando a ver, olha, eu vou. Quer saber de uma coisa? Eu não preciso de um coven. Eu tenho três filhos, quatro porque eu tinha uma filha adotada, né? Entre aspas, agregados, sempre tive muitos

agregados na minha casa. Então, eu comecei a dizer, meus filhos são meus coven, meus filhos são meu clã. Então, sabe, era uma coisa que eu não queria para elas, quando eu me desliguei da família, eu falei, eu não quero isso para as minhas filhas, eu não quero essa cultura para as minhas filhas. E eu fui vendo a importância de passar a cultura. Querendo ou não, é a nossa história. Você pode virar as costas para o seu passado, mas o passado nunca vai virar as costas para você. Então, eu comecei a cultuar com elas, ensinar e passar o que eu sabia. Mas eu passava o que eu sabia e eu pegava o livro e mostrava. Por quê? Porque eu já não queria que fosse igual ao que eu tinha aprendido, só a forma oral. E foi assim durante muito tempo.

A primeira vez que eu realmente decidi, não, eu vou procurar um coven na cidade, se existir. Se não tiver, eu procuro um coven em outro estado, estudo a distância, quando for preciso fazer os ritos de passagem, eu vou. Eu tinha uma vida financeira muito boa. E aí, quando eu coloquei assim, Wicca em Manaus, a primeira pessoa que sai na lista é o seu Arcano Fênix Lod, que hoje se chama Brann Farrel. Ele estava fazendo uma chamada para um encontro Pagão, o primeiro encontro Pagão da Amazônia. Aí eu, caraca, que coisa legal, eu quero participar disso aí. E fiz a inscrição, paguei tudinho. Na época eu era casada com outra pessoa e estava tudo certo. Beleza, vou conhecer um monte de gente diferente de mim, mas que tem o mesmo objetivo. Legal.

Aí a minha filha mais velha, que estava grávida, teve complicações na gravidez, se internou, e eu me internei junto com ela na maternidade. Passamos um mês lá. E eu desesperada, por quê? Porque eu queria participar. Porque eu queria participar daquilo, mas eu estava vendo a possibilidade de se distanciar. E ao mesmo tempo que, era uma coisa que eu queria muito, eu sabia que ela teria o suporte, mas ao mesmo tempo me doía não poder estar ali. Para mim poderia ser um ato de egoísmo. E a minha neta nasceu numa sexta-feira 13, se chama Luna. Aí, por coincidência, ela acabou pegando alta no mesmo dia desse evento. E aí ela pegou alta de manhã, a gente foi para casa, eu lembro que eu só cheguei em casa, troquei de roupa, peguei uma bolsa, enfim, um monte de bagulho dentro, o que ele tinha pedido, uma roupa, uma toalha, uma canga, não sei, nem lembro direito. Me enfiei numa bolsa, peguei um carro e fui embora. Minto! Peguei o carro, pedi para o meu marido me deixar lá, era no centro, para encontrar com eles.

E sabe quando você está tão feliz por encontrar pessoas iguais a você que você não se importa com idade, diferença social, diferença cultural, porque querendo ou não,

o Coven é uma família que você, não vou dizer que você não escolhe, mas é uma família que te abraça, independente do que você seja, de quem você foi, vai ser, enfim. E aí eu lembro que eu só não era a pessoa mais velha, porque na época o seu Ambros também estava lá, e o senhor Ardati. Então nós éramos as pessoas mais velhas, cheio de gente muito novinha. E aí, às vezes, eu parava e eu, gente, o que eu estou fazendo aqui? E fiquei, e foi aí que começou. Aí eu digo, este foi o meu encontro com a bruxaria, porque não foi algo me imposto, foi algo que eu procurei, que eu fui atrás.

Então, querendo ou não, diante de todas as adversidades que tiveram de lá para cá, dos meus 36 anos para cá, que isso aconteceu aos 36, hoje eu estou com 45, eu digo todos os dias que eu não me arrependo de nenhum momento de nada, nada, nada, que eu tenha feito de lá para cá. Das coisas das quais eu abri mão, ou da vida que eu deixei para trás, porque uma coisa é certa, tinha uma vida muito estável financeiramente, profissionalmente realizada, eu sentia que eu estava mostrando para os meus pais aquilo que eles esperavam de mim diante de todas as expectativas, de todos os investimentos que eles fizeram, mas não era uma coisa que eu queria.

Tanto que, aos 36 anos, eu tinha tido dois infartos, uma estafa mental, vários esgotamentos físicos por conta de trabalhar muito para mostrar para eles aquilo. E ter. Infelizmente, algumas famílias, elas são assim, não é errado, não é que elas queiram o mal das pessoas, mas para elas é importante ter. Você tem que ter uma casa, você tem que ter um carro, você tem que ter boas roupas, roupas de marca, você tem que poder comer em um bom restaurante pelo menos duas vezes na semana, ter o carro que você quer. Então, eu trabalhava para suprir aquilo, acabava que eu nem aproveitava nada. Hoje, essa realidade não faz mais parte da minha vida, mas, em contrapartida, eu encontrei outras formas de me fazer feliz que muito provavelmente eu não teria naquela época. E eu sei que a bruxaria fez isso, ela abriu essas portas para mim. Eu deixei muita coisa para trás, mas eu ganhei muitas outras coisas. Então, para mim, eu não me arrependo em nenhum momento.

Eu digo a bruxa familiar e hereditária porque hoje eu já consigo encontrar outras pessoas muito relacionadas com isso. Antigamente, eu achava que era uma coisa só da minha família, mas, tipo, pessoas, famílias que vieram da Europa, que se estabeleceram no Brasil, que vieram por conta de perseguição e que vieram com medo da perseguição e esconderam o culto Pagão. Então, quando eu digo da bruxa familiar, da bruxaria

hereditária, porque, querendo ou não, é um ofício que vai sendo herdado, passado, de mãe para filho, de pai para filho. Às vezes, por uma geração, mas aí a avó vai lá e resgata.

Eu digo muito que o mito que, tipo, Alex Sanders fala que ele foi iniciado pela avó na cozinha da casa dele. Lógico, né, que ninguém nunca vai confirmar isso. Mas, eu me coloco, hoje eu já não questiono tanto porque, querendo ou não, várias e várias vezes eu, na cozinha de casa, estou ensinando as coisas. Estou ensinando para as minhas filhas, estou ensinando para a minha neta, estou ensinando para o meu neto. Então, por quê? Porque é familiar, porque é cultural. Hoje eu não consigo ver a bruxaria como uma religião na minha vida, mas como sendo a minha filosofia de vida. E a bruxa familiar, a bruxa hereditária é essa, que vai passando para a geração seguinte aquilo que ela aprendeu, que aprendeu antes e antes e antes e antes. E existem muitos no Brasil, muitos mesmo.

O nome da minha avó era Francisca Rodrigues de Araújo Gouvinho. A gente chamava ela de Chaga, avó Chaguinha. E a vovó, a família dela, quando veio para o Brasil, eles vieram primeiro para o Ceará, depois para o interior do Amazonas. Eu acho que no Ceará eles não conseguiram se esconder e foram para o interior do Amazonas. A minha avó tinha muito medo de perseguição, sabe? Tipo, ela nos batizou, todos os netos, porque ela achava que se nós fôssemos batizados, ninguém descobriria, sabe? Mas, sabe aquela senhorinha, que é a senhoria do bairro, é a que faz a benzedeira, é a que pega isso, é a que costura a rasgadura, é a que tem as ervas, é a que faz o banho, sabe? Então, é a que faz a comida certa para curar aquela situação. Minha avó era assim.

Aí as pessoas falavam, mas então ela era uma benzedeira do interior. É, mas uma benzedeira do interior que acendia uma vela para a Grande Mãe, nesse sentido mesmo, literal da palavra. Na noite de lua cheia, eu lembro muito, eu tinha uns oito, nove anos, até meus 13 anos, a vovó ainda fazia muito isso, tipo, na noite de lua cheia, ela pegava uma bacia que ela tinha grande assim, de alumínio, aí ela enchia de água, colocava pétalas de rosas que ela cultivava no quintal, aí ficava mexendo, mexendo, mexendo, até conseguir ver o reflexo da bacia dentro, o reflexo da lua dentro daquela água. Então, com aquela água, ela tomava banho, ela nos dava banho, porque ela dizia que era o poder da lua na gente. Então, tem a coisa da benzedeira, mas tem a coisa da bruxa.

Então, minha avó, ela foi assim, ela é uma pessoa que eu admiro demais, ela é a minha mentora, às vezes, quando a gente faz o culto de Samhain, eu peço muito, muito,

muito, que de onde ela esteja, ela esteja olhando pela gente, apesar dela ter morrido com muita raiva de mim. Porque quando eu saí de casa, que eu já era casada, né, eu já estava no segundo casamento, então, eu estava saindo de casa, ela não queria que eu levasse minhas filhas, que era o meu primeiro casamento, porque as meninas iriam ficar para ela terminar com as minhas filhas, o que ela não tinha terminado comigo. Na época, como eu não tinha as condições de lutar contra isso, porque não seria lutar contra ela, mas seria contra os meus tios e tudo mais, né, então, eu fiquei quieta no meu canto. Mas aí eu fui juntando forças, criando toda uma situação, e um dia eu fui lá e eu praticamente roubei minhas filhas, que eu disse que eu ia levar para passar um final de semana comigo e eu nunca mais devolvi. Ela me espraguejava todos os dias, sabe, assim, eu sei que ela morreu com muita raiva de mim, mas, é a vida. Antes dela morrer o que ela podia ensinar ela ensinou e ela dizia que havia coisas que ela já não podia mais ensinar, porque ela era já era uma senhora idosa, tinha 80 e poucos. E uma delas era a dança do ventre. Minha avó pediu para que fizesse dança do ventre, confesso que não quis no início, fui mais por obrigação, mas quando eu estava ali eu me descobri. A vovó dizia que eu precisava daquilo porque os movimentos, eles fazem o útero trabalhar e libertar a magia que está dentro da mulher, então daí vem a importância da dança do ventre, libertar o útero. Pois a minha avó dizia a vida que a gente levava, nos aprisionava e a dança libertava o útero.

Quando eu entrei o Coven Sessão 13 (CS13), eu tinha um único objetivo, voltar a ritualizar um grupo, ritualizar com pessoas que queriam a mesma coisa, como a gente costuma dizer, né? Eu queria apenas ser uma camponesa. E é engraçado porque eu lembro, eu lembro bem, assim, eu não sei se essa foi realmente a história, mas foi a história que eles contaram, né? Que tinha que distribuir os cargos, não sei se você lembra, se você estava nesse dia, que tinha que distribuir os cargos entre os neófitos, e eles fizeram um oráculo para saber quem ficaria com o quê. E aí, para mim, foi dado o ofício da donzela.

Aí, de cara, eu já não gostei porque, querendo ou não, era responsabilidade e era uma coisa que eu estava fugindo, era de responsabilidade. E aí, logo em seguida, houve a nossa dedicação, e depois teve a minha dedicação foi em abril, a gente entrou em novembro, né? Ficou até fevereiro, março, não foi? Aí eu sei que a nossa dedicação foi em abril. Logo depois, a sacerdotisa do Coven saiu, motivos pessoais, saiu e não tinha

sacerdotisa. E aí, o que faz? Pega a donzela e inicia logo, para ela ficar interina como sacerdotisa, no caso, eu.

Minha iniciação foi logo em junho, então, de abril a junho foi um período muito curto. Aí, e querendo ou não, houve uma certa pressãozinha, tipo, pô, você é mais velha, você tem mais experiência, a gente precisa, você tem que entender. Eu falei, sabe quando você é gentilmente pressionada, né? E aí, aconteceu de eu me iniciar em junho. E logo em seguida, já fui assumindo o cargo de sacerdotisa, querendo ou não, assumindo de uma certa forma a liderança. E foi tudo muito natural, não foi algo assim, vou planejar isso, é isso que eu quero, não. Foi tudo acontecendo de forma muito natural.

Logo depois que eu me tornei sacerdotisa, em junho, aí teve toda uma reestruturação, teve toda uma situação. E em dezembro, houve as primeiras iniciações. Então, eu lembro que a primeira pessoa que eu iniciei como sacerdote foi o meu marido (Liy Abhean). Depois eu iniciei Naruna, Devin, e daí por diante, eu e ele, a gente iniciou praticamente, praticamente não, depois da minha iniciação, a gente iniciou todos que vieram depois da gente. O Brann Farrel, que era o líder do coven, ele acabou assumindo o papel de coadjuvante, e eu acabei ficando como, querendo ou não, uma pessoa responsável por praticamente tudo. Logo depois teve a segunda reestruturação, que deixou de ser coven, passou a tornar-se uma tradição. E aí, não vou dizer que é mérito meu, nem mérito dele, porque, querendo ou não, cinco pessoas trabalharam muito para toda a estrutura que foi montada. E isso é um mérito deles, independente de qualquer coisa, não se tira. Que é o Cedric, Naruna, Murdock, o Liyr, eu, a gente mudou muito, muito, dos ritos de passagem. Alguns não, a maioria deles a gente faz até hoje, porque, querendo ou não, fomos nós que fizemos.

Quando houve a situação e separação da Tradição Farreliana de Manaus e que depois viemos a formar O Conclave Templo de Oríon, mais uma vez eu me vi naquela situação de ter que reestruturar uma coisa e ficar à frente. Novamente, não era o que eu queria, tanto que na assembleia de criação dessa situação, dessa nova instituição, a primeira coisa que eu fiz foi, não existe mais líder, não existe mais um conselho a quem você deve seguir ordens, muito pelo contrário. Todos que estão à frente são pessoas responsáveis, automaticamente, todos nós vamos sentar, e sempre que houver necessidade, dialogar e deliberar sobre aquele assunto.

Porque eu acho assim, eu não estou aqui para mandar na sua vida, você não está

aqui para mandar na minha vida. Eu sei o que eu quero para mim e você sabe o que você quer para você. Então, o que nos cabe?. À medida da experiência que nós temos, você me orientar e eu lhe orientar. E assim a gente segue um caminho bom, porque em nenhum momento eu vou interferir nas suas vontades, em nenhum momento você vai interferir nas minhas vontades. Então, gera uma egrégora de harmonia, porque você está ali por amor, você não está ali obrigado ou por ameaça, ou porque você acha que se você sair dali você vai ser atacado magicamente, como acontece, não só dentro da Tradição Farreliana, enfim, ou aqui mesmo, na Ordem Mística Templo de Oríon, que já chegou a acontecer de a pessoa não sair por achar que poderia ser atacada magicamente pelos próprios atos. Mas enfim, em todo lugar tem isso, na bruxaria, no Candomblé, na Umbanda.

Então, a primeira coisa que eu fiz, eu não quero ser líder de nada, eu não quero mandar na vida de ninguém, mas se eu puder dar a minha contribuição, eu vou dar. É uma coisa que todo mundo sabe, logo que a pessoa chega de cara, nossa, eu tenho medo dela, ela é séria, ela é isso, ela fala alto, ela fala de forma forte, eu fico com medo. Mas é uma coisa que eu não gosto de admitir, mas eu sei, que eu tenho o tino para a liderança, até mesmo na minha vida profissional, em todos os lugares que eu trabalhei, eu era líder do lugar onde eu trabalhava, então eu acho que é nato. Mas, se você me dá a responsabilidade e eu assumir a responsabilidade para mim, eu vou até o final. E aí, se eu achar que tem alguma coisa errada, eu vou me meter. Uma coisa eu prezo, eu faço questão até hoje, ética. A gente precisa de ética, principalmente no meio que a gente vive, pelo fato de conhecimento ser poder. E o poder nas mãos erradas, ele é muito perigoso.

Eu sempre digo, conhecimento é poder. Dê poder para uma pessoa e você vai saber quem ela é. Se ela é uma pessoa de caráter, se ela tem ética, se ela é do coletivo, se ela não é do coletivo. Querendo ou não, bruxaria é coletiva. Não tem como uma pessoa dizer assim, eu sou bruxo e eu quero tudo para mim. Não, então você não é bruxo, você é um mago, você trabalha o cultismo para você, para o seu benefício próprio.

Se você trabalha bruxaria, bruxaria ela é coletiva. Ela é uma, querendo ou não, ela é uma religião que foca toda a prática voltada para a natureza. A maioria dos grandes bruxos são ecologistas. Ou são pessoas voltadas para alguma causa ambiental, algum projeto sociocultural. Porque está voltado para as pessoas, para o bem maior, para o coletivo. E ego, o ego é o grande vilão de um bruxo. Por quê? Você está aqui, querendo

ou não, a bruxaria, quando você vai para dentro de uma instituição, ela é hierárquica. Muitas pessoas não sabem lidar com hierarquia. Um porque não sabem obedecer e outras porque acham que ser um grão sacerdote é ser dono da verdade ou da vida das pessoas que estão ali. Eu acho isso erradíssimo. Então, você está lá, você mexe com a magia, você trabalha a magia, você manipula energia de acordo com a sua vontade, para moldar a sua realidade ou para moldar a realidade de outra pessoa. A partir do momento que você tem conhecimento para fazer tudo isso, e você, de repente, por algum motivo, um dano, um alheio, você não gosta daquela pessoa, você se acha dono do direito de afetar aquela pessoa de alguma forma.

Então, algumas pessoas que estiveram dentro da Ordem Mística Templo de Oríon, até dentro da Tradição Farreliana mesmo, elas deixaram de sair de dentro da instituição com medo de serem atacadas por outras, por conta dos seus comportamentos. Porque sabia que aquilo que tinha feito era tão errado que se ela saísse, ela não estaria mais sob a tutela das leis que regem. Uma das leis que, pelo menos dentro da ordem, eu gosto de bater na tecla dela e repetir o tempo todo. Aqui dentro, ninguém ataca ninguém. Agora, se a pessoa não está mais aqui, ela fez mal a um ou ao outro, se ela sair, nada a resguarda. Então, tem gente que fica, mesmo com conflito, porque sabe que se sair vai ser atacado magicamente por conta dos atos da própria pessoa. Eu sempre digo, para a gente não existe inferno, o inferno é aqui mesmo. Você paga aqui mesmo por aquilo que você faz. Se você planta o bem, você colhe o bem. Se você planta o mal, você vai colher o mal, seja ele da forma que for.

Eu gosto de explicar, principalmente para quem está chegando, a importância disso, da ética. Às vezes, a pessoa tem até a boa vontade de praticar as coisas da forma correta, mas ela lida com maus líderes, com maus sacerdotes e eles acabam tornando essas pessoas, pessoas negativas para si próprias. Porque, querendo ou não, todo mal que você faz, ele vai voltar para você. De uma forma ou de outra, ele vai voltar. Agora, cabe a você decidir se você quer colher ou não. Eu, graças aos deuses, aprendi a plantar o mal e não colher para mim. Mas isso aí, prefiro não comentar. E nem gosto de usar isso porque eu acho que não é legal, não.

Eu me vejo como uma pessoa que está aqui para ajudar, para encaminhar. É engraçado porque eu já ganhei tantas nomenclaturas. Mas porque assim, dentro da Tradição Farreliana de Manaus eu era Alta Sacerdotisa, querendo ou não, dentro da

bruxaria é cargo maior de liderança. Dentro da Ordem, eu sou Grã-sacerdotisa por ser líder do meu coven. Então, todo líder de coven, dentro da Ordem Mística Templo de Oríon, é um Grã-sacerdote.

Temos eu, o Sr. Liyr, o Sr. Ardati, o Sr. Rachid e a Sra. Dara. São cinco líderes, cinco Grã-sacerdotes. Então, cada um lidera da sua forma, mas a gente sempre entra num consenso entre muitas coisas. Dentro da Ordem Mística Templo de Oríon, eu acho que sou a mãe. Porque quando o sapato aperta, escorre para perguntar. Até mesmo da própria vida pessoal, às vezes eu me sinto muito privilegiada por eles chegarem comigo e pedirem opinião. O que a senhora faria se fosse a senhora? Porque eu tenho, querendo ou não, o amor deles por eles me considerarem alguém para compartilhar a sua vida. Dentro da Ordem Mística Templo de Oríon, tem o Círculo Afro, que, na verdade é um círculo de estudos, que várias pessoas, que têm passagem pelas religiões de matriz africana, de cada coven se reúnem para cultuar a parte afro, que é a parte seguindo o culto deles. Lá, eu sou a “dona bruxa”. Para as entidades, eu sou a dona bruxa. É engraçado, a entidade chega e pergunta, cadê a dona bruxa? Para eles, eu sou a bruxa. Para o meu ofício, eu sou a sacerdotisa.

Lilith foi a deusa que me abraçou dentro desse novo caminho, dessa nova jornada, jornada pessoal. Ela é o amor da minha vida. Foi a deusa que se apresentou a mim, foi a deusa da qual eu me iniciei, foi a deusa que, quando eu achei que muitas coisas eram mais importantes que ela, ela disse, não, sou eu, vou te mostrar. Então, para mim, Lilith é a deusa das 10 mil faces. Ela é a mãe, ela é a guerreira, ela é a justiceira divina, porque não é a justiça que eu quero, não é a justiça que você é, é a justiça que tem que ser. Ela é a mãe porque ela é a geradora, a partir dela veio o meu coven, e o meu coven se prolifera muito rápido, de boas situações e até de situações negativas também, porque nem todo mundo é perfeito. Que é o Coven de Ethne. Lilith também, para mim, é a mulher do ouro, porque através dela eu vivo o ofício da bruxaria. E é a deusa que eu mostro que ela não é só a deusa da luxúria, como muita gente acha. Não, ela é a deusa da riqueza, é a deusa da proteção, é a deusa do amor familiar, é a deusa que protege as crianças do coven. Então desmistifica toda uma egrégora que foi feita pelo judaísmo. Para mim, Lilith é a minha mãe, é a mãe do coven e é a protetora da ordem, então ela é tudo.

Em relação as profissões que já exerci. Bom, eu já vendi até caixão. E olha que foi o período que eu mais ganhei dinheiro, ganhei dinheiro com a morte dos outros.

Assim, eu já fiz tantas coisas, já trabalhei em rede supermercado como segurança, já trabalhei como gestora de restaurante, como gestora de instituição de ensino culinário, já trabalhei no meu ofício mesmo, que é gastronomia. Eu já trabalhei de tantas coisas, mas eu acho que, para mim, o que está marcando é o que eu faço hoje, que é o ofício da bruxaria, viver da bruxaria. Porque em todos os momentos eu estava ali fazendo alguma coisa para mostrar para alguém. E agora eu faço porque eu quero, porque eu gosto. Eu acho que é o que me marca mais.

Aí chega um momento que eu, conversando com o meu marido, com o Fábio, aí ele falou assim, você sabe tudo da magia, você é uma boa oraculista, você sabe trabalhar com a magia para as pessoas. Por que você não vive disso? Eu falei, mas eu já vivo disso, porque eu sempre joguei tarô, sempre joguei baralho cigano, dentro da Ordem Mística Templo de Oríon eu ensinava todo mundo a fazer as magias, a fazer os encantamentos, a trabalhar para as pessoas, ensinava o próprio ofício do tarô. Então, ele falou assim, por que você não vive disso? Eu falei, ah, não, porque eu não quero responsabilidade não, o que querendo ou não, é uma responsabilidade, porque a pessoa vai colocar em mim a responsabilidade da felicidade dela. Isso é muito sério. E eu não sou filha da puta de pegar o dinheiro da pessoa, não fazer, ou fazer merda. Então, para mim era muito sério.

Até que quando veio a pandemia, todo mundo em casa, todo mundo pirando o cabeçaço, famílias se deteriorando, casamento acabando, marido saindo para viver com a amante porque achava que ia morrer, em situações. Aí veio o mundo virtual. E aí aquelas pessoas que jogavam esporadicamente comigo, uma vez ou outra, começaram a jogar a cada dois dias, a cada três dias. Quando eu vi, eu estava vivendo disso de uma forma que eu nem imaginava. E um padrão de vida muito parecido com o que eu tinha no passado. E eu não estava me desgastando, eu não estava estafando, eu não estava passando o final de semana em hospital porque eu estava acordando travada. Não, eu estava fazendo aquilo de uma forma tão natural e tão gostosa. Eu falei, vou investir aí nessa carreira, vamos ver no que é que dá. Mas, graças aos deuses, hoje eu digo que eu consigo viver, viver muito bem da magia. Eu tenho um saldo bancário aí bom, não posso revelar, senão a receita me pega. Mas, tipo eu consigo fazer isso de uma forma que hoje em dia eu quase não... Na época eu ainda investia, ainda fazia propaganda, colocava alguns anúncios, pagava e tudo mais. Hoje em dia é muito no boca a boca, já tem um

bom tempo que eu não pago um anúncio sequer para nada. E eu, graças aos deuses, eu tenho cliente em Manaus, no interior, no Brasil, na Europa, no mundo todo.

E é assim, um vai indicando para o outro, que indicando para o outro. Eu não consigo você chegar comigo, me expor o seu problema e eu ser uma pessoa, no sentido literal da palavra, ser filha da puta, dizer para você que o seu problema tem solução e ficar com o seu dinheiro. Se eu fosse menos ética, talvez eu ganhasse mais. Sério. Porque às vezes a pessoa está dizendo assim, mas eu confio em ti, diz para mim que tu vais resolver. Eu não consigo, não consigo, eu não consigo. Eu sou muito parada para dizer isso. Amiga, não tem solução. Larga esse boy que ele não te quer. Não adianta, não adianta tu gastar teu dinheiro que ele não vai voltar. Mas por quê? Porque eu vou colher no futuro as pessoas apontando o dedo para mim. Eu acho isso ridículo, eu acho isso ridículo. Não faço, não faço.

E meu olhar de bruxa que vem dessa formação na bruxaria me ajudou muito, porque querendo ou não, quando a gente vive no meio desse universo, a gente já viu todas as situações. Desde a própria bruxa apaixonada, desesperada pelo amor que foi embora e ela quer movimentar todas as energias possíveis, até a pessoa mais rancorosa do mundo que quer destruir a vida do outro para ver se ela se sente melhor. Então, é muito engraçado, porque eu tenho clientes que dizem assim, Nailah, eu estou aqui contigo porque eu sei que ela se identificou comigo. Eu sinto que tu não estás fazendo só pelo dinheiro. Mas se tem uma coisa que eu odeio, é ver mulher sofrendo por causa de macho escroto. Então querendo ou não, essa formação e olhar como bruxa e sacerdotisa ajudou muito. E a minha própria experiência de vida, porque eu vim de seis casamentos. Até os 30 anos eu achava que para eu ser feliz na vida, eu tinha que ter um homem do meu lado. Quando eu me reconheci como sendo uma mulher de poder feminino, me empoderei como bruxa, como uma sacerdotisa, como uma mulher que sabe que tem o seu poder, eu parei e falei assim, eu não preciso de ninguém para eu ser feliz. Eu tenho é que me amar. Se eu me amar, a pessoa que vai estar do meu lado é o complemento. Tanto que o meu primeiro amor, a primeira pessoa que eu amei de verdade na minha vida, foi aos 36 anos. Mas por quê? Porque ele não era mais a pessoa a quem eu deveria a minha felicidade. Ele era o complemento. Eu tenho até hoje, não parou, a minha sede de conhecimento é muito grande. Eu tenho feito coisas erradíssimas dentro da vertente que eu estou, que é a Ifá. Que é estudar sobre o Búzios, sobre opelé, que não é para uma Apetebi. Então vem

a rebeldia da bruxa, de não ser dominada. Tipo assim, se você chegar e disser assim, tem esse livro aqui, desse conhecimento oculto aqui, mas não é para você. Sério? Mas aí como é o nome do livro? E eu vou pesquisar, eu vou caçar, eu vou comprar, eu vou atrás até eu tê-lo na minha frente. Eu conseguir devastar ele, absorver aquele conhecimento. Aí, realmente, se eu achar que não é para mim, eu não vou praticar, mas eu já aprendi. Tem muito disso. Então, tipo assim, toda a minha vida eu usei a magia.

Se eu não conseguir mudar a minha realidade, como é que eu vou mudar a realidade de outra pessoa? É a magia que faz a minha realidade a realidade que ela é. Então, há uns cinco anos atrás, quando eu quis mudar. Foi quando começou, na verdade, assim, vamos dizer, de cinco anos para cá, foi quando começou essa transição, aos poucos, de deixar de trabalhar a vida mundana para trabalhar dentro da vida espiritual. Então, eu, tipo, comecei a experimentar tudo aquilo que eu já tinha estudado. Mas lá atrás, se eu estou dentro da empresa e eu sinto que vai ter um conflito, eu fazia a minha magia para eu me harmonizar com todo mundo. Ah, eu sinto que vai acontecer alguma coisa que pode dar errado para mim. Então, eu vou fazer com que eu me torne invisível dentro da situação para que ninguém me perceba.

Quando eu comecei a experimentar os pactos, eu fiz o pacto com Lúcifer. Eu adentrei na magia luciferiana, porque, querendo ou não, é muito rentável, e eu comecei a experimentar. Eu fiz um pacto da forma comercial, como você vê aí fulano que vende pacto a sete mil reais. Não dá certo, não dá certo mesmo. Aí, testei outra forma, não dá certo. A forma do Salomão, não dá certo. Fui testando, porque era a época de eu poder experimentar, eu estava me dando esse luxo, eu podia fazer isso. Até que, quer saber de uma coisa? Eu não vou testar mais nada de ninguém, não. Eu vou criar o meu método. Aí, eu criei todo um sistema de adoração luciferiana, com pacto, com rito, com não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê, que a ordem pratica até hoje. E deu certo na minha vida e dá certo na vida de quem pratica. Ah, então quer dizer que hoje você vende esse pacto a sete mil reais? Não, eu vendo a cinco. Mas porque, querendo ou não, é muito oneroso, né? É caro, as coisas são caras. E aí, eu fui testando muitas outras coisas, trabalhos mágicos. Os que eu apresento para os meus clientes, foi eu que criei.

Dentro da bruxaria, com os deuses, eu criei os trabalhos mágicos, as orações, as invocações, eu fui criando. Da forma como a magia trabalha melhor comigo, como ela se apresenta para as pessoas. Ah, mas você é iniciada em Fá. Então, você, querendo ou

não, tem ali o conhecimento dos orixás, das entidades. Você trabalha com elas, você trabalha. Mas, eu já fui de candomblé. Por mais que eu tente, querendo ou não, o candomblé é muito, muito, muito doutrinatório e muito limitador.

E eu, acostumada com a bruxaria, que a bruxaria não tem limite, ela não tem essa doutrina rígida, que você é livre para você praticar, e você é responsável pelo que você faz. Eu testei, lógico, não vou dizer que eu não uso, uso. Algumas coisas eu uso, sim. Mas, eu peguei e fiz a mesma coisa. Eu trouxe os orixás para dentro do culto da bruxaria e eu cultuo os orixás tal como os deuses. A diferença é que eu tenho mais acesso ao orixá, o que ele gosta de comer, como é que é uma oferenda, porque está ali o culto, está vivo. Sendo que os deuses europeus, os deuses antigos, eles, querendo ou não, o culto é morto, então vai muito daquilo que você vai testando, testando, testando.

Mas, por exemplo, sempre que eu faço um trabalho de abertura de caminhos e o orixá, o deus que se apresenta é Exú, eu faço um ritual para ele dentro da bruxaria, como se eu estivesse cultuando um deus da bruxaria. E a oferenda, eu faço a oferenda do candomblé, porque é o que ele gosta, é a egregora que já está ali acostumada. Mas, tipo, teve um ritual que a cliente pediu conforme o candomblé, eu fiz. Mas, na hora de servir, eu achei que ele não queria aquela carne, ele queria outra carne, eu dei porcula. Foi muito bem, obrigada. A mulher ganhou um processo de mais de 500 mil reais. Mas, tipo, eu trago o culto para mim, até com as entidades, quando elas vêm na ordem, eu sempre pergunto, posso fazer isso conforme a minha intuição? Sim, a senhora pode. Então, não vejo o porquê, não. Mas, como eu te digo, eu procurei adaptar muito das coisas, porque o que funciona para você pode não funcionar para mim.

Eu sou iniciada no culto de Ifá. Eu sou Apetebi, Nyorumila, Oturaca, Oturaca é o Odú. A filosofia de Ifá, fala que quando você está no Orum, que seria, vamos dizer assim, o paraíso, ou o outro lado, quando você vai nascer, você escolhe um Odú, você escolhe um destino para você, e você escolhe as testemunhas para isso. Então, quando você se inicia no culto de Ifá, é riscado o seu Odú, o Odú de nascimento, e o meu Odú de nascimento é o Oturaca, que é Otura e Ica. São dois Odús, na verdade. Otura é o clã de Ogum e Ica é o clã dos conhecedores. Então, nesse meu Odú de Oturaca, fala que eu sou bruxa. Literalmente, lá. “Dizem que tu és bruxa e que sabes muito”. Então, até mesmo dentro de Ifá, meu padrinho fala, não tem como dizer para você não aprender, porque é da sua natureza ir atrás do conhecimento. É um Odú que fala da

arrogância, e é uma coisa que eu trabalho muito dentro de mim, a arrogância, porque, querendo ou não, eu sou leonina, mas, na minha ascendência, em virgem. Então, sou uma pessoa nojenta. Nós somos arrogantes, principalmente quando é algo que conhecemos.

Então, eu trabalho muito isso. É um Odú que fala que não posso procurar briga com mulheres, não posso atacar magicamente ninguém quando estiver com raiva. Eu deixo destaque, é por isso que eu sei que a bruxaria, a vingança para mim, chama-se sobremesa. Deixe-me passar. Mas, isso já é da minha natureza. Se você me fizer alguma coisa, vai passar dez anos, no dia que eu puder, eu vou me vingar. Aí, vem o lado do ser humano, o lado fraco. Eu sou uma pessoa vingativa, eu sou uma pessoa egoísta. É engraçado, eu dizer assim, como que eu sou uma pessoa egoísta? Porque a tua casa está sempre cheia, tu está sempre ajudando os outros, tu está sempre fazendo as coisas. Mas, aquilo que eu quero para mim é meu, ninguém tira, ninguém toma. Meu domínio, meu reino, meu marido, meus filhos, meu coven, os membros do meu coven são meus. Eu vou para cima que nem como diz a gata parida, eu defendo mesmo.

Mas, eu sou iniciada em Ifá há um ano. De um ano para cá, eu tenho vivido, procurado viver o meu Odú, ou seja, me harmonizar com aquilo que está destinado para mim. Daí eu entendi muitas coisas, é interessante, porque o meu Odú fala que eu sou uma pessoa que tenho tendências a ter problemas estomacais, desde a infância, eu tenho intolerância à lactose, desde que nasci. Então, explica, é muito interessante, o culto de Ifá é maravilhoso. E ele é uma filosofia de vida, que faz com que você associe a religiosidade, a sua vida mundana, para que você tenha, através da religiosidade, uma boa vida.

Aí, eu vejo muita similaridade com a bruxaria, que a bruxaria é uma filosofia onde você usa a religião para viver bem. Porque a gente cultua para ter uma boa colheita, para colher coisas boas, para ter um bom emprego, um bom relacionamento, um bom isso e aquilo outro, na nossa vida. Então, se assimila muito. Agora que eu fiz um ano, eu já vou começar a ter direito a estudar aquilo que eu quiser escolher. Então, eu vou estudar a bruxaria dentro de Ifá, a bruxaria afro-cubana. Quem sabe no futuro eu não me torne uma santeira, né? Ainda não.

Minha vida não daria um, mais vários livros, diante de várias situações. O livro seria dividido entre a, Andrei Félix, a aluna, aquela que era a queridinha da escola e que todo mundo queria estar perto, popular. Que não fazia por querer popularidade, mas

graças aso deuses eu tenho a capacidade de atrair as pessoas para testarem perto de mim. Então tem essa fase da estudante, eu fui do grupo da JS, era do DCE. Então a parte escolar, essa parte daria um livro.

Aí depois vem a mãe jovem aos quinze anos, de encarar realmente uma família, aí muda, né? Não é mais aquela adolescente sonhadora é a mãe com a realidade, ali seria uma outra história. E ainda tem a segunda parte dessa mesma história que é mãe que acolhe, porque eu tive quatro filhos, mas eu criei tantos filhos dos outros que eu nem lembro, eu devo ter criado mais uns cinco, que onde me ver, me chama de mãe.

Aí tem o livro da bruxa, a descoberta, lógico, que sempre teve a bruxaria dentro da vida, mas ainda assim é uma coisa que faz parte da família, não difere, mas teria o livro da bruxa, a corrida, a vontade, a sede de estar com alguém, a sede de buscar as novas experiências, as tramas, os conflitos com as pessoas, os conflitos de insegurança consigo próprio, de achar que não tem capacidade ou ter capacidade demais e acabar se subestimando O livro da bruxa é bem interessante, com muitas páginas negras, muita mesmo, não minto, não digo que não fiz, eu fiz muita magia para atingir os meus objetivos, muitas mesmo e não me arrependo de nenhuma delas. Nada do que eu vivi eu me arrependo, tudo foi experiência na minha vida, tudo me serve hoje em dia, tudo, tudo, tudo. E tem o livro da sacerdotisa, né? Que é o livro que deve estar sendo escrito agora, ainda não acabou. A bruxa da família é a Andreia Felix, a bruxa que se encontrou é a Nailah, são duas pessoas diferentes, eu gosto da Nailah.



Foto1: Nailah Ethne
Fonte: Albúm de Nailah Ethne

1.3. Flor que não se cheira: A música e a magia de Sísi Rolim

Para minha avó: Clarice Oliveira Cruz

Para dizer como foi que eu entrei para o Paganismo e a bruxaria, é preciso eu te relembrar, como foi que eu nunca sair, né? Então, desde que eu era criança (isso eu vim descobrir muitos anos depois, recentemente, a uns dois anos para cá) que minha mãe foi contando coisas, as minhas tias foram me contando coisas que eu nem lembrava mais, porque eu era criança, era jovem. Aí então, sempre teve aquela ligação espiritual, com o oculto, com o místico, com que as pessoas achavam que era sempre errado. E aí quando criança, é óbvio que eu tinha medo, pavor dessas coisas que as pessoas diziam que era errado, que era sempre do demônio, que era sempre do diabo, né?. Então a minha vó materna, que se chama Clarice, que é o nome da minha mãe também, mas o nome da minha mãe é Maria Clarice e o nome da minha vó é Clarice Oliveira Cruz. Ela era uma benzedeira amazônica, como tantas outras que a gente tem aqui nossa cidade, na nossa região.

Ela era uma benzedeira Amazônica como tantas outras que a gente tem aqui na nossa cidade, na nossa região. Ela era benzedeira, ela rezava, ela tinha o próprio oráculo, da qual ela sabia das coisas que ela queria saber e aí ela tinha muitas ervas, as pessoas faziam fila lá para ela tirar quebranto, fazia parto, aquela coisa toda, o que todo mundo já sabe que é normal aqui de gente da nossa terra. E aí a minha avó ela contava sobre sonhos, ela fazia revelação de sonhos e a gente ganhava muito dinheiro fazendo o jogo do bicho com ela, com isso, porque naquela época tinha jogo do bicho, né? E aí ela decifrava os sonhos, eu era criança, eu não entendia nada, ela só falava assim: pega esse dinheiro vai lá e joga em tal cabeça, não sei aonde, em tal número e tal bicho, e a gente ganhava muito dinheiro, a minha vó chegou a comprar uma casa só fazendo essas coisas, jogando na sorte, é! Mas aí todo mundo falava que isso era errado.

Como desde criança eu já via as coisas, aquela coisa toda, né? Agente se assusta com essas coisas. E aí me disseram que eu tinha que procurar a igreja, que eu tinha como me livrar daquilo, mas nunca ninguém me forçou a nada, meus pais eles nunca me forçaram a nada, ninguém me forçou a nada, eu que realmente tinha que ir atrás e então eu fui perambulando de igreja em igreja. Fui em várias igrejas, protestantes, igrejas

católicas, igreja de diversas vertentes, mas aí acabei que eu nunca encontrei em nenhuma, foi quando uma amiga minha de escola falou assim: olha tem um grupo de oração aqui no Santuário de Fátima, que fica no bairro da Praça 14 e é a única igreja que eu não queria participar, era do Santuário da Praça 14, não sei por que eu tinha discriminação com o próprio bairro talvez. Aí eu fui nesse seminário, era seminário que chamava: Seminário de vida do Espírito Santo da Renovação Carismática Católica, que também é bem conhecida na cidade. E aí, parece que não deu em nada, piorou, porque quando eu participei do primeiro, até então eu não sentia nada, a pessoa pedia para eu ajoelhar eu a ajoelhava, e perguntava o que eu estava sentindo, eu só sentia dor no joelho, eu era muito, eu sempre fui muito chato, muito nojento com as coisas. E aí, mas quando eu fui para esse tal seminário. Que aí você foi se conectar com Deus, com os cristãos aquela coisa toda, detalhe que em um ano, eu fiz a minha catequese, em um ano eu virei coordenador de liturgia, em um ano eu já tinha lido quase toda a biblioteca da igreja, para saber o que que era aquela igreja, né?

E aí assim, quase um pouquinho mais de um ano eu estava adentrando o ministério de música da Renovação Carismática, da liturgia, eu já estava cantando profissionalmente até pela igreja e aí quando eu fui participar desse seminário, foi quando eu tive assim um contato espiritual muito forte, eles mexiam com a ação do Espírito Santo, e sabe eram muitas visões, era muita coisa assim, eu tive uma convulsão, eu não sei te explicar, foi uma convulsão e ninguém conseguiu me segurar na cadeira e todo mundo achava que eu estava pegando caboclo, como eles falam, de uma forma pejorativa, pegando santo, caboclo ou sei lá, que eu era da macumba e eu não era, eu era uma pessoa totalmente virginal, eu juro para você. E aí, quando tudo passou, me perguntaram o que tinha acontecido, e eu falei: gente eu tive uma visão linda, e tipo assim eu estava no paraíso e todo mundo achando que eu estava no inferno. E aí eu tive várias revelações, enfim.

Dez anos depois, eu sabia que dentro de mim, tinha muitas coisas que eles não conseguiam me responder, e eu continuava estudando dentro da própria igreja, pegava livros sobre exorcismo, sobre demonologia, então eu comecei a estudar sobre mariariologia, as aparições da virgem Maria, e Jesus homem, Jesus divino, então eu já começava a questionar muito. E aí, eu fui me conhecendo também, eu já sabia que eu era uma pessoa diferente, desde a época que eu era criança, na casa da minha vó, e aquele

espaço já não ia mais me cabendo. Dez anos depois eu pedi para todos os coordenadores, para o vigário, para o pároco, que eu iria sair, porque aquele espaço sagrado lá deles, já não me cabia mais, e aí eu falei: meu Deus, e agora o que eu faço? Eu tinha 32 anos, mas com cara de 22, eu sempre pareci muito jovem, agora que eu já estou meio “savada”, mas eu sempre pareci muito jovem, quando eu tinha 32, as pessoas achavam que eu tinha 22. E aí, foi quando eu comecei a cantar na noite, comecei a participar de festivais, de corais, e uma coisa foi se juntando sabe, tudo estava muito atrelado assim! Quando eu fui conhecendo as coisas, vendo como é que era a sociedade fora daquelas grades, dos portões eclesiais, né? Então, eu fui me descobrindo cada vez mais, sabendo quem eu era, como que era aquela minha personalidade, porque que eu era daquele jeito, porque eu pensava daquele jeito e aquele espaço não me cabia mais, aí foi quando eu pedi para sair, e sair.

E passei 2 anos, de boa, sem doutrinação nenhuma, mas aí nesses 2 anos, eu comecei a cantar na noite, assim, muito firmemente, muito mesmo, assim, cantei em vários lugares, fiz bastante espetáculos, foi quando eu me destaquei na cidade. E uma senhora que ia sempre nos meus shows na época do “artefato”, eu cantei lá quase 3 anos, eu tenho uma história muito legal sobre “artefato”, mas acabei virando o cantor da casa, como se falam: a prata da casa. Aí, eu cantei lá por 2 anos consecutivos, e uma senhora sempre ia lá me visitar, sempre falava coisas muito boas para mim. E um certo dia, um amigo meu, que foi o Roque Baroque, me chamou para participar de um curso de bruxaria, que estava se iniciando em Manaus. Aí eu falei, ai gente, será? Nossa, não sei, acabei de sair de uma igreja católica, como que eu vou entrar em um curso de bruxaria, né? Falei, quer saber? Eu vou, porque eu sou uma pessoa que adora o conhecimento, eu adoro buscar o conhecimento, adoro saber das coisas, sempre fui assim, desde criança. E aí, eu falei, vou e vou deixar todos os meus gessos em casa, da porta da casa daquela senhora, eu vou deixar para fora.

E quem era a senhora? É aquela que sempre ia me ver lá nos shows, e sempre falava coisas boas para mim, que era a Beth Ghimel, que é a Matriarca da Tradição Trina Essência, que foi criada desde 2011, eu acho. Então, ela sempre ia, engraçado que eu acabei antes de começar a fazer o curso de bruxaria com ela, a gente era tão conectada que ela me convidou para ir no Samhain, e geralmente eles não convidam ninguém, que não tenha feito o curso ou que tenha tido algum contato com a tradição

deles, né? Que hoje em dia é minha amiga. Eles não deixam ninguém participar, mas por incrível que pareça eu fui, assim, porque eu tinha feito amizade com quase todos os elders e todos os sacerdotes de lá, e fui e participei.

Eu era a única pessoa de fora, eu era chamado cristão, me chamavam de cristão, né? É o que eu era. E aí, eu tinha medo, não vou mentir para ti, eu tinha medo, mas eu fui, né? Por que eu queria saber, eu queria conhecer, eu participei de um ritual de cura lá, no meio de uma fogueira, foi muito bonito, mas foi muito temeroso, não de medo, mas de temor assim, sabe? Daquele respeito, daquela coisa assim, meu Deus estou no meio de uma floresta, com uma fogueira gigantesca, um monte de gente louca ao redor da fogueira, cantando, dançando, tendo êxtase, foi muito bonito. Foi meu primeiro ritual, e eu ainda nem tinha feito o curso ainda e depois eu fui outras vezes, em outros sítios, participei de outros rituais, participei de um casamento na época da Grã-sacerdotisa da Tradição, que era a Bruna Xavier, participei do casamento, fui convidado, participei do ritual. Então era uma coisa assim, que já ia me puxando sem eu querer.

Acho que eu fui afetado pela aquela mulher, a Beth Ghimel, desde a vez que ela me viu pela primeira vez, quando eu estava cantando assim, sabe? Não sei, acho que ela me queria, e eu queria ela, já teve uma relação ali de confiança, de perfeito amor e perfeita confiança. E aí, eu fui fazer os cursos. Fiz o curso 13 luas, que é 13 meses, aí eram 12 alunos, e nesse curso, e aí que vem a resposta da tua pergunta, toda essa enrolação para eu te responder, a resposta da pergunta. Foi quando, eu sempre digo isso para ela e para todo mundo, foi quando eu me reconectei com a minha ancestralidade, foi quando tudo, parece que assim, que tudo que eu vivi com a minha avó naquela época, com meus familiares, depois eu descobri que na minha família que tinha outras ligações místicas também, com catimbó, umbanda, quimbanda. E aí, parece que foi como se eu engolisse tudo de uma vez só, sabe, é como se eu bebesse de uma garrafa do conhecimento, e aquilo me saciava cada vez mais, e eu queria saber mais, então aquilo foi como se eu engolisse tudo de volta, o que eu tinha deixado para trás, o que eu tinha renegado por 10 anos da minha vida.

Bom, aí eu falei, já não tenho mais tempo, eu já tinha mais de 32 anos, então, eu entrei com 34 anos na bruxaria, a mesma idade que é a Beth Ghimel também entrou na bruxaria. Falei, então não tenho mais tempo, e aí eu fui enlouquecidamente, assim, fiz o curso, de 12 pessoas, só se iniciaram 3, é sempre assim, esses percalços da vida. Nem

todo mundo fica, e de lá, passou-se bastante tempo também, até eu fazer meu segundo grau, e é isso, esse foi o encontro com a minha ancestralidade, assim, e cada vez mais agora querer descobrir, até aonde vai as suas raízes ancestrais, que também não é fácil, porque a maioria das pessoas se desvincilharam dela também, os mais antigos já morreram, ou já estão morrendo, a minha vó que faleceu, por exemplo, é tão... posso contar uma história dela?

Antes dela morrer ela se despediu do meu avô, ela se ajoelhou, ela nunca fez isso, ela era uma leonina muito braba, orgulhosíssima, mas ela era um amor de pessoa, ela se ajoelhou para meu avô, pediu perdão por tudo que ela teria feito de errado, e aí ela sabia que ia morrer, ela tinha deixado todos os objetos dela mágico, ela colocou no saco preto e deu para o meu tio. O meu tio conhecia a Beth Ghimel e mandou para ela. A minha vó nunca viu a Beth e a Beth nunca viu a minha vó, ela só falou assim para o meu tio: entrega para senhora que cuida do meu neto, só isso. E eu já conhecia a Beth, eu já estava lá e já era iniciado.

Os restos dos materiais da minha vó, as coisas de casa, ela deixou tudo para mim, não para nenhum outro neto, tudo para mim, os quadros dela, os objetos dela, blusas de que elas gostavam. Meus primos ficaram bem chateados, falaram nossa, porque ela deixou tudo para o Sinésio, e aí quando a minha vó morreu, quem fez a maquiagem dela, eu que fiz os ritos de passagem e orações, então sabe essa de coisa de voltar, de voltar a ancestralidade? É muito bonito, e isso me emociona muito.

A minha mãe, e a Beth são, assim, sempre eu posto foto das duas, o pessoal acha que sou filha das duas, né? Tipo, que elas são lésbicas, e eu sou fruto das duas, de tão irmãs que elas são. As duas são piscianas para você ter noção, os dias de nascimento são pertinhos, são duas loucas, piscianas na minha vida. Elas muito iguais, só mudam de endereço e de cor, uma preta e outra branca. E elas se dão super bem, são amicíssimas, meus amigos são loucos pela minha mãe, minha mãe é muito acolhedora, então eles são loucos por ela. A Clarice, Dona Clarice.

A Tradição Trina Essência, quando houve essa iniciação e quando eu fui adentrando cada vez mais e conhecendo os sacerdotes, conhecendo as pessoas, porquê, todo muito é muito ciumento, e na época eles não queriam que ninguém entrasse, era muito rigoroso para entrar, a tradição era muito fechada, até eu entrar, eu vou te falar a verdade, que a verdade é essa, não tem porquê esconder isso. Depois que eu entrei na

Tradição, eu acho que eu abri portas para que ela fosse mais maleável, e mais afetiva, com as pessoas. Que como a minha vida artística, ela estava andando muito rápido, então eu não queria, eu nunca quis, eu nunca fui uma pessoa de me esconder, depois que eu passei, tudo que eu passei dos 10 anos, para sair, e ser quem eu era, e então não tinha mais porque eu esconder nada, eu nunca escondi nada da minha vida, nunca tive que esconder nada, apesar de não me conhecer profundamente, sabe? Então, eu falei assim, bom, nas minhas vivências, eu vou lá no palco e vou dizer, que sim, eu sou da bruxaria, que não tem problema, eu vou ser a Stevie Nicks do Amazonas.

E aí, foi quando a Beth, a Beth não gostava muito que as pessoas do grupo se expusessem, por conta de retaliação, essa bem que é a verdade, e está certo, mas eu quero, eu não tenho problema com isso, eu posso. Ah, então pode se você quiser, se você acha que se garante. Meu amor, eu me garanto e aí foi quando de repente, depois de um tempão também, eu mudei também o meu estilo musical, e o meu estilo visual, justamente porque eu queria adentrar cada vez mais nesse mundo, então, a Tradição me apoiou, me acolheu, ela é uma grande família pra mim, né? Tipo, às vezes a gente não tem família em casa, apesar de eu ter uma família maravilhosa em casa, mas minha família também sabe que a tradição é a minha grande família, também, faz parte da minha grande família, que me acolhe, que me apoia, nessas loucuras que eu faço, e a Beth falou, você vai ser a cara da Tradição, vai ser um representante da Tradição, aonde for, o que você falar e tudo mais.

E aí, as coisas começaram a deslanchar mais ainda, nesses anos de pandemia, eu dei muita entrevista, de bruxaria, muita entrevista, como artista, como sacerdote, então são muitas coisas que, que fala nossa, caramba, a gente está sendo visto, coisa que a gente não fazia antes, entendeu? Era muito fechado, hoje em dia, através dessa conexão, as pessoas estão querendo entrar mais, conhecer mais, hoje em dia a gente tem muito mais possibilidades de postulantes, né? Então, os sacerdotes estão mais abertos, alguns já se deixam saberem que são da Tradição, alguns ainda não podem, ok, tudo bem, mas a maioria já deixa, então isso é muito legal, porque você vai se libertando também, então a Tradição, ela traz essa libertação, essa força para você dizer, eu estou amparado, pela minha família, e eu posso ser quem eu sou.

Então, eu comecei fazendo concursos de música, e eu passei, em 2010 eu ganhei o X Festival do SESC de calouros, foi quando eu achei assim, ai meu Deus, agora sim,

eu sou um artista. Já era desde os 12 anos, mas tipo sabe quando dá aquela passagem profissional assim, e foi quando vários artistas consagrados da cidade me chamaram para fazer participações em shows deles, aí eu fiz espetáculos círculos musicais, fazia muito teatro musical assim, SESC, enfim, em outras. Aí comecei assim, depois fui fazendo tributos, fiz muito tributos, e tributos bem variados, bem distintos. E depois dos tributos, falei, quero aprender agora a ir barzinho, à noite, ter aquela experiência da noite, ter o contato com as pessoas, de saber como se porta no palco, de como falar.

Aí, isso também já foi um outro processo, aprendi também isso, e aí, depois de tudo isso veio essa coisa mais performática, de outros espetáculos performáticos meio de que se transformar mesmo em outros personagens, personagem que eu já gostava, de sair do Sinésio, para um Sinésio mais performático mesmo, aí foi quando meu nome passou a ser Sísi Rolim, que era mais abrangente para mim, porque eu era muito não binário mesmo. Tinha um nome que eles falavam antigamente, não lembro agora palavra certa, vou lembrar depois, mas eu era muito assim, já era muito não binária e falei, vou adotar agora isso como estilo, foi a parti desse seguimento que eu mudei o estilo total assim. E isso me possibilitou ser muitas pessoas, ser menino, ser menina, ou não ser nenhum dos dois.

Aí teve um ano nesses anos de pandemia, que aí eu resolvi com os meus músicos, Ediel Catro e Jeferson Mariano e também tem a Nara Santos que foram compositores, desse meu processo de músicas autoral e então eles escreviam música para eu cantar, ou então eles escreviam músicas das histórias da minha vida, assim, coisas que eles já vivenciaram, ou que eles já viram que eu contei, e eles escreviam músicas para mim, então nasceu o projeto Flor que não se cheira, que antigamente era Corpo fechado, com nome de uma as músicas, que fala justamente sobre você procurar um feiticeiro, uma feiticeira, que te possibilite a trazer o teu amor de volta, aquela coisa de sempre né, que toda a bruxa passa, toda a feiticeira passa. E aí, tiveram outras músicas, que assim, falavam de amor, tem música que fala sobre cartomancia, e a própria Flor que não se cheira também fala sobre, esse lance da bruxa que trabalha com ervas, que trabalha com flores, que faz venenos, e a flor que não se cheira tem essa relação, mas é tudo uma coisa muito poética, nunca quis que fosse assim tão descarado, mas na visualidade, dá para se ver que é uma coisa mística também, então eu quis mudar essa visualidade, de mostrar, e olhar e dizer nossa, parece uma bruxa, dizer não, não parece, ela é uma bruxa, sabe.

Então nas minhas redes sociais é muito claro isso, uso todos os símbolos que eu posso, para que isso seja claro, porque eu quero defender a nossa doutrina, e defendendo assim, defendo a tradição, defendo o Jeferson Bastos, defendo todo mundo que me acompanha.

A arte me salvou né? A arte salva, todo mundo, e eu digo que a arte sempre me salvou, e deu possibilidades de adquirir conhecimentos, eu acho que é a minha obrigação, meu dever e obrigação, como sacerdote, como sacerdotisa, como ser humano social, de mostrar esse lado, através da arte, esse ano, eu ganhei a menção honrosa na assembleia legislativa do Amazonas, com o prêmio Nestor Nascimento, justamente por divulgar, a música (neo) Pagã no nosso estado. E olha que eu ainda nem cheguei lá, aonde eu quero chegar, as minhas músicas ainda não estão nas plataformas, ainda não estão nas mídias sociais, mas só de tanto que as pessoas ouviram falar, de tanto que as pessoas já catam, eu recebo muita mensagem, meu Deus, aonde que tem tua música? Eu quero mostrar para fulano, eu quero mostrar para o beltrano, aonde que estiver que eu quero ouvir, ainda ninguém está ouvindo, mas só de irem para os meus shows e as pessoas aprenderem os refrãos, e ficarem enlouquecidas com as músicas, elas estão dando o que falar, e me trouxe esse prêmio, sabe que não é qualquer coisa, Nestor Nascimento ele era aqui da minha rua, aqui do quilombo de São Benedito, que já tem também uma ligação conosco sabe, porque também é um pouco Pagão, é um povo quilombola, então isso pra mim é muita honra. Então, eu agradeço a Apolo.

Na minha iniciação de primeiro grau, eu me dediquei a Apolo, que é o deus grego entre tudo das artes, mas também de muitas outras coisas, da cura, da magia, da luz, da prosperidade, da medicina, nossa, de tanta coisa, mas basicamente, especificamente das artes, da música, da poesia, do teatro, até do esporte também. E aí, para mim, foi muito revelador me reconectar com ele, deixar ele entrar na minha vida, porque eu tinha muitos estigmas cristãos, muitos estigmas cristãos, daquele lance de humildade que traz subserviência, como é o que a Elki Maravilha falava, sabe? Não gosto de humildade porque humildade traz subserviência. O importante mesmo é ser modesto. E hoje em dia, eu sempre pensei nisso, mas nunca consegui encaixar isso na minha cabeça. Hoje em dia, obviamente sim, né? Depois que eu me conectei com Apolo, isso tudo se encaixou e hoje é um dos meus lemas.

Então, quando eu permiti que ele entrasse na minha vida, as coisas mudaram assim, de uma forma para outra, né? E eu consegui coisas reais na minha vida, assim, que foram muito importantes, assim. Hoje eu me sinto muito, uma pessoa muito realizada, de verdade. Eu sei que eu tenho ainda que realizar muitas coisas, mas eu sei que ele me possibilitou realizar coisas que eu nunca imaginei realizar, por conta dessa subserviência cristã, sabe? E aí, no meu segundo grau, eu me iniciei com Hekate, que é meio que uma medida, um peso, uma medida de Apolo, né? Um lado mais noturno, mais lua, né? E mais feminino também. Apesar de Apolo ser não binário, né? De ele ser bissexual, praticamente, vou colocar dessa forma, mas a Hekate me trouxe também esse meio que equilíbrio da magia, um equilíbrio mais sensato, mais ponderado, e tirar a loucura que é viver só em Apolo, né? Que Apolo, você fecha todo dia bebida, drogas e rock'n'roll, meu. E a Hekate, ela puxa e eu disse, calma, minha filha, você sente aqui que não é todo dia, vamos dividir de domingo à quarta e de quarta a sábado, sabe? Limites. É, limites. Vamos colocar limites nessa sua vida? Aí ela serve para mim como isso. Foram todas as coisas maravilhosas que todo bruxo conhece de Hekate, né?

E aí tu falou de Afrodite, como eu sou do signo de Libra, então Vênus é que me rege, né? Rege o poder mental, né? Libra rege o poder mental. Vênus rege o poder mental do amor, né? Então, o signo do amor, da sedução, mas mental. Então, eu estou muito conectado com Vênus, com Afrodite, por conta disso. E aí, na minha terceira iniciação, a gente se inicia três vezes, né? E aí, na minha iniciação, eu ganhei, assim, não vou dizer de presente, mas eu encontrei com essa Deusa que eu não conhecia, que foi muito difícil de reconhecer, até para Beth, que é uma sacerdotisa muito conhecida e muito experiente, foi difícil de a gente reconhecer quem era essa deusa. Não sei se tu conheces, ela se chama Fledias, ou Fleidaes, é uma Deusa Celta. E aí, era muito difícil também de saber quem era ela, ou o que ela representava, então foi para pesquisar e se conectar com ela foi bem complicado. Aí eu descobri que ela é como se fosse comparando a uma Ártemis e uma Afrodite, misturadas. Então, ela tem uma mistura de Ártemis, Afrodite e Hekate, todas numa só. Uma bela mistura. Então, aí eu lembrei de Vênus, né? E Ártemis, que é a irmã de Apolo, e Hekate, que é a minha segunda. Tudo conectado. Tudo conectado, sim. Agora, nossa, uma deusa da floresta, uma deusa da beleza, da magia, também, da cura. Nossa, parece que ela resume tudo. E aí, ela tem chifres, chifres de veado mesmo, de alce. Lembra os chifres do Deus Gamo, que representa a comunidade bruxesca

LGBTQIA+, ela é a Deusa Gamo. Olha que interessante. É a versão feminina, a deusa Gamo. E eu falei, caramba, e aí, pronto, foi quando na minha capa do Flor que não se cheira, que eu estou de preto com chifres, aí lá eu estou representando Hekate e Fledias ao mesmo tempo. É a versão feminina, a Deusa Gamo. Que Apolo já sou de natureza, entendeu?

Deméter é a matrona da Tradição Trina Essência, né? É a mãe da tradição, é Deméter, porque a Beth, ela é iniciada em Deméter. Então, a matriarca tem o título. A gente tem culto próprio, né? Nós somos livres. Cada sacerdote tem o culto próprio e a gente criar o nosso culto, porque muito culto já foi perdido, né? Então, nós recriamos o próprio culto nos conectando com os deuses. Como cada um ora para o seu Orixá, ora para o seu Deus, ora para a sua Deusa, é normal, mesma coisa. E a gente cria o nosso próprio culto. Sendo que, na Tradição, tem alguns deuses que nós fazemos os sabás para eles, nos dias dele. Como, por exemplo, a gente faz Mabon. O Sabbath de Mabon a gente dedica a Deméter. Sim. Então, a gente já faz ali tudo dedicado a ela. O dia é final de outono, né? É, exatamente. E aí a gente tem uma madrinha também na tradição, que é a Hekate. E a gente faz, 13 de agosto, também, o nosso Banquete de Hekate, que é bem famoso e é muito lindo também, assim. É um dos dias mais esperados. Aí no de Deméter a gente faz a encenação da história de Deméter, né? Com Hades e com Coré. Enfim, toda a mitologia, todo o mitodrama dela. É muito divertido também. Esses anos passados foram excepcionais, foram teatrais.

Os sabbaths mais exigentes da Tradição é o de Beltane, né, que já aconteceu. Nós fazemos questão de fazer o de Samhain. Basicamente são esses quatro. Mas nós fazemos todos. Todos os oito. Que se reúnem. Todos os oito mais o de Hekate. Aí de repente tem algum sacerdote que queira fazer um festival para o seu Deus, aí todo mundo abraça e faz também. Mas assim, os da tradição mesmo são todos os oito mais o Banquete de Hekate que a gente faz. Fazemos sempre todos os anos.

Um dia desse até eu estava lá no Largo do São Sebastião, passei com os amigos. Aí toda vez que eu vou lá eu faço uma reverência ao monumento da abertura dos portos. Que quase ninguém sabe, né? Que lá, bem no topo, tem Hekate e Mercúrio. E aí eu sempre falo isso. Eu tenho uma amiga minha, acho que é tua amiga também, a Gigi. Ela é historiadora e aí ela tem um grupo maravilhoso. Então eu sempre converso muito com a Gigi sobre essas coisas. E a Gigi me deu um texto maravilhoso sobre isso. Então eu

posso partilhar para as outras pessoas que não sabem, né? E aí todo mundo fica muito encantado. Meu Deus, temos um grande monumento a Hekate e Mercúrio aqui no meio da Amazônia. E ninguém sabe. Então para mim é muito natural por conta disso. Porque eu consigo. Mas antes eu não sabia que era de Hekate. Ali ela está representando a Amazônia e o comércio naval, né? O comércio dos rios na época da abertura dos portos. E ela trazendo toda a prosperidade, toda a iluminação da prosperidade. Sim, a senhora dos caminhos. Dos novos caminhos, já que ela predomina em todos os caminhos. Especialmente nos três. E aí, minha cara? Então para mim isso é muito natural.

Desde sempre, porque como eu me formei em artes, eu me formei e me pós-graduei em artes visuais. Então, para mim sempre foi muito natural ver todos os deuses em tudo quanto é canto. Por mais que eu tivesse passado dez anos dentro da igreja católica, mas ainda assim, eu vi o quanto a Igreja Católica se aproveitou da iconografia Pagã. Entende? Então eu sempre vi. Então, para mim sempre foi muito natural. Então eu trago essa naturalidade para minha vida normal. Na minha casa, você entra no meu quarto, tem deus para tudo quanto é canto. Tem culto para tudo quanto é canto. Todo lugar, você olha, tem um culto. O culto dos ancestrais, culto dos deuses egípcios, deuses gregos, deuses... O que puder me trazer paz, me trazer essa benevolência, eu cultuo. Bem inspirado na Elke Maravilha mesmo.

Tem um ditado que eu acho muito fofo, eu já até postei sobre isso, sabe, assim, gente, eu morria de medo de bruxas, mas depois que eu cresci, eu vi que a gente não faz mal a ninguém. Não é legal, né? E aí, já fala sobre esses estereótipos, né? Porque a primeira coisa que as pessoas falam é sobre magia negra e magia branca, e aí a gente sempre tem que discursar sobre isso, que magia não tem cor, né? Isso na verdade, é um termo racista. E aí, a gente sempre tem que falar sobre isso, discursar sobre isso, gente, isso não existe e tudo mais, isso é um estereótipo cinematográfico, enfim, de contos de fadas e tudo mais, de literaturas mesmo, né? E aí, sempre que eu posso, usando a minha figura, mostrar essa naturalidade de que uma bruxa, ela pode estar cantando, né? Que ela pode ser uma professora, que ela pode ser, sei lá, um político, ou como a gente tem na nossa Tradição, médicos, professores, advogados, jornalistas, tem muitos artistas, tem fonodiólogos, tem... então são pessoas normais, são pessoas que e que cultuam o que é natural, que cultuam o que está na tua cozinha, a prosperidade alimentar, sabe? Que cozinham com amor, que cozinham para que aquela comida te faça bem e que cozinham

para que aquela comida seja gostosa aos teus paladares e aos paladares divinos, sabe? Então, é natural, tem que ser natural, né? E uma coisa também que eu falei até naquela primeira palestra que eu fui lá, do Shekinah, eu lembro que eu falei para a moça lá, para a palestrante, que é maravilhosa. Eu falei para ela, que ela perguntou algo parecido Como é que era ser bruxa aqui na cidade, isso aqui. E aí, esses anos todos, eu fui meio que juntando pecinhas e pecinhas e entendi que ser bruxa aqui na nossa cidade é você entender que você é da floresta, que você tem o poder da floresta, que você tem a alma da floresta, que você tem os rios, as árvores, tem os animais, tudo que essa floresta te dá, sabe? E eu não falo só da floresta física, mas eu digo da alma da floresta mesmo. Nós somos a Amazônia, nós somos o Amazonas. Eu sempre, quando eu vou por aí, eu viajo, eu sempre falo assim, você é de onde? Eu falo, meu amor, eu sou uma guerreira amazônida, sabe? Eu não sou uma qualquer, eu sou uma guerreira amazônida, filha dos deuses amazônidas, sabe?

Então, a gente tem que entender que a gente tem essa ancestralidade, esse poder. E isso é uma coisa que a gente, às vezes, não quer aceitar, né? A gente negligencia. Mas quando a gente aceita, a gente põe o nosso pé no chão mesmo e sente a terra ali, sente esse poder amazônico, caramba, nós somos tudo isso. Então, ser bruxa aqui, para mim, é ser isso, assim, sabe? É ser tudo isso. E ser tudo isso, meu amor, aí já era. O que mais que eu vou querer na minha vida? É só colocar em destaque no dia a dia, como faço? Cantando a minha Amazônia, cantando as minhas histórias com as minhas músicas autorais. E isso vai se revelando no dia a dia, assim.

Eu acho que a primeira coisa que esse caminho inspirou o meu grupo e as pessoas é a aceitação. Como eu te falei anteriormente, eu ter me aceitado e como sempre me aceitei do jeito que eu era. Então, eu não podia ainda dizer socialmente que eu era da bruxaria, mas eu já te dava indícios. Mas quando me foi permitido de uma forma oficial, de tudo de grado, não tem problema. Se você se garante, pode dizer. E que era sempre o que eu queria. Porque para mim, tanto faz. Tanto faz. Tem tantos colegas nossos umbandistas, e candomblecistas que também sofrem esse tipo de discriminação, né? Eu seria apenas mais uma pessoa. Mas aí, nós como bruxos temos colhões para bater no peito e enfrentar a sociedade. E aí, então, é aceitação. É me aceitar e aí eu vendo que eu me aceitando e eu me entendendo, o outro ali falou, caramba, eu posso também ser que nem você. Eu também posso estar no palco, eu posso ganhar um prêmio, eu posso me

vestir daquela forma, eu posso ser o que eu quiser. Então, isso para mim é muito, muito, muito gratificante, de ouvir isso das pessoas, né? De que, de repente, eu ajudei a pessoa a se libertar de um casulo que ainda estava preso. E até então eu não entendia isso, né? Eu falava, caramba, como assim? Eu só estou sendo eu, é o que eu sempre quis ser. Na verdade, é o que eu sempre fui, né? Só que a passos lentos, vou dizer assim, fui aderindo a coisinhas a mais que eu já sempre fui. Sempre estive dentro de mim, assim. Só que eu fui me libertando aos poucos. E até então, aonde eu estou nesse processo, já tem mostrado que as outras pessoas também queriam estar nesse processo, e podem estar nesse processo. E tem gente que, muito mais rápido que eu, depois que me viu, no outro dia já estava ali, maravilhosa.

Eu reconheço como uma pessoa não binária, eu sou né. Apesar de eu... Acho que eu tenho avançado muito nessa questão, porque a minha família, ela é muito... Sempre foi uma família diferenciada, nunca foi uma família tão tradicional, assim, repressiva. Não, nunca foi conservadora. Não, meu pai era conservador, mas a minha mãe nunca foi. Meu pai é falecido, né, e a gente mora com a minha mãe. Então, sempre foi uma coisa muito natural. E a naturalidade foi chegando cada vez mais, cada vez mais rápido, cada vez mais rápido. E aí, eu acabei, vamos dizer, me destacando nessa transformação toda, sabe. Enquanto os outros também estão, cada um tem seu processo, cada um tem seu processo familiar, né. E na Tradição Trina Essência a gente tem essa liberdade, né, do culto pessoal. E ela é incentivada também. Isso é muito legal. E depois você vai compartilhando isso com os outros sacerdotes. E aí, isso me ajudou muito até, porque. O Apolo, por exemplo, que é também um Deus Queer, me ajudou muito a me entender nisso, sabe. Desde criança, as pessoas me confundiam. Eles perguntavam do meu pai, eu ficava chateadíssima, porque perguntavam, é menina ou menino? Na minha adolescência inteira, me chamavam de hermafrodita, no ensino fundamental, para você ter noção. Então, sempre tive essa dualidade, essa... essa era a palavra que eu queria lembrar lá atrás. Eu sempre fui andrógono ou androgênico, sempre fui. Então, por isso, o não binarismo sempre me acompanhou a minha vida inteira, a minha vida inteira. Eu cheguei a sofrer com... eu nunca tive problemas com mulheres, por exemplo. Sempre gostei de mulheres, de namorar com mulheres, sempre, sempre, sempre. Então, para mim, não era. Primeiro que eu não era feio, grotesco, como os homens que se vestiam de mulheres. E também gostava de mulheres, então qual é o problema? Não sou, não sou homossexual.

E aí, depois de um tempo que isso foi se afluando um pouco mais, eu já começava a ver os homens, não que eu tivesse o interesse sexual, mas aqueles homens que chegavam até mim e que me cativavam, aí eu tinha interesse afetivo. Eu sempre tenho interesse afetivo nas pessoas. Então, não importa se é homem, se é mulher, se é uma travesti, se é uma transexual, nunca tive problema com ninguém. Nunca tive. E isso me confundiu muito na época, sabe? Para mim, pra eu me entender, foi a passo lentos mesmo.

Quando a gente resolve estar dentro de um grupo é para não ficar sozinho, né? É, como eu te falei antes, desde quando eu conheci a Beth, o grupo dela, o grupo antigo dela de sacerdotes, eles tinham muito ciúme de mim. Porque ela sempre teve muito carinho, muito afeto. Ela dizia que, quando ela ia me assistir, cantando, ela dizia que a minha voz curava ela. Então, ela estava passando por um momento muito difícil e aquela voz, aquela emoção, aquela interpretação curava ela. E aí, por isso que eu acho que tenho na minha cabeça, até hoje, o lance de enfeitiçar as pessoas cantando, sabe? Essas coisas de as pessoas fiquem felizes por me ouvirem, ou que gostem de mim, que me sigam, enfim.

Eu sempre falo isso para todo mundo, que a bruxaria te oferece tudo o que você quiser. Aí, só que tem um problema. Tudo o que você quiser pode ser uma maldição para você. Assim como também muitas bênçãos. Então, o que é o tudo que você quer? Qual é a parte do todo que você quer? Então, a bruxaria te dá tudo. Basta você chegar lá, nesse imenso supermercado, e escolher o que você quer. Se vai te fazer bem, se não vai te fazer bem, isso já são outros quinhentos.



Foto 02: Sísi Rolim como Fleidaes
Fonte: Albúm de fotos de Sísi Rolim

1.3. Meu nome é Evan: Experiências de um ator de f(r)icção

*“As portas se abriram, o véu se quebrou, Cernunnos se mostrou”
(Evan Donovan)*

Dia 25 de junho de 2018 foi a data da minha iniciação ao segundo grau. Em Manaus, nessa época comemoramos o Solstício de Verão, conhecido também pelas bruxas (neo) Pagãs como o Sabbat de Litha. Nesse festival honramos e celebramos deuses solares, com orações, oferendas, damos as boas-vindas a chegada do verão, e nos energizamos com a fogueira e/ou a própria luz do sol. Foi no dia desse sabbat que passei pelo meu rito de passagem ao segundo grau. Esse ritual foi realizado pelos sacerdotes líderes que já eram iniciados no terceiro grau, além de terem sido meus amigos e irmãos de Tradição, eles também eram as pessoas que conheciam de perto toda a minha trajetória e progresso sacerdotal, pois acompanharam meu treinamento mágico no grupo do qual fazíamos parte. Dessa forma, ambos foram a favor da minha iniciação ao segundo grau, que levou quatro anos para acontecer, pois ainda não me sentia pronto e seguro o suficiente para galgar esse novo ciclo. Sendo assim, por meio de uma ritualística específica, previamente planejada pelos sacerdotes/iniciadores, fui iniciado e elevado ao grau de Elder, que permite ao sacerdote criar o seu próprio grupo (coven, clã ou qualquer outra nomenclatura que o sacerdote queria utilizar), a partir dessa elevação de grau o sacerdote se torna responsável pelo grupo mãe ao qual pertence, ao grupo que lidera e a comunidade Pagã como um todo.

De todos os ritos de passagem que já vivenciei, esse, da iniciação ao segundo grau, foi o que mais mexeu comigo, no sentido mágico e espiritual, devido ao fato de receber astralmente, ou seja, no invisível, um nome de uma divindade, escolhida por mim mesmo e com o qual queria ser consagrado e conhecido no astral e também pelo fato do meu iniciador ter realizado um ato mágico, comigo, que foi bastante importante e positivo para mim. Por questões de *mistérios* não sou permitido a falar sobre como se deu esse ato, assim como muitos outros elementos do próprio ritual em si. Outro dado relevante, foi o fato da iniciação acontecer justamente no dia do Solstício de Verão, que é um momento mágico por si só, onde a natureza está passando por uma mudança de ciclo e os seres mais que humanos estão dinamizando essas energias. Ser iniciado ao segundo grau, após esses seis anos vivenciando e aprendendo a ser, Pagão, bruxo, sacerdote, foi fundamental para que eu vivesse essa experiência ritualística com mais maturidade e consciência de tudo o que aquilo representava.

Esse dia foi determinante para que eu entendesse e compreendesse a dança cósmica da vida. Me senti transformado e transmutado em muitos sentidos. Era como se

eu, de fato, tivesse nascido para aquilo, era para eu estar ali, naquele lugar, com aquelas pessoas, com aqueles seres. A sensação era a de dever cumprido, de fazer parte de todo o mistério que circunda o universo da bruxaria. Me sentia satisfeito, pleno e em comunhão com os Deuses que ali se manifestavam como a própria natureza, a lua; a terra; o rio; as árvores e o meu próprio corpo. Tudo isso estava em sintonia naquele momento, dancei a música do mundo e a música era escura e fria.

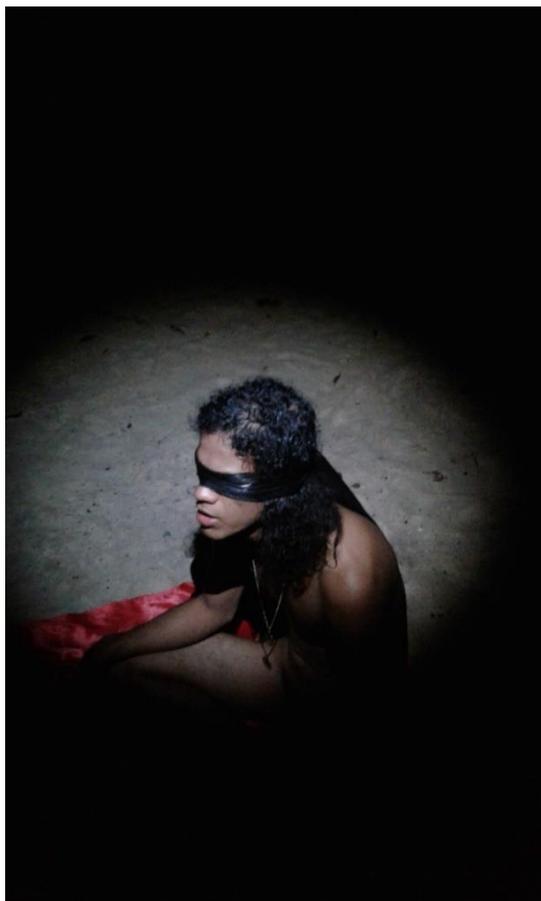


Foto 03: Iniciação de Segundo Grau
Fonte: Arquivo pessoal do autor

Deitado no chão, com aquela areia seca queimada pelo sol, nu, e sozinho, ouvindo apenas o intenso som que vinha do rio que estava logo atrás de mim e dos pássaros noturnos que permeavam a floresta. Fiquei em total estado de vulnerabilidade, os meus ouvidos estavam atentos ao que a floresta me soprava: “Seja Terra, seja Rio, seja Bicho, seja Noite, seja Dia! ”. Sentia frio, mas não sentia medo. Com o nome de um Deus serpente eu fui nomeado no invisível. Meus olhos ao se abrirem, fixaram-se no céu desenhado pelas estrelas e a lua. Me sento, tentando entender tudo aquilo no meu próprio corpo, na minha própria alma, no meu próprio espírito. Olho para o chão e lembro que

um dia também fui pássaro, meus braços levantavam e abaixavam, igual aqueles sonhos em que a gente consegue voar. Era tão fácil voar. Essas imagens, desse meu rito de passagem, me fazem pensar sobre o que eu senti naquela noite, porque, talvez, o que eu senti naquela noite seja exatamente aquilo que eu sou. Entendi naquela noite que meu corpo e meu espírito também era árvore, sou integrado a Terra, aos olhos negros da escuridão e a canção dos animais. Naquela noite compreendi o real sentido de ser um Pagão comprometido com o lado mais selvagem da vida, de ser um bruxo que aprendeu a não ler apenas corpos, e sim almas e a entender por meio de corpos outros, visíveis e invisíveis, que viver pode ser uma grande experiência espiritual.

A natureza é a morada dos espíritos e a terra é o sonho Pagão

Como dito na apresentação, durante sete anos fui integrante da Tradição Farreliana de Manaus, onde passei por três ritos de passagem, sem contar alguns outros rituais que experienciei e que considero terem sido transformadores. Todos esses três ritos de passagem que vivenciei foram realizados em contato direto com a natureza, no período da noite e dentro da floresta. Essa relação com a natureza é um ponto muito importante para a maioria dos Pagãos e grupos de bruxaria, principalmente quando se trata de ritual de iniciação em que são observadas as fases da lua e a estação do ano que irá ocorrer o rito. Nesse sentido, o membro iniciante é incentivado a experimentar essa relação com a natureza de forma mais íntima e espiritual.

Esse exercício de ir para a floresta, acampar na natureza, dormir e acordar ao lado das árvores, do rio, dos pássaros e dos animais noturnos e ainda realizar rituais sob o céu estrelado foi a experiência que moldou meus devaneios sobre ser Pagão. Essa prática suscita uma reflexão que caminha ao encontro do discurso do pensador indígena Ailton Krenak (2020) em seu livro *O amanhã não está à venda*, o qual está permeado de ensinamentos que são muito caros para nós, Pagãos. Em um trecho do texto, ele afirma:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ela é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2020, p. 8)

Desse modo, o constante exercício de acampar e pernoitar em uma parte da praia da lua²¹ para realizar rituais, de alguma forma foi dirimindo em nossos corpos, mentes e espíritos essa separação entre “a Terra e a humanidade” da qual fala Krenak. Em uma observação atenta e sensível, é possível identificar a mudança que essa prática engendra em nossas vidas influenciando todo o nosso aspecto cognitivo, subjetivo e afetivo, pois, a cada novo encontro, as experiências eram sempre novas e únicas, tornando-se uma prática rotineira que perdurou durante todos os anos em que estive dentro do grupo. Estar na floresta junto com todas as outras pessoas que pertenciam ao grupo, celebrando a vida, a morte, o renascimento, dançando em volta da fogueira, lembrando o nome de antigos deuses e lançando encantamentos nas brisas dos ventos era o nosso grande regozijo de um espírito Pagão que “compreende o mundo no rumo do ser com a natureza, e do ser com o outro e com o Outro” (LEFF, 2009, p. 22).

Essa relação e contato com a natureza também se fazia presente nos Festivais Sazonais do grupo, conhecidos pelas bruxas como *Sabbat*. Esse grupo celebrava oito Festivais, sobre os quais falei em um artigo que desenvolvi em minha iniciação científica intitulado “O corpo em estado alterado de consciência nos rituais da Tradição Farreliana de Manaus²²”. Na primeira seção desse texto, trouxe os rituais que eram celebrados pelo grupo, porém, ressalto que participei de muitos rituais ao longo da minha trajetória como membro, então seria uma tarefa quase impossível falar sobre cada ritual particularmente. Sendo assim, a nível de entendimento e por serem os rituais que se relacionam com a proposta deste subtópico, destaco em específico os Sabbats.

Na Tradição Farreliana celebra-se os oito sabás da roda do ano, sendo que temos os quatro Grandes Sabás maiores e os quatro Sabás menores, os quatro maiores são: Imbolc (2 de fevereiro), Beltane (30 de abril), Lughnasadh (1º de agosto) e Samhain (31 de outubro). E os quatro Sabás menores que marcam os dois solstícios, do verão e no meio do inverno, e os dois equinócios na primavera e no outono que são: Ostara (21 de março), Litha (22 de junho), Mabon (21 de setembro) e Yule (22 de dezembro). (SOUZA, 2016, p. 12).

O primeiro Sabbat de que participei foi o Festival de Lughnasadh, considerado o Festival da Primeira Colheita. Durante os anos em que estive no grupo, celebrei esse festival juntamente com os outros sete Sabbats mais de uma vez, pelo fato de ter sido

²¹ Seu nome deriva do formato da praia que é semelhante a fase da lua em seu aspecto de quatro crescente. É uma praia fluvial situada na margem esquerda do Rio Negro, a 23 quilômetros de Manaus.

²² Publicado pela revista *Zona de Impacto* no ano de 2016.

integrante do grupo durante quase oito anos. E foi assim que obtive a oportunidade de vivenciar esse movimento cíclico promovido por essa cosmologia sabática.

Em todos esses oito Festivais, nos movimentávamos para acampar na floresta, longe da cidade, e realizar as nossas celebrações. Esses rituais promovem diversos simbolismos sazonais que são explorados por muitos grupos de bruxaria e Pagãos ao redor do mundo, por exemplo, a perspectiva dos nossos próprios ciclos pessoais e coletivos, a perspectiva de plantar, semear e colher uma semente, um movimento que pede zelo, recolhimento, reconhecimento e generosidade, a perspectiva dos fenômenos naturais, como o sol, a chuva, verão, inverno, fogo, água e muitos outros simbolismos sazonais que podem ser observados através desses festivais.

Os rituais são elementos que constituem as práticas de qualquer Pagão, move as dinâmicas sociais dos grupos e define sua identidade mágica. São bastante diversos e operam de forma diferente variando de grupo para grupo. Nesses rituais de Sabbat da Tradição Farreliana, cultuam-se deuses honrando-os através de celebrações compostas de orações, invocações, oferendas, cantos e danças previamente pensados e elaborados por algum sacerdote do grupo.

Dessa forma, os rituais são os órgãos desse corpo sabático e o meio pelo qual as bruxas e Pagãos externalizam suas crenças. É por meio do ritual que um membro pode sentir e escolher se é isso que ele quer para a sua vida, se vai trilhar esse caminho mágico. É através do ritual que experimentamos as mais diversas sensações e aprendizados, às vezes acontece de em um ritual “comum”, do cotidiano (que já faz parte da ritualística do grupo) sermos *transportados* e *transformados* (SCHECHNER, 2012) pela dinâmica do ritual, fenômenos esses que geralmente acontecem em um rito de passagem. Nessa esteira, o diretor de teatro e antropólogo Richard Schechner tece uma reflexão minuciosa sobre a perspectiva do ritual, em que ele fala sobre essas performances de transformações, bem como sobre os agenciamentos produzidos pela prática ritualística. Toda a sua reflexão está em diálogo com outros autores da antropologia, como Victor Turner e Van Gennep. Em um trecho do capítulo “Ritual, Jogo e Performance”, Schechner (2012, p. 49) afirma:

Rituais são uma forma de as pessoas lembrarem. Rituais são memórias em ação, codificadas em ações. Rituais também ajudam pessoas (e animais) a lidar com transições difíceis, relações ambivalentes, hierarquias e desejos que problematizam, excedem ou violam as normas da vida diária (SCHECHNER, 2012, p. 49).

A partir desse postulado é possível perceber a perspectiva do ritual agindo no âmbito social e também no aspecto cognitivo e subjetivo dos indivíduos e do coletivo, por suscitar questões da própria vida, do cotidiano e da sociabilidade de determinadas pessoas.

Logo que entrei para a Tradição Farreliana a ideia de cultuar e lembrar o nome de antigos deuses me pareceu algo bastante familiar. Na medida em que estudávamos e conversávamos nas aulas do grupo, o que acontecia todo final de semana, fomos entendendo que esses deuses não eram algo do “passado”, estático e fictício, perdido e esquecido na história do tempo. Na verdade, eram e são figuras reais, do nosso presente, permeados de significados e representações que muito se assemelham às questões humanas, que ficam contentes e felizes quando seus nomes são lembrados e invocados. Nesse sentido, cultuar esses deuses com respeito e admiração, remetia a um fluxo de sentimentos e sensações que pareciam já terem sido experienciados, em um outro momento, em um outro corpo, em um outro espírito, em uma outra vida.

A vida que se tornou tão difícil nesses tempos conturbados e violentos e enquanto escrevo esta dissertação, acontece o Festival de Lughnasadh. E também acontece a pandemia da covid-19, que perdura desde 2020, um momento de luto, de tristeza e de recolhimento. Penso nos meus rituais e como que essa prática, de fato, como observou Schechner, nos ajuda a lidar com transições difíceis; nesse sentido, o ritual que celebra a natureza em toda a sua plenitude, justamente em um momento de tantas incertezas, surge como um horizonte e uma possibilidade de pensar em práticas regenerativas.

Desde meados de 2018, quando foi formalizada a criação do meu próprio Clã, à época ainda integrante da Tradição Farreliana, fiquei à frente de muitos dos rituais que eram realizados dentro do grupo; desde 2017, com a saída dos antigos líderes do grupo, fui percebendo a necessidade de abraçar essa oportunidade de ficar responsável por idealizar, elaborar e organizar uma celebração de caráter ritualístico. E foi com essa constante prática de sacerdote celebrante que fui percebendo a importância dos rituais para o coletivo, na medida em que não fazia um ritual pensando em x ou y, e sim pensando na experiência coletiva das pessoas que estariam ali naquele momento. Assim, desse período em diante, fui criando uma grande e importante afinidade em criar rituais e muito desse desejo vem do fato de eu ter uma formação com as artes, mais especificamente o teatro.

O antropólogo Victor Turner (2016), estudioso do ritual e das dinâmicas econflitos sociais do povo Ndembu, nos registros de seus últimos escritos que antecederam sua morte propõe uma “Antropologia da Experiência²³”, momento em que o autor passa a se interessar mais pelos conhecimentos adquiridos e pela subjetividade de seus interlocutores que estão imersos nessa teia de significados e menos pelas categorias estruturais do ritual. Logo na introdução de sua obra *Do ritual ao teatro – a seriedade humana de brincar*, ele observa:

Talvez, se não tivesse sido exposto precocemente ao teatro – minha primeira memória clara de uma peça foi a verão de Sir Frank Benson de *A tempestade*, quando eu tinha 5 anos -, eu não teria sido alertado para o potencial “teatral” da vida social, especialmente em comunidades tão coesas como as aldeias africanas. (TURNER, 2015, p. 10)

Esse relato de Turner, me faz lembrar da primeira vez que assisti uma peça de teatro. Tinha 15 anos de idade e a história era sobre a relação entre pai e filha. Um pai que nunca tinha tempo para a sua filha devido ao trabalho e a correria do cotidiano da vida, por este motivo, ele, o pai, não acompanhou o desenvolvimento e o crescimento da sua filha, que foi passando, pelas fases de criança para adolescente, de adolescente para jovem adulta e de jovem adulta para a maturidade dos trinta e poucos, essas mudanças de fases era sempre retratada por uma personagem que estava adornada por roupas leves e esvoaçante, que entrava em cena rodopiando ao encontro da outra personagem, a filha, até que alguém que estava sentado ao lado fala: “Ah, ela representa o tempo!”. O desfecho dessa peça infanto-juvenil se dá quando a filha já adulta e o pai já envelhecido, fala para ela: “Filha, vamos fazer tal coisa juntos?” E ela diz: Desculpa pai, mas não tenho tempo.” Essa foi a primeira peça que assisti na vida e foi por meio dela que sempre tive o desejo de fazer teatro, pois nunca consegui esquecer toda aquela magia que tanto me afetou.

Essa noção levantada por Turner é bastante relevante, pois no mesmo período em que entrei para a Tradição Farreliana, ainda como Neófito, também ingressei na minha graduação em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), exercendo os dois universos na prática e ao mesmo tempo. Enquanto na Tradição realizava meu treinamento mágico, pleiteando me tornar um sacerdote e iniciado do grupo, na graduação, realizava meu treinamento artístico como ator de teatro.

Nessa relação entre ser Pagão, Bruxo e *Ator de f(r)icção* (LYRA, 2014) fez com que eu percebesse elementos que convergiam do aspecto mágico da bruaria com o aspecto

²³ Que vai culminar na Antropologia da Performance, corrente teórica e metodológica que foi a base para o desenvolvimento deste trabalho.

mágico do teatro, além de potencializar o meu corpo em cena. Luciana Lyra (2014), também uma artista de f(r)icção, usa esse conceito para apontar artistas-pesquisadores cujos os campos de pesquisas atravessam suas experiências e os afetam de maneira a mediar suas ações e influenciar o modo como se colocam como artistas no mundo. Pensando nesse sentido, o processo iniciático se faz presente também no teatro, pois conclui com a pesquisa que realizei em 2016 que o estado alterado do corpo em cena se assemelha muito com o estado alterado do corpo no ritual.

A performance-ritual Corpos Elementais

Performance-ritual é uma categoria dos Estudos da Performance que consiste no trabalho árduo de buscar formas de levar para o campo das artes da cena, a experiência com o ritual e as espiritualidades, que solicitam de nós, artistas, que possamos manter um diálogo simétrico, respeitoso e ético com os universos mágicos com os quais estamos nos relacionando. Os modelos tradicionais, tanto os de processo criativo, quanto de montagem e apresentação cênica, nessa categoria dos Estudos da Performance, pouco são explorados ou nem explorados são. O que é levado em conta nessa abordagem, é *o estado intenso do aqui agora; vivos e perceptivos na presença total de nossas existências* (GONÇALVES, 2021, p. 20). Nessa perspectiva da performance-ritual o público, que não é apenas um mero espectador, mas um participante do processo ritual, é *transformado* e *transportado* juntamente com o ator da ação ritualística. Em um processo de afetação corporal e espiritual, são os seres invisíveis que dinamizam todo o percurso.

Com o fim da minha pesquisa de iniciação científica, citada na apresentação, logo em seguida veio o trabalho de conclusão de curso e a montagem cênica final que os bacharéis em teatro precisam fazer para colar grau. Sendo assim, busquei usar a minha pesquisa como referência para ambos os trabalhos, tendo em vista que a proposta da montagem cênica do meu grupo, juntamente com outros artistas e colegas da graduação, foi caminhando para se tornar uma performance-ritual.

Todos os artistas que faziam parte do processo foram incentivados a participar de pelo menos um ritual da Tradição Farreliana, e assim foi feito. Ao participar do ritual, o ator Robson Ney teve a ideia de explorar a fogueira, que era um elemento que sempre estava presente nos rituais da Tradição. Apresentamos a performance-ritual, intitulada *Corpos Elementais*, várias vezes durante todo o período que tínhamos para realizar esse processo, e que passou por muitas etapas de desenvolvimento até chegar no “produto”

final. A performance-ritual *Corpos Elementais* tinha como objetivo realizar uma grande imersão nos quatro elementos da natureza (Terra, Ar, Fogo e Água) buscando envolver todos os corpos ali presentes, tanto dos artistas quanto do público, nesse movimento e inserção dos quatro elementos. Por esse motivo, a performance-ritual acontecia em locais específicos, um quintal, terreno, com árvores plantas, terra, que pudesse compor e contribuir com a abordagem ritualística dessa apresentação.

Ao refletir e relembrar esse percurso que se deu em 2016, penso que todo esse processo teve mais êxito por fazer essa reverência aos espíritos da natureza, por trazer a Terra, o Ar, o Fogo e a Água de forma artística e criativa para compor a performance, por honrar o ambiente que nos circundava e por homenagear e saudar a existência da nossa Mãe Terra.

Durante as apresentações, realizava-se a confecção da imagem de um pentagrama feito de folhas do próprio espaço, esse exercício era um processo meditativo e bastante invocativo. Meditativo porquê dessa forma eu tinha a oportunidade de meditar sobre o que estávamos prestes a fazer e me sentir integrado a tudo o que estava a minha volta, além de ajudar no estado de presença e de consciência, ser e estar, que a performance promovia. Invocativo porque os espíritos que daquele lugar faziam a sua morada se faziam presentes, os seres das folhas, os seres das plantas e os seres da terra.



Foto 04 – Pentagrama de Folhas (Performance-Ritual Corpos Elementais)
Fonte: Arquivo pessoal do autor

O simbolismo das pontas do pentagrama, que era explorado na proposta dessa performance, era sobre a invocação da Terra, do Ar, do Fogo, da Água e do Espírito. E ao invocar essa poderosa magia, abrimos portais, tanto internos quanto externos, portais de autorreflexão, de comunhão, de experiências espirituais, de contato com o primeiro mundo, o mundo dos seres em nós.

O Elemento Terra, que pode ser o meu corpo, assim como as minhas materializações e concretizações. O Elemento Ar, que pode ser a minha respiração, assim como os meus pensamentos e potência criativa. O Elemento Fogo, que pode ser o meu espírito, assim como as minhas ações e capacidade de se transmutar. O Elemento Água, que pode ser o meu sangue, assim como os meus sentimentos, emoções e mistérios internos. Os cruzamentos e conexões que esses fenômenos engendram entre eles é também o que nos forma enquanto seres espirituais.

Do Amor a Arte, da Arte a Presença, da Presença a Fé, da Fé a Família e da Família de volta ao Amor

No segundo semestre de 2022 realizei uma palestra, a convite do meu orientador, que teve como título “Entre o ritual e a experiência: O caminho da bruxa como fronteira da possibilidade”, na disciplina Abordagens Sócio Antropológicas da Cultura do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (ESAT/UEA). Essa apresentação teve relação com os aspectos da minha pesquisa, em que busquei, demonstrar os estudos que foram produzidos sobre o contexto do Paganismo Contemporâneo no Brasil e também refletir sobre alguns rituais dos grupos que fazem parte desta investigação, tentando apontar as indagações que são geradas por meio do ritual, apontando-os como aprendizagens espirituais socialmente contextualizados e afetivamente localizados. Por se tratar de uma disciplina do curso de teatro, trouxe também a foto do Pentagrama de Folhas, citado anteriormente, e falei sobre o processo criativo da Performance-ritual *Corpos Elementais*.

No desejo de ritualizar o encontro e a apresentação, trouxe a proposta do *Pentáculo de Ferro* que é uma ferramenta conceitual, meditativa, energética e psíquica, criada e desenvolvida pelos fundadores da Tradição Feri, Victor e Cora Anderson. O *Pentáculo de Ferro* explora as cinco pontas do pentagrama, com conceitos e palavras que ativam a pisque, representando aspectos importantes da nossa consciência, normalmente são interpretados de forma negativa do ponto de vista da sociedade dominante.

De acordo com o Bruxo Feri, Storm Faerywolf, as palavras/conceitos invocadas pelo Pentáculo de Ferro são: *Sexo; Orgulho; Self; Poder e Paixão*. E essas palavras/conceitos são definidas pela Tradição Feri da seguinte forma:

O ponto do Sexo representa conceitualmente o poder criativo do Universo. É tanto polaridade quanto ressonância dentro da corrente da energia Divina. É aquele ponto de orgasmo em que nos abrimos à dança Universal e participamos de sua criação e de sua destruição a cada momento. O ponto do orgulho é o nosso reconhecimento de nosso próprio valor e a capacidade de viver plenamente sem reservas, permitindo que nossa verdadeira natureza brilhe para fora sem ceder à tentação do ego de nos compararmos com os outros. É a inocência completa, vivendo plenamente e descaradamente no momento. O self representa nosso pleno conhecimento de nosso próprio potencial, bem como de nossas limitações, juntamente com o conhecimento de quem somos em relação aos outros e ao Universo em geral. O poder é a efusão equilibrada de todo o nosso ser; a harmonia focada de todos os cinco pontos do pentagrama que nos permite maior acesso ao nosso próprio potencial profundo. É projeção de nós mesmos no mundo que causa a mudança, que faz a magia. Nunca é manipulador, pois o verdadeiro poder existe por si só e encontra diversão em relacionamentos cooperativos com outros seres e pontos de vista. A paixão é a nossa capacidade de estarmos abertos à experiência mais completa do sentimento, seja da mais alta felicidade ou da mais profunda depressão. É a verdadeira personificação do êxtase. (FAERYWOLF, Storm. Feri Practices – The Iron Pentacle, 2000, [s.p])

Essa ferramenta, que pode vir a ser, uma mandala pessoal e um mapa enérgico, nos fornece pistas importantes para saber onde estamos desperdiçando nossas energias, nos dando a oportunidade de curar desequilíbrios em nosso eu interior. Sendo assim, pedi para que cada pessoa fizesse a leitura, de um papel que foi disponibilizado no início da palestra, de cada ponta desse pentáculo e fui anotando nas pontas do meu Pentagrama de Folhas, cuja a foto estava sendo projetado via slide, as palavras/conceitos do Pentáculo de Ferro. Após esse movimento, expliquei brevemente o significado dessa ferramenta de trabalho e desenvolvimento psíquico que vai do Sexo ao Orgulho, do Orgulho ao Self, do Self ao Poder, do Poder a Paixão e da Paixão de volta ao Sexo. Formando assim, o traçar completo do formato de estrela do Pentáculo de Ferro, que os Bruxos Feri chamam de “Correr o Pentáculo de Ferro”. Propus então, ao final, que criássemos o nosso próprio Pentáculo.

Nesse movimento ritualístico, para cada ponta do Pentagrama de Folhas, que estava sendo projetado no quadro, uma pessoa era convidada a escrever e falar uma palavra que para ela definia aquele aprendizado com o Pentáculo de Ferro da Tradição Feri e o Pentagrama de Folhas da performance-ritual *Corpos Elementais*. Em um ato performático e mágico as palavras ganhavam força e mobilizavam a ação simbólica do ritual. Ao invés de “Correr o Pentáculo de Ferro” os participantes entrelaçaram sua

emoções, experiências e corporalidades a cada momento que uma pessoa se levantava para escrever e verbalizar, com seu corpo e sua voz, a sua palavra mágica.

Da Amor a Arte, do Arte a Presença, da Presença a Fé, da Fé a Família e da Família de volta ao Amor. Essas foram as palavras mágicas invocadas pelos participantes que traçaram e criaram esse nosso Pentáculo, próprio e único, daquele encontro especial de corpos, pessoas e almas. Realizar esse exercício foi muito importante para que pensasse na potência mágica e criativa que a própria arte e o teatro são capazes de promover e o quanto o ritual e a ritualização das coisas nos permitem acessar aspectos do simbólico de modo mais efetivo e até material. No próximo capítulo irei falar sobre o ritual do Oráculo da Água que irá explorar essas questões com mais afinco.

Refletir sobre a minha prática mágica, ritualística e experiências pessoais, que estão a todo momento sendo atravessadas por eventos outros, visíveis e invisíveis, me faz perceber o quanto tudo isso tem me moldando enquanto performer, o quanto tudo isso forma e compõe as minhas corporalidades. Não consigo mais pensar corpo e nem experimentar uma prática de corpo desassociada dessas imaterialidades, minha natureza é, predominantemente, selvagem e inclui os seres mais que humanos, com quem compartilho *na política de habitar e transformar o mundo* (TSING, 2019, p. 37). O ritual está no meu corpo e forja as minhas ações, escrevi e immortalizei meu nome na terra e fui convocado a sonhar o seu doce sonho.

Evan Donovan. Esse é o meu nome pagão, escolhi quando ainda era um neófito, nome esse que possui uma identidade mágica e pelo qual gosto de ser chamado, por invocar justamente essa persona que criei, que faz parte de mim e que fala sobre quem eu sou. Sou formado, sobretudo, pelo ritual, meu corpo tem as cores do laranja da pupunha, do vermelho do urucum e do verde das plantas. Um corpo amazônico. Meu ritual é perigoso e contagiante. Me permito a sentir em minhas entranhas os olhos selvagens da noite. A água do rio que percorre em meu sangue anuncia a mensagem: Eu acredito que a bruxaria é um caminho para pensar outras e novas narrativas de concepção de mundo.

2. *EU SOU A BRUXARIA*: Pertencimento, criatividade e autoexpressão nas práticas mágicas e ritualísticas dos grupos de bruxaria da cidade de Manaus

É através das práticas, concepções e experiências dos grupos de bruxaria (neo)Pagãos que se torna possível delinear um quadro em que a diversidade e a singularidade são os indicadores que ajudam a pensar a bruxaria como um movimento díspar. Cada grupo possui sua própria identidade e opera de forma distinta. Nesse sentido, um outro elemento fundamental que ajuda a refletir essa diversidade e singularidade é o discurso, que pode convergir e divergir em muitos pontos e aspectos. Para sintetizar, poderíamos dizer que é principalmente a prática e o discurso que vão elencar as diferenças dos grupos e suas concepções a respeito do universo da bruxaria.

Para entender a bruxaria como um caminho mágico, espiritual e afetivo se faz necessário compreender a dinâmica das subjetividades dos sujeitos que trilham esse caminho. Dessa forma, são as experiências vivenciadas pelas bruxas e pagãos que vão traçar a linha para a realização desse entendimento. Essas experiências estão ancoradas em aspectos que permeiam a própria vida: liberdade, conexão, autoconhecimento, transgressão, sensibilidade, paixão, sexo, desafeto, orgulho, solidão, poder, medo, sonhos, ambivalência e regozijo. Em consonância com essa linha, destaco então as palavras poéticas e políticas da bruxa e ecofeminista Starhawk (1993):

É mais fácil ser celibatário do que estar vivo plena e sexualmente. É mais fácil se afastar do mundo do que viver nele; é mais fácil ser eremita que criar uma criança; é mais fácil reprimir emoções do que senti-las e expressá-las; é mais fácil submeter-se à autoridade do outro do que confiar em si próprio. Não é fácil ser uma bruxa, aquela que se curva, aquela que molda, um dos sábios; como também não é seguro, confortável, “relaxado”, suave, animador ou uma garantia de paz de espírito. Ela exige abertura, vulnerabilidade, coragem e trabalho. Ela não fornece respostas: somente tarefas a serem cumpridas e questões a serem consideradas. (STARHAWK, 1993, p. 184.)

Nesse sentido, ao ressaltarmos a importância das experiências, práticas, concepções e discurso desses sujeitos, as bruxas e pagãos, adentramos na seara do ritual. Pois são essas perspectivas que vão influenciar o modo pelo qual um grupo desenvolve as suas dinâmicas ritualísticas. Esse processo é tanto individual quanto coletivo, tendo em vista que esses sujeitos estão sempre em relação, entre si e entre os outros - visíveis e invisíveis. Por conseguinte, a forma como esses sujeitos concebem seus rituais, feitiços e magias está atrelado a todo esse conjunto de elementos experienciais.

Por experienciar o ritual de forma mais íntima, percebo a importância das reflexões geradas por meio do ritual. O ritual também é afeto, através do ritual podemos repensar a forma como nos relacionamos com o mundo, com os outros a nossa volta e consigo mesmo. O ritual promove reflexões sobre outras e novas narrativas de visão mundo, conectado com o aqui e o agora, criando redes de apoio e aprendizados espirituaissocialmente contextualizados e culturalmente situados.

Os três grupos aqui pesquisados, realizam celebrações que coincidem entre si, questão os oito Sabbaths da Roda do Ano. Os rituais escolhidos para compor este capítulo, foram rituais cujo os agenciamentos e dinâmicas nos ajudam a pensar a multiplicidade desconhecimentos que os rituais podem promover, seja sobre identidade de gênero, sobre diálogos inter-religiosos e inter-espirituais ou sobre a magia musical e criativa. Ressalto que o ritual do Banquete de Hekate da Tradição Trina Essência foi o único ritual ao qual fui convidado a participar, por isso, também, que essa celebração foi escolhida para compor este capítulo, ao contrário dos dois grupos, a Ordem Mística Templo de Oíon e a Tradição Trina Essência que participei de vários rituais ao longo desta pesquisa.

2.1 O oráculo da água: Magia e processo criativo no ritual Imeressão com as Águas da Vida

No primeiro semestre de 2021, meu irmão de Clã, Gaael Geburah, me pediu para conduzir um pequeno rito de imersão com o Elemento Água, no início da celebração que este estava realizando, visto que Gaael sabia da minha relação intimista com a água e assim ele intuiu que eu deveria conduzir esse momento. Assim foi feito, durante a vivência criei um mecanismo que chamei de “oráculo da água” em que, após saber e conhecer quem eram pessoas que participariam da celebração, intuitivamente escrevi palavras em um papel que se relacionavam com alguém em específico. Durante a vivência, além de cada pessoa ter um momento de relação com a água que estava posta em uma vasilha, pedia para que cada um, ao final do contato com a água, tirasse um papel que estava virado sob a água, palavra essa que era a mensagem que os espíritos da água estavam comunicando a pessoa e que ela precisava ouvir e saber naquele momento. Esse processo ritualístico e mágico é mediado pela própria potencialidade e agencialidade da água. Fazendo os devidos acordos em um diálogo recíproco com esse elemento da natureza, é possível tecer conexões e engendrar

transformações, tanto internas quanto externas.

Após essa primeira vivência com o Clã Ixanaki, me senti inclinado a explorar e aproveitar esse mesmo ritual de Imersão com a Água em outros contextos, sejam artísticos ou ritualísticos, embora ambos os universos se convergiam em muitos pontos. Sendo assim, no segundo semestre de 2021 sou convidado pelo Diretório de Pesquisa Tabihuni (UEA/CNPq) a conduzir um ritual e naturalmente percebo que seria possível realizar essa mesma vivência com a equipe. Além de ter realizado esse ritual com o Tabihuni também realizei partes dele em uma outra oficina no segundo semestre de 2022 no evento do VII Transfronteiras do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UEA).

Ao desenvolver e elaborar esse ritual com os integrantes do Diretório de Pesquisa Tabihuni (UEA/CNPq), tive a oportunidade de experimentar os dois universos na prática, o ritual propriamente dito e o processo criativo que os artistas frequentemente realizam em sala de ensaio. A ideia inicial era apenas trazer um ritual para ser realizado e experienciado pelos integrantes do grupo, mas pelo fato do Diretório de Pesquisa Tabihuni ser um grupo de performance e seus integrantes serem quase todos artistas, resolvi então, lançar o desafio de trançar os dois universos, que se mostraram bastante próximos e possíveis de serem relacionados.

O ritual teve relação com as práticas que desenvolvo como Pagão/Bruxo/Sacerdote que buscam enveredar pelos aspectos das sombras, dos mistérios noturnos e do íntimo contato que mantenho com o Elemento Água. Dessa maneira os elementos ritualísticos utilizados para o ritual foram o espelho, a água e a vela. Por meio da criação do que chamei de *oráculo da água*, palavras intuitivas foram escritas em papéis e postas nos vasos que estavam as águas, papéis esses que depois seriam tirados pelos próprios participantes.

Em um primeiro momento propus que fizéssemos uma visualização em uma praia grande com muita água, as pessoas eram incentivadas a emergirem nessa água, a água do inconsciente, e lá fundo eles encontrariam um espelho que refletiria o seu lado sombra, aquele que fica escondido e só você conhece. É pedido que as pessoas se relacionem e conversem com essa sombra, com esse reflexo sobre seus sentimentos e emoções. Após esse exercício de visualização, vou em um participante de cada vez e peço para que se levante e caminhe até a bacia que está cheia de água e com um espelho no fundo, e digo para pessoa entrar em contato com a água e com o espelho e ficar

alguns minutos nessa relação, em seguida, pego a vasilha que está com os papéis e peço para que a pessoa retire um e se conecte com aquela mensagem e novamente se deite no chão da sala. Esse procedimento é repetido até que todos os participantes tenham experienciado cada momento.

No segundo momento, fui guiando para que os participantes pudessem refletir sentir todo o processo do ritual, sobre a mensagem que recebeu e assim, aos poucos fui pedindo para que os participantes pudessem movimentar suas águas internas, passando por cada parte do corpo, até chegar nos órgãos, na pele, nos ossos, no sangue. E assim, por uns minutos deixei que cada um fizesse sua criação pessoal, a partir de todos os impulsos que o lado instintivo promovia, a criação do seu próprio *corpo água*. Os participantes foram, assim, incentivados por meio desse processo mágico a criar, com o corpo, um repertório de ações e reações mediados pelas imagens e sensações promovidas pelo processo ritualístico. Depois desse forte movimento das águas internas, fui pedindo para que os participantes voltassem para seus estados normais, e guardasse as imagens e criações expressas. O resultado desse trabalho foi bastante produtivo e criativo, pois, pedia os participantes que apresentassem um pouco do que haviam criado e as narrativas e criações foram todas fortes, criativas e significativas.

Tais experiências suscitaram reflexões sobre as conexões possíveis de serem feitas entre arte e magia e a influência do ritual no processo criativo. Destaco aqui, como, através do Elemento Água foi possível habitar estes dois lugares, a arte e a magia, a criação e a conexão, o estado do artista e a espiritualidade. Trazer a água para fazer parte de todo o processo ritualístico e artístico foi fundamental para o êxito e desenvolvimento de todo o trabalho. A água, enquanto espírito ancestral, ser elementar da terra, auxiliou nesse processo, purificando, limpando e agenciando toda essa dinamicidade. A água, se dedicada a atenção para suas qualidades, altera nosso estado de consciência e nos ajuda a acessar o nosso lado mais íntimo e profundo, por vezes, desconhecido até por nós mesmos. A água, que pode ser nosso sangue, o líquido que bebemos e tomamos banho, mas também pode ser nossos sentimentos e emoções e os nossos profundos mistérios. Para a bruxaria e as bruxas contemporâneas, a água é sagrada.

Na esteira dos rituais de bruxaria surgem dois elementos fundamentais que sustentam a base da própria bruxaria enquanto instituição, além de ajudarem em seu

processo de significação e subjetivação, a magia e a espiritualidade. A magia, que pode ser concebida e entendida de diversas formas, como um *insight* que podemos ter através de um sonho, a lua vermelha (do sangue menstrual) que é plantado na terra, as oferendas que são ofertadas à noite nas encruzilhadas e/ou na natureza, a consagração que é feita em comidas e bebidas com o auxílio de alguma divindade ou espírito, a inspiração poética e artística na criação de rituais, feitiços e ideias, a invocação e o uso de elementos mágicos por si só como o espelho, as ervas, a terra, o ar, o fogo e a água e até mesmo o próprio corpo. A lista das várias formas de conceber e realizar magias é extensa e não se limita a esses exemplos.

O aspecto espiritual da bruxaria, que é um universo pouco explorado e estudado nas ciências modernas, é um elemento fundador e aglutinador desse fenômeno, bem como a magia, a espiritualidade é exercida e experimentada de uma forma fluída e dinâmica. Para as bruxas de Manaus, tanto a magia quanto a espiritualidade estão presentes no dia-a-dia e em qualquer ato do cotidiano. A bruxa conhece e transita pelos mundos visíveis e invisíveis e está sempre atenta as linguagens humanas e mais que humanas.

A bruxa ativista e ecofeminista Starhawk (2018) em um diálogo com a ocultista Dion Fortune que propõe uma definição de magia - utilizada por várias outras bruxas ao longo do tempo - enfatiza que com *magia, visão*, valores e coragem temos efetivamente o potencial de criar o mundo que desejamos.

Sempre gostei do modo como Dion Fortune, uma ocultista do início do século XX, define magia: segundo ela, a magia seria “a arte de modificar a consciência de acordo com a vontade”. Essa definição inclui a arte e as ideias de visão e imaginação. Inclui também a ideia de mudança: implica que o mundo é dinâmico e fluido, e não estático. E ela fala de “vontade”: uma intenção humana focada que tem um impacto no mundo em torno de nós. (STARHAWK, 2018, p. 55)

A espiritualidade, bem como a magia, são elementos fundamentais para se refletir sobre os instrumentos mágicos (a vela, o caldeirão, o espelho) e sobre a dinamização do próprio processo ritualístico em que o sonho, a água, o inconsciente, o sangue e a floresta, podem conduzir, através de ações e veículos simbólicos, uma experiência mágica e ritualística. Como observa Calvacanti (2020) ao refletir sobre a dimensão processual dos rituais elaborados por Turner (1982, 1987), bem como a densidade de seu simbolismo, a ideia do ritual funciona aqui, como operador de

transformações subjetivas e coletivas.

O sonho que habita as profundezas do inconsciente *fricciona-se* (DAWSEY, 2013) em sangue recém derramado sob o altar fertilizador do escuro da floresta. A bebida que preenche o cálice vazio do peregrino é a fonte de processos criativos de encontros entre almas que brincam e moldam formas de cores variadas. Por meio dos cacos do espelho que foi quebrado, setorna possível reativar as imagens que lembram os reflexos que enxergamos ao olhar para a magia da água e as experiências da vida.

2.2 A música é a oferenda: A presença da musicalidade no Banquete de Hekate da Tradição Trina Essência

Eu sou a feiticeira que não vai ser descartada, a Fiandeira do Tempo, a Mestra dos Mistérios. Eu corto as linhas que trazem minhas crianças para casa, de volta para mim. Eu corto as gargantas dos cruéis e bebo o sangue de seus corações. Eu sou as profundezas aveludadas do céu noturno, o turbilhão de brumas da meia-noite, envolta em mistério. Eu sou a crisálida na qual você terá de enfrentar o que te apavora e da qual você irá florescer, vibrante e renovada. Procure por mim nas encruzilhadas e você será transformada, pois uma vez que você olhe para meu rosto, não há retorno. Eu sou o fogo que beija as algemas da distância. Eu sou o caldeirão no qual todos os opostos crescem para se conhecer, uns aos outros, na Verdade. Eu sou a teia que conecta todas as coisas. Eu sou a curadora de todas as feridas, a guerreira que corrige todos os erros em seu tempo. Eu faço o fraco forte. Eu faço humilde o arrogante, levanto os oprimidos e dou poderes aos desprivilegiados. Eu sou a justiça temperada pela misericórdia. O mais importante, filha, eu sou você. Eu sou parte de você, e eu estou dentro de você. Buscai-me dentro e fora, e você será forte. Conheça-me. Aventure-se no escuro para que você possa despertar para o Equilíbrio, a Iluminação e a Totalidade. Leve o meu amor contigo a todos os lugares e encontre o poder dentro de ti, para ser quem você quiser. Eu sou Hekate! (Charge of the Dark Goddess)

A Tradição Trina Essência tem relação com os três pilares do grupo que é *cura, conhecimento e prosperidade*. A tradição nasceu da necessidade de juntar pessoas que estavam formando grupos de bruxaria (neo)Pagãos em Manaus, tendo como base a sua matriarca a bruxa e sacerdotisa Beth Ghuimel, e também para que as pessoas que fazem parte do grupo, tenham uma linhagem a seguir. A Tradição tem 16 anos de existência e atuação na cidade de Manaus, tendo passado pelo grupo mais de 100 pessoas. Atualmente o grupo tem 20 integrantes, divididos em Sacerdotes de 1º, 2º e 3º grau que vivem em Manaus e em algumas outras partes do Brasil e também em alguns outros países.

A Tradição Trina Essência trabalha com a ideia do culto de arquétipo, separado em três níveis que tem relação com os três graus hierárquicos. No primeiro nível, ou seja, ao entrar para o grupo, ainda como postulante, a pessoa é apresentada a um Deus, se for

mulher, ela é apresentada a uma Deusa, que tem relação com o seu próprio arquétipo, então a pessoa é incentivada a prestar culto a essa divindade a qual foi designada. Essa escolha quem faz é a própria Matriarca da Tradição que observa de acordo com o arquétipo do postulante, qual a divindade que mais se parece com ela ou também pode acontecer de ser apresentada uma divindade, cujo o arquétipo, essa pessoa precisa trabalhar e desenvolver. No segundo nível, é ao contrário, é explorado a ideia do par, ou seja, o sacerdote homem é presenteado com uma deusa e a sacerdotisa mulher é presenteada com um deus, para igualar e equilibrar as polaridades. No terceiro nível, o (a) sacerdote/sacerdotisa escolhe a divindade, sendo masculino ou feminino. Para apadrinhar a sua entrada ao 3º grau. Esse é o método de trabalho na Tradição Trina Essência, explorando essa sequência relacionada ao seu gênero no 1º grau, no 2º grau o seu gênero oposto e no 3º grau fica livre para escolher o gênero que desejar, formando assim a sua própria tríade.

A Tradição explora também a ideia que eles chamam de “Bruxaria Tradicional Evolutiva”, para lembrar justamente de como eram os fatos de todas as eras Pagãs, buscam trazer para contemporaneidade esse conjunto de práticas e vivências adaptados a nossa modernidade. Essa abordagem que a Tradição Trina Essência segue é mais “natural” e busca se aprofundar na organicidade dos elementos e da própria prática que estão ligadas aos aspectos que compõem o mundo e a vida como um todo. Como por exemplo, o dia que o grupo realizou sua celebração do Solstício de Verão, conhecido como Sabbat de Litha, em um flutuante de Manaus. Nas palavras da Matriarca Beth Guimel, ela observa:

“Um altar é onde está sacralizado o que é importante pra você. Um chá especial, uma poção encantada, um ser vivo, um óleo mágico, o athame, a taça, uma vela e muito, mas muito amor no meio do maior rio do mundo e abençoados por um sol morno, num dia delicioso. Poesia pura.”



Foto 05: Altar da Tradição Trina Essência

Fonte: Arquivo do grupo

A Tradição celebra os oito sabbats da roda do ano e desenvolve uma série de atividades internas, além de aulas, para trabalhar aspectos que o grupo considera importante para o treinamento mágico e sacerdotal de um iniciante e até mesmo do iniciado. Muitos dos rituais da Tradição são realizados apenas entre os próprios integrantes do grupo, sendo raro, eles abrirem para a comunidade externa. Duas celebrações que acontecem anualmente no grupo e que geralmente são abertas, é o Banquete de Hekate que acontece em agosto e o Festival de Deméter que acontece em setembro, no Equinócio de Outono, no sabbat que chamamos de Mabon.

Durante esta pesquisa fui convidado para participar de apenas um único ritual que também foi aberto ao público externo que foi o Banquete de Hekate que faz parte da tradição do grupo realizar essa celebração anualmente. Ao chegar no local que ia acontecer o ritual, pela parte da noite no centro da cidade, logo fui invadido por uma sensação de insights, que fez aquele momento parecer algo que já havia me acontecido. Um comidinhas eram servidas aos convidados e uma integrante do grupo passava por cada um com uma tigela com água perfumada para que as pessoas emergissem suas mãos. O banquete já estava na mesa, próximo da roda que se formou onde as pessoas estavam sentadas aguardando o ritual começar. O portão se fecha e o a Matriarca dá

início ao ritual.

Durante o desenvolvimento do ritual percebi que quem rege boa parte da ritualística em si é a própria Matriarca do grupo. Foi ela que pediu para um sacerdote de cada quadrante, que são os pontos cardeais, norte, leste, sul, oeste, representando respectivamente a terra, o ar, o fogo e água, invocassem os espíritos guardiões de cada ponto cardinal e assim foi feito, logo em seguida, a Matriarca ascendeu o fogo do caldeirão e juntamente com o coro de vozes dos integrantes do grupo, invocaram a Deusa Hekate, em um movimento de força e entusiasmo, chamando a Deusa para se fazer presente no ritual. E em seguida a Matriarca falou performaticamente sobre o mito da Deusa Hekate e o significado daquele ritual, fazendo com que as pessoas presentes se sentissem dentro da narrativa, explorando os sentidos através de sons, imagens e movimentos, tornando o ritual mais dinâmico e teatral e menos cerimonial. Um dos fatores fundamentais e que ajuda a Matriarca a dinamizar os seus ritos, é por ela ser atriz de teatro e que influencia a forma como ela os concebe.

Depois de estarem todos envolvidos no processo ritual, na metade da celebração as pessoas presentes foram convidadas a fazerem uma reverência ou algum tipo de saudação e homenagem a Hekate. E assim se sucedeu, um desenho, que mais tarde seria motivo de conflito entre alguns membros do grupo, foi levado até o fogo que ardia no caldeirão e apresentado a Hekate, um outro sacerdote dessa Deusa que levou vários presentes, símbolos da própria divindade e algumas outras palavras que foram feitas em homenagem a ela, todas as pessoas que fizeram algum tipo de homenagem eram integrantes do grupo. Exceto, uma convidada que tinha ido visitar e participar de uma celebração do grupo pela primeira vez, que no momento em que a Matriarca perguntou se mais alguém queria fazer uma homenagem, ela disse queria sim, se levantou de onde estava sentada, se concentrou por uns instantes e entoou um canto, ajoelhada e bem próximo do caldeirão, em que o fogo parecia dançar freneticamente e contentemente ao som de sua voz, e ao final da ação performática, ela sorriu, voltando seu corpo para baixo, lembrando muito a gargalhada de uma Pombagira. Todos os presentes ficaram surpresos e vislumbrados com o ocorrido, a Matriarca comenta ao final: “*Hekate gostou da sua música*”.

Essa ação me fez lembrar do estado do corpo ao qual o ator busca alcançar durante sua encenação e o quanto os elementos pré-expressivos são importantes para incentivar e influenciar esse estado. No caso, desse ritual, o fogo, as narrativas feitas

pela Matriarca, a egrégora mágica estabelecida no processo ritual, as invocações e magia da própria Deusa, foram os elementos constituidores para que o estado de corpo almejado fosse alcançado. Por um momento me perguntei, se era possível trazer ou pensar em elementos como estes em nossos processos criativos em arte, sobretudo, do teatro. Aos poucos tenho tentado fazer esse link, mas é um processo que exige troca recíproca, respeito, ética e um tempo mais dilatado.

No fim do ritual houve uma dança circular e muitas músicas Pagãs foram cantadas. Por meio de um processo de irmandade e coletividade, que os próprios rituais proporcionam, todos foram incentivados a participar do banquete, comendo e bebendo em um movimento de comensalidade, entre vinhos, bolo, carne, farofa e um doce de maracujá. Esse mesmo bolo que foi feito para comemorar o aniversário de um membro do grupo, foi tirado um pedaço para fazer a oferenda a Hekate na encruzilhada a partir de meia noite.

Enquanto esperava para ir na encruzilhada juntamente com os integrantes que iriam fazer a entrega da oferenda, conversei e tive o primeiro contato com a Matriarca da Tradição Trina Essência, a quem eu já conhecia por ser uma figura importante para a cena Pagã Manauara, Beth Ghimel esteve aberta ao diálogo e interessada em contar sobre suas experiências. Além de ser Bruxa e Sacerdotisa, Beth também é *Ialorixá* e iniciada no *Culto de Ifá*, ao qual ela chama de “Caminhos Paralelos”, esse, de pessoas que se relacionam com ambos os universos, da bruxaria e de religiões afro-brasileiras. Beth Ghimel foi nascida e criada na Umbanda e posteriormente no Candomblé, pois, sua mãe também era *Ialorixá*. Beth comentou que sua imersão nessas religiões as ajudaram a ter uma visão mais ampla, de que as coisas que ela acredita na bruxaria, são possíveis de serem vistas nas outras religiões e que essas coisas não divergem, ao contrário, se complementam, embora ela ressalta que não gosta de misturar as coisas e acha muito importante que isso não seja feito.

Quando deu meia noite, alguns integrantes da Tradição foram até a encruzilhada fazer a oferenda a Hekate e eu fui junto. Todo o grupo de pessoas que se formou saíram nas ruas e foram até a rua principal de uma parte do centro da cidade, colocaram o pedaço de bolo, ascenderam algumas velas e o desenho de um membro do grupo que já tinha ido embora. As velas foram acesas, entre conversas e risadas, sobre o local onde estava sendo feito a oferenda, em frente a uma universidade, um membro que estava mais afastado, do outro lado da rua, apreciando o movimento e a brisa da noite, volta para o

círculo que se formou em volta da oferenda e fala para todos repetirem com ele a canção que acabará de criar, ele canta uma vez, depois todos repetem, até que seja feito um coro de voz em homenagem a Hekate a Deusa da Encruzilhada. Percebi a partir daquele momento, que a oferenda não era o bolo e nem as velas, era a música, que o grupo cantou com suas próprias vozes e por meio de seus próprios corpos. Ao final, um dos Sacerdotes resolve queimar o desenho que foi feito em homenagem a Hekate, na chama da vela, quando o outro Sacerdote intervém, dizendo que não há a necessidade de queimar, que a imagem precisava ficar ali, ao mesmo tempo em que os outros sacerdotes diziam que eram sim, a favor de queimar o desenho, gerando uma tensão no grupo. O conflito termina com o desenho sem ser queimado, apenas posto no chão, ao lado do bolo e das velas. Todos voltam para a sede do grupo para conitunarem bebendo e se divertindo, como todo pós-ritual.

2.3 Sagrado Queer: A identidade mágica e ritualística do Clã Ixnaki

O Clã Ixanaki é um grupo de bruxaria neopagão da cidade de Manaus que existe desde o final de 2018 do qual sou o criador e líder. O grupo recebeu esse nome por fazer referência a cultura indígena em particular ao povo Wauja do Alto Xingu (BARCELOS NETO, 2006), enquanto *Ixana para os Wauja* é um tipo específico de Feitiço, *Ixanaki* significa então o que conhecemos como Feitiçaria.

Ao comungar com o nome Ixanaki evocamos dessa forma a egrégora¹ ao qual essenome está relacionado, a Feitiçaria. O que para os membros que faziam parte do Clã era algo fértil e produtivo tendo em vista o fato de estarmos muito bem alinhados, pelo menosno discurso, com o fenômeno da feitiçaria e por querermos nos alinhar também a perspectiva indígena. Durante vários momentos nos perguntamos, somos feiticeiros e bruxos? Existem diferenças entre bruxaria e feitiçaria? A única certeza que tínhamos, erade que erámos bruxas e nos considerávamos Pagãos.

Seguindo uma ordem cronológica, em 2018 que foi o ano no qual o Ixanaki começou de fato a realizar celebrações internas com apenas os membros que faziam partedo Clã. Nesse período até meados de 2020 ainda desenvolvíamos os nossos rituais - Sabbaths e Esbbats - de acordo com o que havíamos aprendido no grupo do qual fazíamos parte, com exceção do Sagrado Feminino que começamos a celebrar em 2019 e que não seguia o protocolo e estrutura ritualística desse grupo.

A cada celebração do Sagrado Feminino, que era conduzido por uma mulher bissexual, bruxa e sacerdotisa do grupo, Kaikala Niá, até então, percebíamos o quão potente era desenvolver uma abordagem mais orgânica e sem muito cerimonialismo. A dinâmica do ritual variava de acordo com a especificidade da celebração, tendo em vista que o Clã juntamente com a Sacerdotisa, depois de algumas conversas e reflexões coletivas, decidiu intercalar a celebração do Sagrado Feminino com a Lua Interna² da Sacerdotisa e a Lua Externa – Satélite da Terra. Uma Deusa era escolhida pela sacerdotisa a partir do arquétipo que a mesma promovia e que tinha uma relação com a lua interna da sacerdotisa ou com a lua externa (Satéliteda Terra).

Diferentemente dos rituais que estávamos acostumados a realizar, que ressaltava a perspectiva da polaridade e da binaridade – Um Deus e uma Deusa – O Sagrado Feminino do Clã Ixanaki buscava romper com essa binaridade, trazendo apenas Deusas para serem celebradas na noite do ritual, além de não seguir uma regra fixa no conteúdo ritualístico e nem na forma de execução. Para o altar, a Sacerdotisa trazia apenas os elementos que conversavam com a sua abordagem e com a especificidade da celebração, elementos simples e importantes.



Foto 06: Altar de uma celebração do S/F de 2019
Fonte: Arquivo pessoal do grupo



Foto 07: Altar de uma celebração do S/F de 2020
Fonte: Arquivo pessoal do grupo

A perspectiva das celebrações do Sagrado Feminino foi de suma importância para abrir a mente pensando outras formas de se conceber um ritual. E essa prática acabou reverberando nos corpos e mentes dos outros membros participantes do grupo que também ficaram atentos a essa mudança. Para nós, do Clã Ixanaki, todos e todas deveriam participar das celebrações do Sagrado Feminino para que ficássemos a par das reflexões, questionamentos e engendramentos mágicos e espirituais que essa corrente proporciona. Durante todo o ano de 2019 e início de 2020 foram realizadas várias celebrações do Sagrado Feminino, no qual estive presente em todas, um dos aspectos que sempre me deixava bastante inspirado era justamente o fato de a celebração acontecer de uma forma bem diferente da forma que tradicionalmente tínhamos que realizar.

Como mencionado no início, em março de 2020 resolvemos nos desligarmos do grupo a qual estávamos atrelados por vários motivos, que não serão explorados nesta dissertação por não ser esse o objetivo. Nesse mesmo ano (2020) a nossa Sacerdotisa - com quem mantive uma profunda e íntima conexão e amizade e a quem agradeço pelos ensinamentos e confiança - muda de cidade indo morar no sul do Brasil. É somente próximo do final de 2020, quando os casos de Coronavírus (Covid19) começam a diminuir na cidade de Manaus, que o Clã Ixanaki volta a se reunir para realizar celebrações ritualísticas. Vale ressaltar que durante todo o ano de 2020 realizávamos encontros online para fazer aulas e reuniões em que refletíamos sobre outras formas e maneiras de se conceber um ritual e outras vertentes e concepções de bruxarias que dialogavam com o que estávamos pleiteando, também realizamos naquele momento de quarentena um único ritual de forma virtual que foi o Sabbath de Beltane.

Dessa forma, como mencionado anteriormente, próximo do final de 2020 foi o período em que voltamos a nos encontrar presencialmente, tomando os devidos cuidados e precauções, para realizar as nossas celebrações. A primeira celebração que realizamos foi o Sabbath de Mabon - Conhecido também como Equinócio de Outono - e dentro desse Sabbath foi realizado a nossa primeira celebração do Sagrado Queer, conduzido por Gaael Geburah, tendo em vista que não tínhamos mais a celebração do Sagrado Feminino por conta da partida da nossa Sacerdotisa e também pelo fato de o Sagrado Queer sempre ter estado em nossos planos de futuras celebrações.

Desde as nossas aulas no período de quarentena já vínhamos refletindo sobre a

importância do Sagrado Queer em nossas vidas e em nossas práticas ritualísticas, tendo em vista que todos os membros do Clã Ixanaki são pessoas LGBTQI+. Durante essas aulas percebi o quanto era difícil fazer as pessoas refletirem sobre a perspectiva Queer e muito dessa dificuldade se dá pelo fato das pessoas estarem totalmente embebidas e imersas no regimento da *heterossexualidade compulsória*. Um “diagnostico” foi notado por mim e por Gaael, nem todo Gay é ou deseja ser Queer. A nível de contextualização e introdução ao universo Queer, Figueiredo (2018) sublinha:

Guacira Lopes Louro afirma que o queer é o sujeito da sexualidade desviante que não deseja ser integrado, nem tolerado; “é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do 'entre-lugares', do indecível”. [...] queer tem, pelo menos, duas vertentes: de um lado, é uma atitude existencial que se reflete no comportamento transgressivo que não respeita a heteronormatividade e, de outro lado, é uma teoria que busca estabelecer princípios e criar dispositivos que levem a uma ruptura de valores impostos pela doxa. (FIGUEIREDO, 2018, p. 43, apud LOURO, 2016, p. 7-8)

Esse pensamento e conhecimento engendrado pela perspectiva Queer irá ser um elemento fundamental para pensar sobre o que foi ressaltado nas páginas que antecederam essa reflexão – sobre as experiências, práticas, concepções e discurso dos sujeitos, influenciarem as suas dinâmicas ritualísticas – Voltando para a primeira celebração do Sagrado Queer do Clã Ixanaki, nesse ritual que mesclava o Sabbath de Mabon com o Sagrado Queer, foi o momento ápice que viria anunciar de vez as nossas mudanças no que concerne a forma de conceber um ritual.

A bruxa e sacerdote celebrante e facilitador do ritual, Gaael Geburah, ao se relacionar performaticamente com a sua identificação de gênero, *gender-fluid*, mediou esse ritual de forma mais íntima, intensa e totalmente à vontade em tudo que se propôs a fazer. A magia, a autorreflexão e a comunhão coletiva engendrada pelo ritual, mobilizaram a artisticidade e a fluidez das ideias. O ritual dessa noite foi marcante para todos os membros do grupo, pois isso era perceptível em suas falas, reações emocionais e estado de presença.

Uma cabana foi montada para o ritual no quintal da casa da pessoa que iria acontecer a celebração, que é conhecido como *Bosque Mágico*. O que já promoveu uma diferença potencializadora e propicia para acessar o *self* de cada membro. Chega à noite e com ela a luz do luar. Entre conversas e descontração no processo de pré-ritual

esquecíamos aos poucos a nossa casa, os nossos problemas e correria do cotidiano. O quintal acolhedor da casa da bruxa que aconteceu o rito era convidativo e curativo, nesse quintal têm árvores como mangueira, bananeira, plantas desde capim santo até as famosas vincas. Um pedido foi feito pelo celebrante do rito, que todos pudessem se “caracterizar” com elementos do seu sexo oposto. Esse pedido não foi muito bem atendido e a causa desse não atendimento se dá principalmente pelo que já foi mencionado anteriormente sobre a *heterossexualidade compulsória* (BUTLER, 2003) Diferente de mim e da bruxa sacerdote celebrante e facilitador do ritual, que nos consideramos pessoas Queer e sempre performamos isso nas nossas ritualidades, em nossos corpos, nas nossas ações, em nossas roupas e em nossa magia. Os outros membros do grupo ou não se interessam pela perspectiva queer ou não sabem o que isso significa. Um desafio se lança, fazer com que essas pessoas aprendam a entender e compreender a importância da perspectiva Queer, pois, é aí que reside boa parte do nosso poder pessoal. Nesse dia eu queria muito ter ido de vestido para o ritual, mas infelizmente não consegui encontrar o vestido que queria usar.



Foto 08: Celebração do Sagrado Queer 2020
Fonte: Arquivo pessoal do grupo – Evan e Gael Geburah

Nesse mesmo ano, para ser mais exato no mês seguinte, fui o facilitador do Sabbath de Samhian, que é o ritual que eu mais me identifico e gosto de fazer por diversos motivos. Um desses motivos é pelo fato desse dia ser dedicado a reverenciar exclusivamente os nossos ancestrais, as pessoas que já fizeram a passagem e que foram morar no invisível. Samhian fala sobre a morte, sobre a vida e sobre toda essa dinâmica que envolve espíritos. Já facilitei muitos rituais de Samhain ao longo da minha caminhada e cada ritual teve sua devida importância e “eficácia” ritualística.

Nessa noite, inspirado a pensar e propor uma dinâmica ritualística que fosse organicamente interessante, tal como foi feito no ritual de Mabon, novamente veio o desejo de romper com os moldes e regras fixas que foram estabelecidas de como se deve realizar um ritual e assim foi feito. Nesse ritual, propus que reverenciássemos além dos nossos ancestrais de sangue, os ancestrais da terra, no caso, os espíritos locais no qual estávamos situados, um quintal com árvores, plantas, terra, insetos e animais que aparecem esporadicamente. Além do fato de ter realizado as outras ações, como as invocações e conjurações, de forma intuitiva e instintiva.

No dia que parei para escrever e pensar em como iria conduzir esse ritual acabei tendo vários insights e um deles com a Deusa que seria reverenciada na noite, a feiticeira Baba Yaga. E ao pesquisar os arquétipos que essa Deusa provocava acabei pensando no trabalho mágico que poderia ser feito no dia e esse trabalho teria que ser com o Elemento Água. A partir desse ano em diante, passei a manter uma profunda relação e contato com Baba Yaga. Essa Deusa que tanto me fascinou e cuja a magia e a forma de praticar sua bruxaria se parece tanto com o trabalho que sempre desenvolvi, o de estar em constante contato com as florestas. E um detalhe muito importante e que marcou essa noite foi o fato de ter chovido na hora do ritual o que corroborou bastante com a minha abordagem e proposta ritualística.

Para chegar no fundo do oceano tem muita, muita água pela frente... A medicina da água fala sobre diversas sabedorias ancestrais, sobre a gente mergulhar nas profundezas do nosso inconsciente e se conhecer por inteiro, trazendo à tona as nossas sombras, os nossos mistérios. Lembrando das nossas próprias humanidades, o que nos fortalece, mas também o que nos enfraquece. Buscando lembrar através da chuva de emoções e sentimentos que nos molda, nos afeta e nos movimenta enquanto seres cujo o corpo é também formado por água, que podemos e devemos ser mais maleáveis, que às vezes é bom transbordar. Que a cura e o alinhamento da alma pedem

preenchimento do cálice vazio, assim como a água preenche e nutre cada buraco que encontra pela frente. A água cura e purifica a alma. A água é viva! Movimenta e é movimentada. Foi o que pude sentir nessa noite mágica, especial e ancestral, pois os ancestrais da água, ou, os ancestrais-água, nos molharam com gotas sensíveis compostas de entrega, escuta, intuição, percepção, cuidado e muito amor instintivo.

Assim como o ritual do Gaael Geburah, essa celebração do Sabbath de Samhain também foi bastante “eficaz” e simbolicamente conectado com o *self profundo* de cada integrante. A partir dessas experiências cada vez mais buscávamos explorar essas noções intuitivas e orgânicas, que foi tomando corpo em nossos rituais acompanhado da reverência aos espíritos ancestrais, em específicos os seres elementais e locais do nosso espaço geográfico. Desse modo, fomos criando a nossa identidade mágica e ritualística tendo como base a criatividade, a autoexpressão e a reverência aos espíritos ancestrais.

Os nossos rituais de 2021 vieram para confirmar e explorar exatamente essas noções. Ao criar um ritual, há de se pensar, que estamos transformando nossas próprias vidas e a vida de outras pessoas. Em um exercício de autorreflexão o sentimento de empatia e de alteridade se faz presente e suscita provocações, o processo ritual é coletivo e o símbolo ritual é individual. Não obstante, como observa Cavalcanti (2020) “*As densas análises do simbolismo ritual reforçaram também a interconexão entre sujeito e coletividade (p. 17)*”. Por meio do ritual as pessoas refletem aspectos de suas próprias vidas e acessam imagens de suas próprias almas.

O ritual é processual, não linear e fluído, pelo menos os rituais do Ixanaki, por esse motivo que, após a escrita dos artigos e apresentações de trabalhos, os rituais que fui vivenciando tanto no Ixanaki quanto solitariamente foram cruciais para pensar essas reflexões e indagações que aqui foram destacados. Em um processo de autocomedimento nós nos empenhamos em expressar toda nossa afetividade acompanhada de potencialidades e intencionalidades. E ao afirmar nosso sexo, nosso gênero e nossa identidade mágica e ritualística abrimos os portais da criatividade e da autoexpressão que vão colorir as nossas vivências e existências.

Era Lua Negra, momento em que não há lua no céu. Começamos o ritual de Beltante de 2022 saudando e invocando os seres elementais e espíritos locais. *Bem-vindos seres da Terra, do Ar, do Fogo e da Água!* Oferendas foram oferecida com amor

e reverência. As tradicionais fitas que são amarradas no *Mastro de Beltane*, no nosso ritual foram amarradas na majestosa árvore que estava no centro do círculo. Uma dança pessoal foi solicitada pelo celebrante do ritual, corpos em regozijo. Logo lembrei dos processos criativos em arte. Ritual tem cheiro, sabor e olhos profundos. Comunhão entre à noite, a entrega, a confiança e a intimidade. Feitiço lançado e atado no tronco da árvore que abraçava e acolhia as várias corporalidades presentes. Agradecimentos devocionais. Um feliz e abençoado Beltane. Pós-ritual um banquete nos espera, é hora de comer e beber a comida da bruxa, Viviane Costa, amiga do Ixanaki, que ama cozinhar!



Foto 09: Celebração do Sabbath de Beltane 2022

Fonte: Arquivo pessoal do grupo

2.4 O ritual do Chá Cigano: Diálogos inter-religiosos na Ordem Mística Templo de Oríon

A Ordem Mística Templo de Oríon tem seis anos de existência, atuando e dinamizando suas práticas na cidade. O grupo tem hoje mais de 40 membros divididos entre neófitos, dedicantes e sacerdotes, que são os graus que o membro é incentivado a galgar durante seu treinamento mágico e sacerdotal. Dentro do grupo mãe, a Ordem Mística Templo de Oríon, existem quatro subgrupos denominados de Covens – Coven *Wyverns de Ethnes*; Coven *Azi Dahaka*; Coven *Tsara Da Chuvani* e Coven *Filhos de*

Arcádia - fica por conta de cada coven realizar seus respectivos rituais, bem como as aulas e demais atividades que concerne ao subgrupo. É por meio dos rituais de Sabbath que todos os Covens do grupo mãe se reúnem e se encontram para celebrarem juntos as mudanças de estações e seus picos, bem como alguns outros rituais que são realizados pelo Coven Wyverns de Ethnes que geralmente são abertos para os outros membros da Ordem Mística Templo de Oríon, que é o *ritual de Lúcifer*, o *ritual para Lilith* e também o *ritual do Chá Cigano*.

Na Ordem Mística Templo de Oríon se tem também um grupo de estudos voltados para a perspectiva das religiões de matriz africana que se chama *Círculo de Estudos Afros*. Esse grupo de estudos é apenas para fins de reflexão, debate e discussão, tendo em vista que muitos membros dos covens da Ordem, além de serem bruxos e Pagãos, também são iniciados em religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda e também no Culto de Ifá, dessa forma, por meio desse círculo de estudos se torna possível agregar outros membros que desejam conhecer e aprender um pouco sobre as religiões de matriz africana. e assim manter esse diálogo e intercambiamento de conhecimentos dos próprios sujeitos e adeptos desses movimentos. Esse processo é uma forma de “difundir” os estudos relacionados a essas vertentes religiosas que faz parte do repertório de alguns membros, pois, um fato muito relevante que irá acontecer em Manaus, é a migração de pessoas adeptas das religiões afro-brasileiras para a bruxaria e vice-versa.

O Chá Cigano é um ritual oferecido pela Ordem Mística Templo de Oríon há quatro anos, ritual esse que já virou tradição do grupo. Um dos membros, líder do coven Tsara Da Chuvani, da Ordem é o médium principal do desenvolvimento desse ritual, pois foi por meio de uma das entidades que ele incorpora, a *Dona Sete Saias*, que o Chá Cigano se firmou. Em um processo de troca e de “pacto” entre um dos membros da Ordem e essa entidade que o Chá Cigano se firmou e todos os anos acontece esse ritual. Nessa noite, todos os membros da Ordem Mística Templo de Oríon são convidados, bem como a comunidade externa. Os integrantes que têm passagem pelas religiões afro-brasileiras e fizeram seu desenvolvimento mediúnico e incorporam espíritos, nessa noite, recebem suas entidades, no processo de incorporação, para que participem da celebração. Um banquete é servido, assim como bebidas diversas, os espíritos presentes interagem com as pessoas e todo um processo de relaçãose *comunitas* (TURNER, 2013) é estabelecido nessa dinâmica.



Foto 10: Chá Cigano de 2021
Fonte: Arquivo do grupo



Foto 11: Comidas do Ritual do Chá Cigano de 2021
Fonte: Arquivo do grupo

Na metade da noite acontece então o ritual do Chá Cigano propriamente dito, pois é nesse momento que todos são convidados a tomar o Chá que foi abençoado pelos espíritos presentes, cada participante vai até a entidade e essa oferece um pouco do Chá e também um alimento desejando uma vida próspera para cada um, e ao ingerir a bebida o participante precisa visualizar o seu sucesso e sua tão almejada prosperidade, seja ela financeira, na saúde ou em qualquer âmbito de sua vida. Após o ritual a festa

continua. O ritual do Chá Cigano não é uma festa tradicional de terreiro, nem se configura como uma “gira”, mas uma festa para celebrar a presença desses espíritos que mantem uma relação de amabilidade mútua com os integrantes que fazem parte de ambos os universos, a bruxaria e as religiões de matriz africana. Pois, se tem uma coisa que faz parte da vida de qualquer bruxa, é a relação de reciprocidade, de afeto e proximidade com espíritos.

Esse diálogo inter-religioso promovido pelo Chá Cigano demonstra uma possibilidade de outras e novas atuações das próprias religiões no que concerne a prática de seus adeptos, bem como a forma como se veem mutuamente. Em um exercício de uma comunicação dialógica de distintas vertentes e perspectivas religiosas se torna possível tecer pontes e pensar na produção de ações e discursos não-violentos, pautados no respeito, no reconhecimento e acolhimento de práticas outras que solicitam a reconfiguração do nosso olhar. Como afirma Teixeira (2003, p. 23) a “conversação” inter-religiosa é uma realidade não só possível como fundamental no momento presente. O autor escreveu esse texto em 2003 e ainda hoje, dezoito anos depois, em meio a tanto retrocessos de discursos e práticas de ódio, essa conversação inter-religiosa se torna urgente e realça práticas sociais que surgem como um horizonte possível para tecer essas interlocuções.

O diálogo favorece um novo aprendizado. Na medida em que é vivido em profundidade, os interlocutores saem enriquecidos pela aquisição dos valores positivos que animam as tradições em questão. É a própria fé dinamizada e mesmo purificada. (TEIXEIRA, 2003, p. 32). Nessa esteira do autor, o ritual do Chá Cigano se torna assim resultado desse diálogo inter-religioso onde as pessoas envolvidas mesmo pertencendo a tradições religiosas distintas se comunicam e se relacionam com a mais sincera e profunda amabilidade. O *espírito dialogal* desse ritual reitera a dinâmica da cooperação e colaboração, da escuta do outro, da sensibilidade espiritual e da aprendizagem dos processos que moldam as identidades dessas tradições e suas religiosidades. Como destaca Teixeira (2003, p. 29) “O diálogo deve ser pontuado pela ‘hermenêutica da diferença’ e não pela ‘lógica da assimilação’”. É justamente a diferença que deve ser a ponte e o marcador para o diálogo das diferentes perspectivas de atuações religiosas.

Pensando nesse sentido, outro ponto que também merece atenção é a marginalização ao qual tanto a bruxaria quanto as religiões de matriz africanas sofrem

pelo senso comum, que atrelam as práticas e concepções dessas vertentes a meros estereótipos e reproduções pejorativas, desse modo, ambos os universos aqui destacados por meio do constante esforço, trabalho e resistência seguem vivos e atuantes produzindo cultura, arte e agenciamentos políticos.

Religião e magia não são duas coisas distintas, com se tentou no debate antropológico durante muito tempo fazer essa separação, elas estão interligadas e conectadas. Tanto a bruxa (neo)Pagã dos grupos que pesquisei, quanto as religiões afro-brasileiras fazem magia, inclusive, é a prática da magia e do feitiço, como constato em nossa pesquisa, que suscita o entendimento e a conclusão por parte das bruxas e bruxos em associar o fenômeno da bruxaria a outras vertentes religiosas. Portanto, essas constatações abrem para o debate e a reflexão crítica, cujo o terreno tem se mostrado como um campo fértil para investigações analíticas, tendo as pluralidades como eixos centrais.

3. NO CALDEIRÃO DA MAGIA AMAZÔNICA: Corporalidades e inter-relações espirituais na cidade de Manaus

Este capítulo tem o mesmo nome da última edição do EPA - Encontro Pagão Amazônico “No Caldeirão da Magia Amazônica” que foi organizado para acontecer no final de dezembro de 2022, mas por questões de logística, teve que ser adiado para acontecer no final de janeiro de 2023. Essa edição foi dividida em seis diferentes temas, que tem relação com as vivências e abordagens dos próprios palestrantes.

Na primeira palestra que tem como tema “*Tüoñase: A prática do Bahsese no Bahserikowí*” teremos a presença da Carla Wisu, que é Desana do Alto Rio Negro e do Ivan Barreto, que é Tukano do Alto Rio Negro, como expositores do tema, ambos atuam no Centro de Medicina Indígena da cidade de Manaus.

Na segunda palestra que tem como tema “Xamanismo: Conexões entre os corpos desse mundo e outros mundos” teremos a presença do Me. Jaime Diakara, que é doutorando em Antropologia Social (PPGAS/UFAM) e palestrante sobre Cosmopolítica Desana, como expositor do tema.

Na terceira palestra que tem como tema “Tabihuni: Ventos em peles xamânicas” teremos a presença do Dr. Luiz Davi Vieira, que é Professor do Curso de Teatro (UEA) e do PPGICH/UEA, Antropólogo-Artista e Coordenador do Instituto de Pesquisa Tabihuni, como expositor do tema.

Na quarta palestra que tem como tema “Nós somos a Amazônia: Resgate e ancestralidade por meio da alma da floresta” teremos a presença de Sísi Rolim, que é uma Bruxa, Artista e Sacerdote da Tradição Trina Essência (TTE), como expositor do tema.

Na quinta palestra que tem como tema “Entre batuques e feitiços: Experiências de uma Preta, Bruxa e Macumbeira” teremos a presença da Paola Rodrigues que é Umbadista, Mestranda em História Social (PPGH/UFAM), Umbandista e Coordenadora Estadual do Movimento Negro Unificado, como expositora do tema.

E na sexta e última palestra que tem como tema “No meio do maior rio do mundo: A identidade mágica e ritualística da Tradição Trina Essência (TTE) ” teremos a presença da Beth Ghuimel, que é uma Bruxa, Pagã e Matriarca da Tradição Trina Essência (TTE), como expositora do tema.

Por meio desses seis eixos abordados, podemos identificar diferentes corporalidades e perspectivas espirituais existentes na cidade de Manaus, isso sem

mencionar as religiões ayahuasqueiras e cerimônias de xamanismo que também acontecem em Manaus. Essa cidade, que é um caldeirão fértil de práticas e corpos que lidam com as imaterialidades, me faz olhar para a bruxaria, não como algo fixo e imutável, mas como um conjunto variado de práticas e recursos, que estão em constante movimentação, tanto pelas experiências ou repertório mágico e ritualístico dos próprios praticantes, quanto pelas influências que essa pluralidade de espiritualidades existentes em Manaus, exercem na bruxaria da cidade. Por esse motivo que utilizo o termo bruxarias para me referir a esse movimento díspar que existe na cidade de Manaus.

Essa edição do Encontro Pagão Amazônico (EPA) envolve temas que daria para estender o diálogo com várias pessoas, de vários lugares e de várias correntes espirituais, mágicas e/ou religiosas. As pessoas que foram convidadas, são pessoas com quem temos uma relação de afeto ou que de alguma maneira fazem parte da nossa rede de parcerias entre Tabihuni e *Baserikowi*, EPA e Tabihuni. A maior parte desses convidados são pessoas Amazônidas, situados em um contexto geográfico e cultural muito específico, cuja a terra e os corpos são influenciados, a todo instante, pelos espíritos locais. É por meio dessa magia amazônica que essas pessoas buscam exercer suas identidades e explorar suas singularidades, seja em contexto indígena, seja no contexto do Paganismo Contemporâneo, ou em religiões afro-brasileiras. Proponho a reflexão sobre esses diálogos e inter-relações espirituais a partir do meu olhar como bruxo. É por esse motivo que as temáticas abordadas nesse evento, de certa forma, são uma extensão desse terceiro capítulo.

“No caldeirão da magia amazônica” é em homenagem a um texto de uma bruxa Amazônida chamada Suely Cals. Nesse livro a autora traz várias receitas com registros de práticas médicas e mágicas de rezadeiras, benzedadeiras, erveiros e curandeiros que por meio da biodiversidade da Amazônia manejam e manipulam ingredientes mágicos com os mais variados fins. Conheci essa autora por meio de uma conversa com Rafael Nolêto que participou do Webinário que realizamos em 2021. Em uma conversa que durou horas via Whatsapp, Rafael me falava sobre o fato de sua mãe ser de Manaus e sua avó de um interior do Amazonas e o quanto ele ficava feliz com a existência de um movimento (neo)Pagão na cidade e o quanto a Amazônia em toda a sua pluralidade e diversidade cultural o inspirava e o influenciava em suas concepções sobre Paganismos e bruxaria e em suas práticas mágicas e ritualística. Rafael também me contou o quanto foi trabalhoso criar e manter a Vila Pagã que ele mesmo fundou no Estado do Piauí e que inclusive, logo no início, Suely Cals, foi visitar. Em seu livro *Caminhos Piagas:*

Magia e Ancestralidade no Nordeste Brasileiro ele fala sobre a importância de resgatar essa herança espiritual advinda dos próprios espíritos e da magia ancestral do Piauí.

Após essa longa conversa e trocas generosas que tive com o Rafael Nolêto, refleti quanto o Norte e o Nordeste são ricos em manifestações e expressões mágicas e espirituais, mas ainda assim, são tão invisibilizados quando se fala de Paganismo e Bruxaria no Brasil. Existe uma hegemonia centrada nos eixos Sul e Sudeste que vão dizer como e o que deve ser feito nos movimentos (neo) Pagãos, bem como, nas bruxarias existentes, essa hegemonia (neo) Pagã advinda dessas regiões do Brasil desconhecem, negligenciam e ignoram o movimento Pagão existente em Manaus e os próprios Pagãos e Bruxas Amazônidas. Outra questão ainda mais problemática, a nível nacional, é o desconhecimento e desinteresse por grande parte, não são todos, dos Pagãos brasileiros, e os grupos, em conhecer o contexto e realidade indígena, e quando há uma relação, geralmente se limita aos aspectos do xamanismo, como se as questões indígenas se restringissem única e exclusivamente a isso.

Ser um Bruxo do Amazonas, observar as paisagens aqui existentes, se conectar com as forças invisíveis, do dia e da noite, ouvir histórias e mais histórias que tocam no campo da magia, compreender as várias corporalidades que atravessam as nossas experiências cotidianas e extra cotidianas, reconhecer, nos interiores, do Amazonas o coração que movimenta e forma esse Estado, tem sido a reflexão mais prazerosa e talvez a mais importante, que consegui alcançar realizando esta pesquisa. Falar do Amazonas, é falar da minha identidade e do meu corpo Amazônida, um corpo, que como já mencionei, é afetado a todo instante. Conhecer e comungar com os espíritos dessa terra encantada é fundamental para nos ajudar a pensar e agir, não só com a mente, mas também com o corpo, sobre os acordos que precisam ser feitos. As cosmologias e os conhecimentos indígenas, sobretudo, do Alto Rio Negro (AZEVEDO, 2018); (BARRETO, 2018;2021);(FERNANDES, 2022); (MAIA, 2018); (REZENDE, 2021) chamam a nossa atenção para isso, e nos auxiliam, a roçar a mata colonial instaurada e impregnada em nossos corpos e mentes.

O que vai diferenciar o papel do bruxo aqui é o reconhecimento ético, a reverência silenciosa e a relação recíproca que iremos manter com os seres invisíveis, nesse sentido, o trabalho artesanal e de consciência coletiva que desenvolvemos na bruxaria, também surge como um horizonte possível para pensar estratégias e ações na busca dessa identidade de um corpo que está sempre em *f(r)icção*. Bezerra (2019) propõe a tese de que o elo fundado e aglutinador do Paganismo Contemporâneo no

Brasil é a magia, e não apenas e unicamente a natureza, desse modo, ao traçar o desenho desse capítulo, pelos agenciamentos do escuro da floresta, pela magia da encruzilhada e pelas cosmologias e conhecimentos indígenas, em específico dos *Yepamahsã*. Como será visto nos subcapítulos, o fenômeno da feitiçaria emerge silenciosamente pelas frestas dessas reflexões.

Ao conversar com uma bruxa, de um dos grupos que fizeram parte desta pesquisa, sobre a prática do *bahsese* e todo o conhecimento mágico que é agenciado e dinamizado no *Bahserikowi* – Centro de Medicina Indígena de Manaus, ela comentou “*Ué, mas isso é bruxaria também, é magia!*”. Durante a minha passagem pelo *Bahserikowi* as coisas foram se apresentando e me convocando a estar atento aos *insights*.

Importante ressaltar que este terceiro capítulo é resultado das reflexões e conclusões aos quais cheguei com as experiências imateriais que foram me moldando e afetando os percursos desta investigação, que perpassa pelos aprendizados adquiridos com o *povo da rua*, Exus e Pombagiras, pelo Centro de Medicina Indígena, e pelos agenciamentos do escuro da floresta. As inter-relações espirituais proposta aqui, além de proporem uma reflexão sobre a pluralidade de práticas mágicas, ritualísticas e imateriais exercidas em Manaus, também, se apoiam nas cosmologias, sobretudo indígenas, e nos conhecimentos que são engendrados por meio da feitiçaria que nos ajuda a ver o mundo e as pessoas com outros olhos, os olhos negros da escuridão.

3.1. Quem tem medo do escuro da floresta: Por uma epistemologia da escuridão

À noite, domínio de Siõpuri Weku, conhecedor dos perigos e mistérios noturnos, detentor das forças que dão origem e equilíbrio ao cosmos. Siõpuri Weku é oriundo do poente, do Alto Rio Negro, de gente guiada pelo kahpi e pelo bahsese, habilidades ancoradas no domíniodos segredos das forças invisíveis. Siõperu Weku é ainda o habitante das casas de ouro das serras do Norte, o detentor da arte plumária, das peças de cerâmica, dono do arco e flecha. Ele é o ancestral e a fonte dos conhecimentos indígenas. É preferencialmente durante à noite que os especialistas tukano fazem suas viagens de comunicação e aprendizado com os waimahsã. Ser “dono da noite” significa, enfim, ter o poder de comunicação com os waimahsã, uma prática executada especialmente durante o efeito do kahpi, da viagem oníricaou da arte do bahsese, habilidades indígenas por excelência. ” (Omerõ – Constituição e circulação de Conhecimentos Yepamahsã [tukano])

Quem tem medo do escuro da floresta é o nome de um vídeo-performance que realizei em 2021. Essa performance versa sobre o recorte de uma experiência ritualística minha, vivenciada em 2019 e que atualmente compõe o meu repertório de práticas Pagãs e feitiçarias. Nessa performance, busco revisitar o momento e o

sentimento da primeira vez em que fiquei sozinho, à noite, em uma floresta na cidade de Manaus. Entre a autorreflexão, a contemplação e o regozijo, o meu corpo e o meu espírito foram profundamente afetados por essa experiência.

Em um exercício de fazer imersões nas florestas, pela parte do dia, que sempre fez parte das minhas práticas mágicas e ritualísticas. Em meados de 2019 fui realizar essa prática, como de costume, para conversar com os *donos dos lugares* (BARRETO, 2018) e comungar com alma daquele lugar. Esse espaço fica situado próximo da minha casa e é conhecido pelos moradores locais como “O Monte”. No monte existem várias trilhas, e lugares outros, habitados por variados tipos de árvores, plantas e seres mais que humanos, é possível ver também, no local específico que chamam de “monte” parte da cidade, as luzes e a movimentação urbana, um contraste bastante interessante que me fez refletir sobre a importância da inter-conexão entre os mundos e o quanto a bruxaria fala sobre estar atendo e alinhado ao aspecto material e imaterial da vida. Fiquei durante algumas horas em um aparte do monte, até o momento que percebi que já estava escurecendo, mas continuei ali, comungando com aquele espaço sagrado.

Nunca tinha ficado até à noite naquele lugar, aquela seria a primeira vez. Conforme ia escurecendo mais apreensivo eu fui ficando. No início, sentir um pouco de medo, pois, parecia que a qualquer momento algo ou alguém iria aparecer, os pássaros e animas noturnos que dinamizam aquele espaço, deixavam tudo mais amedrontador, por assim dizer. Até que chegou a escuridão por completo da noite e fui seduzido pela inspiração noturna, a ficar e comungar, a ouvir a música dos bichos, o silêncio da lua, a dança das folhas e o conselho das árvores. E enquanto estava ali, sozinho, no escuro da floresta, eu verdadeiramente me conheci. Aquele medo e o não reconhecimento daquela floresta escura, era também o medo e o não reconhecimento de mim mesmo.

Na bruxaria a cura se dá por meio da escuridão

Ao adentrar em uma floresta escura, o primeiro sentimento é o do medo, em parte, quem agencia esse medo são os próprios espíritos do local, que se sentem invadidos e desrespeitados, e em outra parte, pela própria natureza humana que nos alerta sobre os perigos que aquela aventura pode ocasionar. Por isso, os acordos, com os espíritos locais precisam ser feitos, de forma ética e compromissada, as *vozes*

Vegetais (OLIVEIRA, 2021) que compõe as trilhas, precisam ser ouvidas e as oferendas partilhas, com amor e respeito.



Figura 12 – Imersão na Floresta (Manaus/AM)

Fonte: Arquivo pessoal do autor

O medo aqui, de modo algum deve ser negligenciado, ao contrário, deve ser exposto e experimentado, trazido à luz da escuridão, bem como os impulsos, sentimentos, desejos e emoções que a mente consciente entendeu que não são adaptáveis ao meio. O trabalho com as sombras ao qual fui submetido por meio desse exercício de imersões no escuro da floresta, solicitou de mim, um outro olhar sobre os aspectos “negativos”, destrutivos, as fraquezas, traumas, frustrações e inclusive, o quão “maus” podemos ser. Como destaca Starhwak (1993) em sua obra *A dança Cósmica das Feiticeiras*, em específico, no capítulo em que ela fala sobre *A visão de mundo da feiticeira*: “As profundezas de nosso ser não são todas ensolaradas; para enxergarmos claramente é preciso que estejamos dispostos a dar um mergulho no abismo interior e escuro, e tomar conhecimento das criaturas que por ventura lá

encontraremos (p.35).”

Esses aspectos subjetivos, que nos deparamos em nosso trabalho de contato com as nossas sombras, não podem e não devem ser destruídos ou negligenciados, como o conhecimento ocidental promulga. Ao contrário, são aspectos que falam de nossas próprias humanidades, pertencendo à totalidade do nosso ser, *são fortes entidades psíquicas* (STARHWAK, 1993, p.35). Querer bani-las, é banir, o que somos em essência.

Esse trabalho com as sombras, que na bruxaria somos convidados a fazer, envolve disciplina e responsabilidade que é “preço da liberdade” do qual fala Starhwak. Responsabilidade com o que somos e com o que devemos nos alinhar, e disciplina para compreender pacientemente cada etapa desse trabalho. Trabalhar com as sombras é reconhecer a escuridão como uma autêntica força criativa e curativa. E explorar suas potencialidades imaginativas, nos dar a oportunidade de criar o mundo que desejamos.

Percebi com essa prática constante de imersões no escuro da floresta, o quanto somos desconectados desses modos de ser e conhecer, próprios da escuridão. Além de proporcionar a conexão com os nossos mistérios mais profundos, a escuridão, nos ajuda a repensar o que já está imposto e dito como regra e também a rever o culto exacerbado a luz da consciência e aos modos de construção e produção do conhecimento científico. A escuridão tem me permitido, tecer análises mais acentuadas, observar os movimentos humanos e mais que humanos, com a devida atenção, vivenciar as dinâmicas da vida e da sociedade de forma mais atenta e alinhada aos pontos de fragilização e vulnerabilização humana. Durante algumas das minhas imersões, me perguntava: Teria a escuridão uma função cosmopolítica?

Reservo a resposta para esse questionamento em futuras pesquisas e/ou artigos que ainda pretendo escrever e publicar sobre essa abordagem epistemológica. Uma ressalva apenas para os apontamentos do ocultista Konstantinos (2003), que é um autor com quem nos debruçamos nos estudos do Clã Ixanaki, em que ele destaca que “A inspiração da noite pode lhe ensinar coisas sobre você mesmo e como deve interagir como mundo, sendo sempre fiel às suas metas [...] dê ouvidos à noite (p.29)”. Se alinhar a *tradição noturna* é entender que na bruxaria a cura se dá por meio da escuridão.

Compreendo essa experiência que vivi no escuro da floresta como um verdadeiro rito de passagem, pois, me transformou e tem me ajudado a enxergar a vida e o mundo pela ótica da escuridão. Bem como, possibilitou que eu me relacionasse de

forma mais íntima com outras espiritualidades e religiosidades, que lidam com esses aspectos da noite, da escuridão, sejam em suas práticas mágicas e feiticeiras ou em suas cosmologias. Depois dessa primeira experiência, passei a aderir e realizar imersões no escuro da floresta sempre que posso e preciso. Pois essa prática alimenta meu espírito e acalma meu coração. Fazendo eu me sentir interconectado com os problemas e as delícias que circundam o mundo que está em minha volta.

3.2. UKUSE - bahse merise – DIÁLOGOS – arte e bahsesé: Experiência e formação junto ao Centro de Medicina Indígena

Não se deve fazer muito barulho quando se pernoita na beira do rio ou de um lago. Ao contrário, deve-se manter silêncio, uma atitude calma, andar devagar e, em percursos específicos, não se pode olhar alguns paredões de terra ou de pedras. Antigamente se colocava por cima dessas pedras pedaços de beiju, de peixe e outros tipos de alimentos em sinal de respeito. Na Serra de Mucura, no Rio Tiquié, o sangue de *O'á* foi parar no patamar celeste e retornou à serra por meio da chuva. Quando se anda por aí, é necessário pedir a ele: “Meu avô, meu avô (avô é um sinal de respeito) estou passando em frente de sua serra/casa, não faça chover na minha andança para baixo do rio...” (Omerô – Constituição e circulação de Conhecimentos Yepamahsã [tukano])

Durante os anos de 2021 a 2022 fiz parte de projetos por meio da parceria entre o Diretório de Pesquisa Tabihuni (UEA/CNPq) e o *Baserikowi* – Centro de Medicina Indígena da Cidade de Manaus. Essa parceria entre Tabihuni e *Baserikowi* se perdura desde 2020, inicialmente, pelo projeto “Arte e *Bahsesé*: Um diálogo sensível em tempos de cura” com seis diferentes temas abordados na programação¹ e divididos entre os indígenas que atuam no *Baserikowi* e não-indígenas pesquisadores do Tabihuni. Com a intenção de dar continuidade a esse projeto do “Arte e *Bahsesé*” e a parceria com o *Baserikowi*, em 2021, a equipe do Tabihuni decide então realizar encontros semanais para conversar com os próprios indígenas que atuam no *Baserikowi*. Esses encontros foram de suma importância para nós, artistas-pesquisadores, pois, assim tivemos a oportunidade de ouvir, sentir e vivenciar os conhecimentos que compõem as corporalidades ameríndias.

O *Bahserikowi* – Centro de Medicina Indígena, está localizado em contexto urbano, no centro da cidade de Manaus, é um lugar especial de prática do *bahsesé*,

¹ Disponível no Canal do YouTube do Tabihuni: <https://www.youtube.com/watch?v=F-P9jjcFMRg>

“benzimento” – tradução para o português feita pelos próprios indígenas – onde estão em ação as concepções dos *Yepamahsã* (tukanos) de cuidado do corpo. O atendimento no *Bahserikowi* se dá por meio de um encontro que o paciente realiza com o *kumu* – especialista na prática do *bahsesé* – para estabelecer um primeiro contato e diagnóstico da possível doença que possa estar afligindo o paciente e assim o especialista saber qual o tipo de *bahsesé* que realizará. Esse atendimento pode acontecer esporadicamente ou em apenas em uma única sessão, vai depender do problema que pode estar afligindo o paciente.

Além do atendimento de *bahsesé*, o Centro de Medicina Indígena dispõe de uma pequena feira de produção de artesanato, objetos da cultura *Yepamahsã* e produtos medicinais, como óleos, perfumes, ervas que são produzidos pelos próprios indígenas que lá atuam ou por outros povos que mantêm relação com o *Bahserikowi*. Logo na entrada, estão expostos o calendário das constelações do povo *Yepamahsã* e uma faixa de tecido com grafismos, buscando destacar um pouco da arte indígena e de suas identificações internas. Os coordenadores estão sempre presentes e fazem questão de compartilhar o conhecimento com os visitantes, seja sobre a explicação da prática do *bahsesé*, sobre a produção do artesanato, dos objetos e produtos disponíveis ou sobre os significados dos grafismos expostos e o calendário das constelações.

Por meio da constituição e a circulação dos conhecimentos *Yepamahsã*, que são os mais utilizados no Centro de Medicina Indígena, quando se trata das explicações sobre a perspectiva cosmológica desse povo, é possível notar que as teorias e as práticas indígenas se expressam de modo coeso e articulado, se mostrando como um campo bastante amplo e complexo. Dessa forma, o triângulo conceitual *kihti-bahsese - bahsamori*, que formam o conjunto das teorias *Yepamahsã*, esboçam os princípios de uma epistemologia tukano, onde cada ponta desse triângulo se decompõe ou se ramifica numa infinidade de conexões e inter-relações. Além dessa tríade, também existe o conceito e sentido de *ukûse*, que aparece como um quarto elemento, que sustenta e conecta todo esse triângulo conceitual.

O conceito de *kihti*, quando referido isoladamente, pode concernir tanto à explanação de um acontecimento histórico quanto a uma fofoca, por assim dizer, porém, quando *kihti* vem acompanhado de *ukûse* (*kihti-ukûse*) significa então, que se está tratando de uma narrativa mítica, da origem dos seres mais que humanos, das experiências e práticas. Já o *bahsese* é um conjunto de palavras de poder que agenciam os campos da proteção, da cura e da destruição, bem como, proporciona uma

comunicação direta com os *whaimasã*. Por fim, *bahsamori* refere-se às principais atividades, festas e rituais, realizadas de acordo com as constelações e estações, pelas quais, os *Yepamasã* orientam-se no seu cotidiano. São nessas atividades, festas e rituais, que são utilizados instrumentos, utensílios, bebidas e também são realizadas músicas e danças para as comemorações.

Bahserikowi tem um significado muito profundo para os *Yepamahsã*, está relacionado à morada de seres mais que humanos como *Buhpo*, *Yepa oãku*, *Yepalio*, e de todos os outros seres que se incubiram da organização do cosmo. O triângulo conceitual *kihti-bahsese-bahsamori*, são a base para entender o conjunto das teorias tukano e o *bahserikowi* é o lugar onde esses conhecimentos são agenciados e dinamizados. Como observa Barreto (2021, p. 152) o *bahserikowi* é *um lugar de proteção e da promoção de harmonia, o lugar de inspiração de vida, lugar de cuidado das pessoas, de conexão cósmica, de relações e articulações cosmopolíticas*.

As primeiras conversas e diálogos, para pensar a nossa performance-ritual, se deram com o Dr. João Paulo Lima Barreto, que constantemente nos chamava atenção para os aspectos cosmológicos da circulação e constituição dos conhecimentos *Yepamahsã* (tukano). Desse modo, por meio de uma relação afetiva, *kōkamōu* (GONÇALVES, 2018) – juntos(as), percebemos então, que eram as conversas e diálogos com próprios indígenas que atuam e estão à frente do *Bahserikowi* os tukanos Dr. João Paulo Lima Barreto, Ivan Lima Barreto, os especialistas Anacleto Barreto e Ovidio Barreto; a desana Carla Wihsu e seu pai também desano e especialista Durvalino Kisibi, todos vindo da região do Alto Rio Negro, que nos ajudariam a caminhar com esse novo projeto.

Sendo assim, a cada novo encontro, sempre havia uma história de vida, que algum deles nos contava, seja sobre a cosmologia *Yepamahsã*; *Dessana*, ou sobre fatos e vivências do cotidiano, como o dia que Ivan Barreto nos contou sobre as qualidades de animais que alguns indígenas do Alto Rio Negro adquirem ou “invocam” em seus corpos na hora de jogar futebol. Foi por intermédio das constantes histórias narradas por essas pessoas e também pelas leituras e discussão coletiva sobre o triângulo conceitual *kihti-bahsese-bahsamori* através da obra *Omerō – Constituição e Circulação de Conhecimentos Yepamahsã (tukano)* que iniciamos a compreensão das cosmologias e conhecimentos, sobretudo, *Yepamahsã*. E assim também, fomos compondo o “roteiro” da nossa performance-ritual *UKUSE: bahse merise – Diálogos: arte e bahsesé*, com as narrativas e histórias da Carla Wisu, do Ivan Barreto, do

Anacleto Barreto e do Durvalino Barreto; os relatos dos artistas-pesquisadores do Tabihuni com a prática do *bahsese* e outras medicinas tradicionais; bem como, os relatos da Carla, do Ivan, do seu Anacleto e do seu Durvalino a respeito do *bahsese*. Para a Carla Wisu, o *bahsese* é uma prática de benzimento de “*um corpo que cuida de outro corpo*”.

Durante os encontros, tínhamos a constante preocupação para não “teatralizar” esses conhecimentos, ou seja, ninguém iria interpretar ou representar um especialista indígena, por exemplo, para não correr o risco de reproduzir uma *pornografia etnográfica* (GONÇALVES, 2021, p. 14 apud PAVIS, 2010, p. 144), ao contrário, o desejo era que nós, enquanto artistas, pudéssemos nos entregarmos *ao desconhecido e/ou relacionar os conhecimentos e visões cosmológicas dos diferentes mundos – do eu e do outro* (GONÇALVES, 2021, p. 13), em um processo de retroalimentação.

Ainda nesses encontros, realizamos alguns experimentos na tentativa de “traduzir” cada parte desse triângulo conceitual *kihti-bahsese-bahsamori* que constitui o conjunto das teorias tukano e que de alguma maneira, também, ajudaram a pensar na composição desse roteiro. Esses experimentos e discussão das composições das partituras que foram criadas, eram sempre vistos com muito cuidado, por toda a equipe, para não reproduzir estereótipos e assim conseguir costurar a composição de cada parte da performance-ritual *UKUSE - bahse merise – DIÁLOGOS – arte e bahsesé*.

Alguns desses experimentos foram descartados e outros aproveitados, como o momento do *Dabucuri de frutas* e o momento do *Cuidado com o corpo*. No *dabucuri defrutadas* trouxemos alimentos da região para colocar na roda e ouvir as histórias que tanto Ivan quanto a Carla tinham para contar, sobre essa festa e ritual milenar que é celebrada pelos povos que habitam a região do Alto Rio Negro, nesse processo de comensalidade, cada vez mais íamos ficando próximos uns dos outros. No *cuidado com corpo*, propomos que pudéssemos cuidar do corpo uns dos outros, em que, um de cada vez, deitava e recebia massagens e energização em partes do corpo. Esses foram os dois experimentos especiais que vieram a compor, depois de adaptados ao contexto da proposta, a performance-ritual *UKUSE - bahse merise – DIÁLOGOS – arte e bahsesé*.

Outro momento especial que também foi aproveitado, embora, não fizesse parte dos experimentos realizados, foi a potência e a *poética da performance oral* (LANGDON, 2016) da Carla Wisu narrando as histórias e os ensinamentos que sua avó lhe contava e de como o *bahsese* sempre fez parte de sua vida. Langdon (2016) chama atenção justamente para o fato de que são as narrativas que transmitem conhecimento sobre o

mundo xamânico.

Nesse roteiro, todos os momentos ritualísticos são conduzidos pelos próprios indígenas, bem como a própria performance-ritual como um todo. Os artistas-pesquisadores do Tabihuni, também, têm suas passagens pela dinâmica ritualística, destaque, um momento em específico. Que é quando deitado no centro do círculo para receber o *bahsese* por algum dos especialistas, Durvalino Kissibi ou Anacleto Barreto. Dependendo da ocasião, da dinâmica e das pessoas presentes, nesse momento, eu convido alguém do público presente, para deitar no meu lugar e receber o *bahsesé*. Pois, para o público se sentir integrado e parte do corpo ritual, ele precisa ser inserido na performance.

Esse encontro intercultural do *Bahserikowi* e Tabihuni promoveu uma relação simétrica, ética e afetiva, entre indígenas e não indígenas. No início desse projeto e de nossa ida ao Centro de Medicina Indígena, tive dificuldade para compreender as histórias que compõem o calendário cosmológico. Após muitas repetições dos *kihti-ukūse* que eram narradas, inicialmente, pelo João Paulo e pelo Ivan Barreto; após a leitura coletiva que realizamos da obra *Omerõ – Constituição e Circulação dos Conhecimentos Yepamahsã (tukano)*; após os encontros semanais e as apresentações que realizamos, em que os *kihti-ukūse* eram constantemente acentuadas, agora, pelo Ivan Barreto, Anacleto Barreto e o seu Durvalino Kissibi. Só assim, consegui compreender de uma forma mais profunda, mesmo que introdutória, sobre as cosmologias *Yepamahsã* e sua importância para a construção de pessoa e noção de corpo desses povos.



Foto13: Aplicação do bahsesé pelo Kumu Durvalino Kissibi na performance-ritual UKUSE: bahse merise
Fonte: Arquivo do Diretório de Pesquisa Tabihuni (CNPq/UEA)

É a teoria de corpo do Barreto (2021) que irá fazer eu repensar a minha própria noção de corpo enquanto artista. Ouvir cada relato, cada história, cada narrativa, ouvir de novo e ouvir mais uma vez, aos poucos, as coisas foram virando corpo. Tendo em vista que minha relação sempre foi e sempre será com espíritos, um dado, que considero muito importante e que me ajudou na compreensão dessas corporalidades cosmológicas, foi saber dos conhecimentos que são agenciados pelos *Waimahsã* e de suas influências em nossas vidas. Esse exercício de compreensão de diferentes corporalidades, exige tempo, maturação, estudo, é o *processo ritual* (TURNER, 2013). Essa experiência de fazer parte desse trabalho junto ao Centro de Medicina Indígena tem sido, de fato, um processo de formação e de consciência da negação da identidade indígena que existe em Manaus.

Antes mesmo de iniciar o mestrado já me interessei pelos estudos e questões relacionados a perspectiva ameríndia. Em 2018 ao fazer a leitura do livro *A queda do céu – Palavras de um Xamã Yanomami* de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), a minha concepção sobre Paganismo e minha visão como Pagão irá ser profundamente afetada pelos escritos desse livro. A partir desse momento em diante começo a refletir sobre a influência do pensamento ameríndio em sendas Pagãs. Passar por esse processo formativo junto ao Centro de Medicina Indígena tem sido muito importante para repensar o meu papel como Artista, Bruxo, Pagão e Pesquisador.

Ressalto ainda, o dia que trouxe para a roda, em uma conversa sobre o tripé do *Bahsesé*, com a equipe Tabihuni e *Baserikowi*, a perspectiva do *Dohase* (feitiçaria) que causou uma leve agitação e inquietação nas pessoas presentes, fomentando inclusive a abertura para que os indígenas presentes comentassem experiências e reflexões sobre essa abordagem. Em conversas isoladas que tive com alguns colegas indígenas que atuam no *Baserikowi*, ouvi relatos que me deixaram ainda mais curioso sobre a presença da feitiçaria no Alto Rio Negro, como a fala de um desses colegas indígenas “O *dohase na verdade é o bahsese invertido*”. Ou quando a outra colega indígena comentou comigo “*Até hoje não sei se meu avô fez dohase contra o meu ex marido, porque ele disse que ia fazer, eu falei para ele não fazer, meu ex marido vive uma vida desgraçada e me culpa por isso até hoje*”. Por não ter tido tempo e nem esse ter sido o objetivo do projeto que realizamos junto ao Centro de Medicina Indígena, tive poucas conversas com esses colegas, mas dessas poucas conversas que tive, foram fundamentais para que o desejo de fazer uma pesquisa futura no Alto Rio Negro sobre esse fenômeno da feitiçaria se fortificasse, além do desejo de pesquisar no Amazonas para amadurecer as reflexões aqui engendradas, sigo atento aos insights.

Cursar a disciplina² Intelectuais Indígenas do Alto Rio Negro no Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM) me ajudou, também, a compreender de forma mais situada sobre a produção dos conhecimentos indígenas que estão sendo pensados pelos próprios indígenas. Foi nesse curso que tive a oportunidade de estudar com mais afinco sobre o triângulo conceitual *kihti/ukūse -bahsese –bahsamori*, principalmente sobre o tripé do *kihti-ukūse*. Esse estudo mais minucioso, que realizamos na disciplina, sobre os mitos que compõe as cosmologias e cosmogonias dos povos indígenas do Alto Rio Negro foi de suma importância para entender a dinâmica e o aspecto movente das narrativas míticas dos *Yepahmasã*. A constante insistência do professor em trazer para as aulas os nomes dos conceitos em língua indígena, enfatizando a identidade e noção de ancestralidade que essas línguas promulgam, fazendo com que nós, não-indígenas, nos familiarizasse com a escrita e língua indígena.

Essa disciplina me ajudou na reflexão de todo o processo ritual iniciado no projeto *UKUSE: bahse merise – Diálogos: arte e bahsesé* do Tabihuni e *Bahserikowi*. E essa reflexão se estende ao vínculo afetivo que estabelecemos com Carla Wisu, Ivan Barreto, João Paulo Barreto, Durvalino Kisibi e o Anacleto Barreto, ouvindo histórias e mais histórias de seus cotidianos, nessa relação simétrica de estar junto que observamos, criamos e nos afetamos por suas corporalidades rio negrinas. Esse estudo me ajudou a refletir sobre o contexto amazônico em que estamos inseridos, os espaços sagrados e as paisagens que formam e moldam a diversidade cultural do Amazonas e o quanto que os *Whaimasã* dinamizam e se fazem presentes nesses lugares. O quadro com as constelações que está na parede do *Bahserikowi* que é o calendário não apenas das estações amazônicas, mas o calendário que determina todo ritual cotidiano do mundo indígena. Para cada momento, um ser mais que humano assume o diálogo agenciando o tempo e espaço, como a estação da Jararaca, que segundo os especialistas, é necessário tomar os devidos cuidados e realizar o *bahsesé* de proteção, pois nessa época, coisas inesperadas podem ocorrer devido a constante circulação das serpentes que acontece nesse período.

Esse mesmo quadro, que no início parecia algo distante de mim e que eu não conseguia acessar e compreender de fato seus ensinamentos, agora, após o projeto *UKUSE: bahse merise – Diálogos: arte e bahsesé*, alinhado a disciplina Intelectuais

² Ministrada pelo professor Dr. Agenor Vasconcelos que é filósofo, antropólogo e músico.

Indígenas do Alto Rio Negro, se tornou mais claro, fazendo muito mais sentido e ressoando no meu corpo de uma outra maneira. Foi por meio dessa disciplina que percebi que estudar sobre os mundos indígenas, sobretudo, dos povos do Alto Rio Negro de forma coletiva e principalmente mediado por alguém que conheça de perto o contexto desse lugar, faz muita diferença e os resultados são bastante produtivos.

No decorrer dessa disciplina me deparei com o texto *Bahsamori – o tempo, as estações e as etiquetas sociais dos Yepahmasã (tukano)* do antropólogo indígena Gabriel Sodré Maia de 2018. No segundo capítulo, o autor apresenta as 17 constela es existentes, que são divididas em duas esta es, a primeira com 6 constela es maiores e a segunda com 11 constela es menores divididas em três grupos. A explica o sobre essas constela es e esta es, pelas quais, os *Yepahmasã* orientam-se no seu cotidiano   bastante vasta. O que gostaria de chamar a aten o aqui,   que, de acordo com essa concep o dos *Yepahmasã*. No Amazonas, temos outras dinâmicas das mudanças de esta es. Será que não seria mais interessante para, nós, Pagãos Amazônidas, pensarmos nossos ciclos de celebra es das mudanças das esta es com base nessa concep o dos *Yepahmasã*, bem como, de outros povos indígenas do Alto Rio Negro? A questão segue para influenciar e incentivar futuras pesquisas no que concerne ao Paganismo Contemporâneo, que tenham como base a perspectiva indígena.

Após a finaliza o da disciplina e do projeto *UKUSE: bahse merise – Diálogos: arte e bahsesé*, percebi que se faz necessário estudar cada tripé do triângulo conceitual *kihti/uk ise -bahsese –bahsamori* com acuidade e a devida aten o as sabedorias e ensinamentos que cada tripé desse concede. Esse exercício requer tempo e maturaq o, pois, nas aulas da disciplina Intelectuais Indígenas do Alto Rio Negro percebemos o quanto cada eixo desse tripé proporciona grandes jornadas de conhecimentos que exigiria um tempo maior de aulas, de conversas e discussões e somado a isso, na minha experiência junto ao Centro de Medicina Indígena, percebi que além desses conhecimentos serem estudados e refletidos também precisam ser vivenciados, em uma troca  tica e sensível com os povos que produzem e dinamizam esses conhecimentos.

Ter vivenciado esse projeto do Tabihuni e *Bahserikowi* alinhando com essa disciplina que cursei no segundo semestre de 2022 foi de suma importância para pensar no meu processo de forma o enquanto pesquisador amazônida. A nega o da identidade indígena existente na cidade de Manaus   fruto de um desconhecimento e da deslegitima o das práticas das medicinas indígenas. Desse modo, o *Bahserikowi*, além de ser uma casa de cura, pode funcionar também como elemento fundamental para

pensar os processos formativos que engendram mudanças e transformações nos modos de ser e de pensar a vida em toda a sua plenitude. Essa experiência é apenas o início de um processo de formação que pretendo desenvolver e trabalhar com mais calma, seja em projetos, cursos ou pesquisas cujo o cerne seja, com e sobre, os mundos indígenas.

Opero pela lógica do processo ritual e da magia, portanto, todo esse repertório de experiências apresentados neste tópico, viraram corpo, desde as histórias que nos eram narradas todas as tardes das sextas-feiras, até as ações agenciadas pelos *Whaimasã*. Os acordos precisam ser feitos e eles precisam serem ouvidos.

3.1.1. *Uma rosa na mão e um feitiço no olhar: Conhecimentos e aprendizados com o Povo da Rua no Centro de Umbanda Caboclo Ventania*

Em 2021 tive uma breve, mas fundamental, passagem por um terreiro de Umbanda da cidade de Manaus, o Centro de Umbanda Caboclo Ventania, localizado no bairro Cidade Nova na Zona Norte da capital amazonense. Fiz parte da corrente, como filho da casa, durante cinco meses, esse curto período de tempo foi o suficiente para que eu compreendesse, ou pelo menos tentei me esforçar para compreender, a magia da encruzilhada e a importância do *Axé* para que as coisas fluam como devem fluir. E durante esse percurso, aprendi com o Povo da Esquerda, os Exus e Pombagiras, que são grandes conhecedores e admiradores da arte da bruxaria e da feitiçaria, a enxergar a natureza humana em sua totalidade e plenitude, sem amarras ou máscaras, mas a verdadeira essência que é inerente a nossa qualidade de seres humanos. Foi com esse povo que aprendi também que a magia da noite é solitária e silenciosa e que exige de nós, uma nudez do espírito e um desejo pela vida como alguém que fez um feitiço pela primeira vez.

A primeira vez que tive conhecimento sobre quem era Exu e o que ele significava, foi quando tive um sonho, ainda era um neófito no grupo de bruxaria do qual fazia parte, em que uma senhora com um turbante na cabeça, vestida de branco, me dizia enfaticamente enquanto me segurava nos ombros e me olhava nos olhos “*Você é filho de Exu, você é filho de Exu!*”. Acordei com essa imagem e essa fala muito clara na mente e até hoje ainda lembro. Perguntei aos meus sacerdotes líderes quem era Exu e o que ele significava, mas não obtive a resposta. E ao pesquisar na internet vi que Exu fazia parte das religiões de matriz africana e que tinha algumas características específicas que por um momento, me afeiçoei bastante, mas logo deixei passar.

Ao adentrar para a bruxaria (neo) Pagã em Manaus, observava que constantemente aparecia alguém, que, ou fazia parte de algum terreiro de Umbanda ou Candomblé, ou teve passagem por algum, por conta da família, mãe, pai ou tia, que era Umbandista ou Candomblecista. Isso sempre me chamou muito atenção, pois, vinha de uma tradição cristã e nunca tive ninguém próximo a mim que frequentasse ou tivesse ligação com as religiões de matriz africana, exceto minha mãe, que com minha entrada na Umbanda passou a frequentar as festas junto comigo e me contou, só posteriormente, que sempre gostou de ir as festas de Centros de Umbanda, mas fazia muitos anos que não ia mais. Ficava curioso sobre as pessoas que vinham dessa tradição, com as casas de Umbanda e Candomblé, pois, na minha concepção, essas pessoas já tinham uma experiência com a magia em seus próprios corpos, mesmo que seja um tipo de magia muito específica. E além disso, imaginava que essas pessoas não teriam dificuldade para se encontrarem na forma como a bruxaria opera as coisas.

Após alguns anos, durante minha graduação em teatro, tive um encontro muito importante e especial com a mãe de um dos atores que faziam parte da nossa performance-ritual. Ela era uma médium, benzedeira e curandeira, bastante conhecida no bairro em que moravam em Manaus. Esse encontro com essa mulher, que usava sua casa como um verdadeiro santuário, cheio de altares e velas acesa com imagens de santos e entidades, foi de muitos *insights* e bastante revelador. Ao me ver e fazer uma leitura sobre mim, ela falou “*Ah, agora sei porque estava tendo aqueles sonhos*” e entre conversas e trocas sinceras, sem cerimonialismo, ela fala coisas sobre minha vida que só eu sabia e disse, no momento que comentei sobre uma ocasião específica de quando voltava para casa após mais um dia de ensaio e sou surpreendido com sons de atabaque que vinham de um terreiro próximo, som esse que me fez ficar parado por uns instante em frente a casa ouvindo e sentindo toda aquela magia que reverberou fortemente dentro de mim, que os espíritos das religiões de matriz africana já estavam me chamando e que cada vez ficaria mais forte. Aquela seria a primeira vez que adentrava um terreiro e que logo de cara já me trazia várias provocações e me deixava ainda mais curioso para saber como as coisas eram operadas na Umbanda, pois muitos dos aspectos ali se pareciam muito com a bruxaria, no sentido, de como a magia natural é dinamizada.

Saio da casa dessa mulher profundamente afetado por essa experiência mágica e sou convidado a voltar e fazer meu treinamento junto dela, e novamente, por imaturidade ou pelo destino, eu deixei a oportunidade passar. Após dois anos desse

acontecimento, participei da primeira Festa de Pombagira, no Centro de Umbanda que ficava bem próximo da minha casa, em homenagem a Cigana Yara. Essa festa foi a experiência mais linda e especial que já vivi em terreiro. Na metade da festa, a casa já estava cheia, tanto de entidades, exus e pombagiras, quanto de pessoas simpatizantes da religião, em meio ao som dos atabaques, aos pontos cantados pelas pessoas e entidades, entoados a uma só voz, os corpos dançantes no espaço que deixava todos bem próximos uns dos outros, cervejas eram servidas, a música continuava “*dóói, dói, dói, dói, dói, um amor faz sofrer, dois amor faz chorar...*” só tinha hora para começar, mas não tinha hora para terminar. Percebi nessa noite, que aquilo também era o Axé. A partir desse dia em diante passei a ser um frequentador assíduo de festas de Exus, Pombagiras, Caboclos e Orixás.

Para Simas e Rufino (2018, p. 13) “O solo do terreiro Brasil é assentamento, é o lugar onde está plantado o axé, chão que reverbera vida”. Esse pensamento vai de encontro com o que se pleiteia na bruxaria tradicional, onde se realiza a seguinte pergunta: “Se você quer saber o que significa bruxaria, olhe para a sua terra natal”. Dessa forma, muito inspirado por essa vertente da bruxaria, que vai ressaltar a importância de reverenciarmos os espíritos da nossa terra, resolvo entrar de corpo e alma para a Umbanda. Percebendo assim que a minha experiência com a bruxaria e o sacerdócio iram ser um complemento bastante útil nas vivências diárias e no treinamento dentro da Umbanda, cujo o conhecimento é adquirido, principalmente, na prática do dia-dia.

No início, entrei para a casa do Centro de Umbanda Caboclo Ventania com o intuito, único e exclusivamente, de desenvolver a minha mediunidade e reverenciar as entidades, mas logo percebo que no terreiro o *processo ritual* também é importante, os aprendizados e experiências relevantes podem acontecer em uma gira qualquer; na matança de bichos para as oferendas; nos aconselhamentos que tanto o povo da esquerda quanto o povo da direita podem vir a fazer; na obrigação de uma determinada oferenda que precisa ser arreada; na confecção de um *padê* para exu. Tudo isso e muito mais compõe o conjunto de experiências que vão moldando as corporalidades dos praticantes.

Quando cursei a disciplina de Antropologia da Religião no PPGAS/UFAM como aluno especial, li um texto que me marcou muito, durante minha passagem nessa disciplina, que foi o artigo *Magia e religião na umbanda* do Lísias Negrão de 1996. Em que o autor, ao fazer uma referência a Yvonne Maggie, em que esta fala sobre um

momento de um regime escravocrata na história do Brasil, que o medo que as pessoas tinham do feitiço caminhava junto com o medo que se tinha das pessoas negras. O racismo epistêmico vai fazer muitas pessoas se afastarem, tanto de quem segue alguma religião de matriz africana, quanto das próprias religiões em si. Esses princípios racistas e conservadores das heranças do colonialismo, deixaram profundas marcas em nossos corpos, subjetividades, produção de sentidos e nas escolhas que fazemos ou não fazemos, pois, esse é um fator determinante, que fará alguém seguir ou não essas religiões de matriz africana. Como observa Simas e Rufino (2018, p. 96) “É a partir daí que torna-se emergencial rodar as saias a fim de incorporar movimentos que credibilizem outros conhecimentos”.

Me aproximar da Umbanda me fez pensar em minha própria ancestralidade afro-ameríndia. Ao fazer o jogo de búzios com a mãe de santo, veio a confirmação, “*Ele é filhode Exu*”, logo lembrei do meu sonho e o quanto tudo aquilo fazia sentido, dessa vez não tive nenhuma dúvida, só tive certeza e muito orgulho de ter a honra de ser o filho do senhor dos caminhos e das encruzilhas, a boca que tudo come. Na primeira matança que participei para a festa da pombagira da casa, senti como se estivesse entrado em um estado de transe, toda aquela ritualística, os cantos para Exu, cada sangue recém derramado me causava um frenesi corporal, a noite parecia madrugada, as vozes pareciam uma só voz, cantando uma antiga mas familiar canção. Sentir nesse ritual, que eu realmente pertencia aquilo, que aquilo fazia parte de mim e formava quem eu sou.

Foi com a Pombagira Maria Farrapo, a dona da casa, e quem encontrei antes mesmo de conhecer em outras “coincidência” da vida que vi a personificação da bruxa em espírito. Aquela que reconhece o poder pessoal como força criativa, a que realiza pactos e acalenta o coração partido. A Maria Farrapo, nunca foi contra a minha inserção na bruxaria, muito pelo contrário, sempre foi favorável. Foi a Maria Farrapo que me ajudou a entender a feitiçaria como uma arma, contra o colonialismo racista e a moral conservadora. Foi com essa Pombagira que compreendi que espírito não é alma penada.

Assim como a minha experiência na bruxaria influenciou e corroborou com o meu curto treinamento na Umbanda, as experiências mágicas e ritualísticas vivenciadas na Umbanda também alimentaram e influenciaram minhas práticas na bruxaria, como por exemplo, a forma como as oferendas são realizadas e manejadas, com fartura e abundância. Existem bruxas (neo) Pagãs, Umbandistas e Candomblecistas que defendem que Bruxa é uma coisa e Pombagira é outra e que a magia que é manejada em terreiro é totalmente diferente da bruxaria. *Só que os giros da saia rodada nos*

indicam outras rotas (SIMAS, RUFINO, 2018, p. 96). O Povo da Esquerda é quem dirá, quem é a mulher na encruza que iremos encontrar.

Esses aprendizados adquiridos no cotidiano das vivências em terreiros, sobretudo com o Povo da Esquerda, são extensões de conhecimentos cosmopolíticos que engendram mudanças e suscitam reflexões sobre os sentidos e concepções de mundo. Frequentar terreiros e se permitir a estar aberto as experiências materiais e imateriais, comungar com espíritos de diferentes falanges e que agenciam diferentes forças, se permitir ser vulnerável e desobediente é um ato *contracolonial*, fazendo uso do conceito de Nêgo Bispo. É só deitando na esteira para meditar e equilibrar o *Ori*, macerar ervas para fazer banho de despacho e de atração, ouvir os conselhos sinceros da Pombagira que se se torna possível compreender, via corpo e espírito, a dimensão mágica e sociopolítica do *Axé*. São os Exus e as Pombagiras que nos conduzirão a um novo entendimento sobre a vida e sobre o mundo, por meio de suas bruxarias e feitiçarias que essas entidades nos apontam o caminho, que não é linear, é entrecruzado. A encruzilhada que nos leva a diversos caminhos. *Laroyê Exu!*

Considerações em processo

Nós, Bruxas e Pagãos, não existimos perante a sociedade. Nossa existência é invisibilizada e negligenciada, principalmente as bruxas e Pagãos do Norte. Realizar esta pesquisa me ajudou a entender as dinâmicas dos diálogos inter-religiosos e relações inter-respirituais existentes em Manaus, bem como, contribuiu com uma melhor compreensão sobre o universo e o significado da própria bruxaria, que se torna urgente o esclarecimento, o entendimento e o discernimento da autenticidade de uma abordagem espiritual, mágica e feiticeira altamente legítima.

Como visto no desenvolvimento desta pesquisa, a bruxaria é moldada de acordo com a experiência pessoal do praticante, adaptando-se aos mais diferentes contextos, discursos e práticas, tendo como elo fundador e aglutinador a magia. A bruxaria é um fenômeno que fala, sobretudo, de espiritualidade, de diálogo com o universo invisível e com as forças e seres que dinamizam as materialidades e imaterialidades dos mundos. Com o olhar acróstico da bruxa, é possível perceber em outras manifestações e expressões que lidam e acessam esse lugar do invisível, elementos que poderiam ser entendidos enquanto bruxaria, tendo em vista que esse fenômeno tem como característica principal o conhecimento sobre a espiritualidade com um todo. Conhecendo a bruxaria como ela de fato é, conseguimos dissipar a fumaça das bruxas queimadas vivas.

Se você perguntar a três bruxas diferentes o significado da bruxaria, você vai obter três diferentes respostas, pois, a bruxaria é um movimento díspar, e não se enquadra em definições fechadas e resolvidas, está em constante movimento e transformação. Dentro desse movimento díspar, encontra-se o contexto Amazônico, que é por si só, um caldeirão efervescente de bruxarias advindas das ancestralidades de nossa própria terra, afro-ameríndia. Existe uma bruxaria que é própria do Amazonas. É só mergulhar no rio, caminhar pelas florestas que formam e moldam esse lugar, habitado pelos mais diferentes espíritos fazem desses lugares as suas moradas, ouvir e sentir as agências das plantas, ervas, dos animais, pássaros e peixes aqui existentes e observar as corporalidades que reiteradamente se inter-relacionam com os seres e espaços mais que humanos. A floresta e o rio contam uma história, emitem um som, a linguagem que se comunica com o nosso espírito e o nosso coração. Fazer rituais alinhado com essa linguagem é ter consciência das relações inter-respirituais que são mediadas pela magia dessa terra. Se bruxaria é sobre espiritualidade, relação recíproca com espíritos e práticas mágicas, então a Amazônia indígena brasileira tem muito a nos ensinar sobre as bruxarias.

BIBLIOGRAFIA

BARRETO, João Paulo Lima. AZEVEDO, Dagoberto Lima. MAIA, Gabriel Sodré. SANTOS, Gilton Mendes. DIAS Jr. Carlos Machado. BELO, Ernesto. BARRETO, João Rivelino Rezende. FRANÇA, Lorena. *Omerô: Constituição e circulação dos conhecimentos Yepamahsã (Tukano)*. Editora da Universidade Federal do Amazonas. Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), Manaus: EDUA, 2018.

BARRETO, João Paulo Lima. *Wai-Mahsã: peixes e humanos – Um ensaio de Antropologia Indígena*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

BARRETO, João Paulo Lima. *Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo eo conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro*. 2021. 190 f. Tese(Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021.

BARCELOS NETO, Aristóteles. *De divinações xamânicas e acusações de feitiçaria: Imagens Wauja da agência letal*. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, 2006, p. 285-313.

BAUMAN, Richard. BRIGGS, Charles L. *Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social*. *Annual Review of Anthropology*, 19:59-88, de 1990.

BAUMAN, Richard. *Fundamentos da Performance*. *Revista Sociedade e Estado* Vol. 29 Nº 3 Setembro/Dezembro, 2014.

BEZERRA, Karina Oliveira. *Wicca no Brasil: Magia, Adesão e Permanência*. Fonte Editorial. São Paulo. 2017.

BEZERRA, Karina Oliveira. *O Paganismo Contemporâneo no Brasil: A magia da realidade*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Universidade Católica de Pernambuco. 2019.

BUCKLAND, Raymond. *O livro completo de bruxaria de Raymond Buckland*, São Paulo, 2019.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da idenntidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

- CALS, Suely. *O caldeirão da magia Amazônica*. Ed. Pallas, Rio de Janeiro, 2011.
- CASTELLANOS, Marcela Bohórquez. *Brujas contemporâneas: entre mundos y devenires espirituales*. Nómadas [online], Bogotá, Colombia, 2019.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Drama, ritual e performance – A antropologia de Victor Turner*. Ed. Mauad X, Rio de Janeiro 2020.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Ritual e Performance 4 estudos clássicos*. Ed. 7 Letras, Rio de Janeiro 2014.
- CUNNINGHAM, Scott. *A verdade sobre a bruxaria moderna*. Ed. Mauad. Rio de Janeiro, 2006.
- DAWSEY, Jhon C., MULLER, P. Regina, HIKIJI, Satiko G. Rose, MONTEIRO, F.M. Mariana. *Tranças. Antropologia e performance: Ensaios na pedra*. USP, São Paulo, 2013.
- DAWSEY, Jhon C. *O Teatro dos “Bóias-Frias”: repensando a antropologia da performance*. In: Revista Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: n. 24, p. 15-34, 2005.
- DAWSEY, Jhon C. *Schechner, teatro e antropologia*. Cadernos de Campo, no. 20. USP, São Paulo, 2011.
- DAWSEY, Jhon C. *De que riem os boias-frias? diários de antropologia e teatro*. Ed. Terceiro Nome, SP, 2013.
- DUARTE, JanLuis. *Reiventando Tradições: Representações e identidades da bruxaria NeoPagã no Brasil*, tese de doutorado, 2013.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azandes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FILHO, Celso Luiz Terzetti. *A Deusa não conhece fronteiras e fala todas as línguas: Um estudo sobre a religião Wicca nos Estados Unidos e no Brasil*, Tese de doutorado, PUC, 2016.
- FINKLER, Petrucia. *Os Quatro Saberes – A magia do Ar, do Fogo, da Água e da Terra*. Ed. Exito, Rio de Janeiro, 2019.
- FRISVOLD, Nicholaj de Mattos. *A arte dos Indomados*. Ed. Penumbra, São Paulo, 2017.
- GARDNER, Gerald. *A bruxaria hoje*. Ed. Madras, São Paulo, 2003.

GARDNER, Gerald. *O significado da Bruxaria – Uma introdução ao universo da magia*. Ed.Madras, São Paulo, 2004.

GENNEP, Arnold. Vann. *Os ritos de passagem*. 2. ed., Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2013.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. *A metodologia Kōkamou na prática da descolonização do saber nas Artes da Cena*. In: Anais da IX Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – Diversidade de saberes – As Artes Cênicas em Diálogo com o Mundo. V.18, n 1, 2017.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. *O(s) Corpo(s) Kōkamōu: A performatividade do pajé-hekura Yanomami da Região de Maturacá*. Tese de doutorado, UFAM, 2019.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. *Performance-Ritual UHPU: O indígena e o não indígena juntos na cena decolonial*. In: Revista Moringa, João Pessoa, V. 12 n. 1, jan/jun, 2021.

GOLDMAN, Marcio. *Da existência dos bruxos (ou como funciona a antropologia)*. Revista de @antropologia da UFSCar, R@U, 6 (1), jan./jun. 2014: 7-24.

HOWARD, Michael. *Children of Cain: A Study of Modern Traditional Witches*. Theree Hands Press, 2011.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *A queda do céu – Palavras de um xamã Yanomami*. Companhia das letras, São Paulo, 2015.

LANGDON, Esther Jean. *Performance e Preocupações Pós-Modernas na Antropologia*. In: TEIXEIRA, João Gabriel L.C (org.). *Performáticos, performance e sociedade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p. 23-29.

LANGDON, Esther Jean. *Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs*. In: Revista de antropologia Ilha. V. 8,n. 1 e 2, p. 163 – 183, jul./dez. 2009.

LANGDON, Esther Jean. *A performance da diversidade: O xamanismo como modo performático*. In: Revista Giz – Gesto, Imagem e Som. Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

- LANGDON, Esther Jean. HARTMAN. Luciana. *Tem um corpo nessa alma – Encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil*. ANPOCS, São Paulo, 2020.
- LANGER, Johnni. *Dossiê Feiticeira e Bruxaria: História e Práticas*. *Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, [S. l.]*, v. 14, n. 2, p. 248–251, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1982-6605.2017v14n2.37647.
- LANGER, Johnni. *A bruxa no medievo: origem e imaginário*. Módulo 1 do curso História da Bruxaria (UFPB), 2017.
- LATOUR, Bruno. *Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência*. Simpósio Theorizing the Body, Paris, vol. 10 (2/3) pp. 205-299, 2004.
- LAWLESS, Sarah Anne. *Introdução à bruxaria tradicional*. Disponível em: <https://aencruzilhada.wixsite.com/aencruzilhada/post/introdu%C3%A7%C3%A3o%C3%A0-bruxaria-tradicional>. Acessado em: 20 ago. 2020.
- LEFF, Enrique. *Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de saberes. Educação e Realidade*, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 17-24, 2009.
- LEFF, Enrique. *Saber Ambiental – Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LYRA. Luciana. *Artetnografia e Mitologia em arte – Práticas de formação do ator de f(r)icção*. Revista de estudo em artes cênicas, São Paulo, 2014.
- LYRA. Luciana. *Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo*. Urdimento, Florianópolis, v. 2, n. 38. Ago./set. 2020.
- LYRA. Luciana. *Uma academia toda nossa*. Dapesquisa, Florianópolis, v 15, Escrita Performativa, p. 01 – 08, out, 2020.
- MAIA, Gabriel Sodré. *Bahsamori – o tempo, as estações as etiquetas sociais dos Yepamahsã (Tukano)*. Ed. EDUA/UFAM, Manaus, 2018.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Ed. Cosac Naify, São Paulo 2003.
- MONTARDO, Deise Lucy. *Através do Mbaraka: Música e xamanismo guarani*. São Paulo: Edusp, 2009.
- MULLER, R. P. *Corpo e imagem em movimento: há uma alma neste corpo*. *Revista De Antropologia*, 43(2), 165-193. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012000000200008>, 2000.
- NEGRÃO, L. N. *Mágia e religião na umbanda*. *Revista USP*, (31), 76-89. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i31p76-89>, 1996.

NÓLETO, João Rafael Almeida. *Caminhos Piagas – Magia e Ancestralidade do Nordeste Brasileiro*. Ed. Clube dos Autores, 2005.

OLIVEIRA, Joana Cabral. AMOROSO, Marta. LIMA, Ana Gabriela Morin. SHITORI, Karen. MARRAS, Stelio. EMPEAIRE, Laure. *Vozes Vegetais – Diversidade, resistência e histórias da floresta*. Ubu Editora, 2021.

ORAPELLO, Christopher. MAGUÍRE, Tara-Love. *Um guia à bruxaria tradicional: A vassoura, o cajado e a espada*. Ed. Madras, São Paulo, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio e Luiz Rufino. *Fogo no mato a ciência encantada das macumbas*. Ed. Mórula, Rio de Janeiro, 2018.

PRITCHARD, Evans Edward. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azandes*. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2004.

RUSSEL, Jheffrey B. & ALEXANDER, Brooks. *História da Bruxaria*. Ed. Aleph, São Paulo, 2019.

SCHECHNER, Richard. *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Ed. Mauad, Rio de Janeiro, 2012.

SCHECHNER, Richard. *Pontos de Contato, Revisitados - antropologia e performance: Ensaio na pedra*. USP, São Paulo, 2013.

SCHECHNER, Richard. *O que é Performance?* Revista: O Percevejo, Rio de Janeiro, 2003.

SEEGER, A.; DA MATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. [1979]. *A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileira*. In: J. P. de OLIVEIRA FILHO. *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero/UFRJ, 1987.

SILVA, S.A. da. *Virgem/Mãe/Terra. Festas e tradições bolivianas na metrópole*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2003

SOUZA. Jeferson Bastos. *O corpo em estado alterado de consciência nos rituais da Tradição Farreliana de Manaus*. Revista Zona de Impacto, Rondônia, 2016.

SOUZA. Jeferson Bastos. *A influência do pensamento ameríndio em sendas pagãs: Um relato de experiências com o universo da bruxaria na cidade de Manaus*. Anais - XI Congresso da ABRACE, v. 21, Belo Horizonte, 2021.

STARHAWK. *A Dança Cósmica das Feiticeiras: o Renascimento da Consciência Espiritual feminista e da religião da Grande Deusa*. Ed. Pensamento, São Paulo, 2021.

- STENGERS, Isabele. *Reativar o animismo*. Ed. Chão da Feira, Belo Horizonte, 2017.
- SZTUTMAN, Renato. *Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers*, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 338-360, abr. 2018.
- TEIXEIRA, Faustino. *O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio*. Horizonte, v. 2, n. 3, Belo Horizonte, 2º sem. 2003, p. 19-38.
- TSING, Ana. *Viver nas ruínas: Paisagens Multiespécies no Antropoceno*. Ed. Mil folhas, DF, 2019.
- TSUGAMI, Susan Sanae. *DEUS PARA MIM É ODIN: O Paganismo Nórdico Contemporâneo no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Federal da Paraíba, 2019.
- TSUGAMI, Susan Sanae. SANTOS, Luciana. *O sagrado está no todo: Experiências de praticantes do (Neo)Paganismo como possibilidade de encontro holístico do ser*. Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica | Vol. XXVII-01 (2021) | 14-24.
- TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petropolis: Vozes, 1974 [1969].
- TURNER, Victor. *Do ritual ao teatro – A seriedade humana de brincar*. Ed. UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.
- VALIENTE e JONES, Doreen e Evan Jhon. *Feitiçaria – A tradição renovada*. Ed. Bertrand Brasil S.A., São Paulo, 1992.
- VALIENTE, Doreen. *Enciclopédia da Bruxaria*. Ed. Madras, São Paulo, 2009.
- VANZOLINE, Marina. *A flecha do ciúme – O parentesco e seu avesso segundo os Aweti do Alto Xingu*. Ed. Terceiro Nome, São Paulo, 2015.